

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**JOVENS DE GRUPO DA PASTORAL DA JUVENTUDE NO BAIRRO RESTINGA
DE PORTO ALEGRE – RS: IDENTIDADES E SABERES**

MARÍCIA DA SILVA FERRI

PORTO ALEGRE, 2006.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

F388j

Ferri, Marília da Silva

Jovens de grupo da pastoral da juventude no bairro Restinga de Porto Alegre,
RS: identidades e saberes / Marília da Silva Ferri. – Porto Alegre, 2006.
000 f.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, 2006.
Orientador: Profa. Dra. Bettina Steren dos Santos

1. Educação – jovem 2. Religião - juventude 3. Pastoral da juventude –
Porto Alegre, RS 4. Relações interpessoais – jovem 5. Grupo social - jovem I.
Santos, Bettina Steren dos, orient. II. Título.

CDU 253
267.6
316.35-053.6
374.3

(Responsável: Bibliotecária Débora C. Thomé – CRB 10/1390)

MARÍCIA DA SILVA FERRI

**JOVENS DE GRUPO DA PASTORAL DA JUVENTUDE NO BAIRRO RESTINGA
DE PORTO ALEGRE – RS: IDENTIDADES E SABERES**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação

Orientadora: Prof^ª Dra. Bettina Steren dos Santos

Porto Alegre, 2006.

MARÍCIA DA SILVA FERRI

**JOVENS DE GRUPO DA PASTORAL DA JUVENTUDE NO BAIRRO RESTINGA
DE PORTO ALEGRE – RS: IDENTIDADES E SABERES**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação

Banca examinadora

Prof^ª Dra. Bettina Steren dos Santos

PUCRS

Prof^ª Dra. Maria Stephanou

UFRGS

Prof^ª Dra. Maria Helena Camara Bastos

PUCRS

Porto Alegre, 2006

Dedico com carinho à minha mãe, Jandira, pelo seu exemplo de coragem, força, dedicação, luta e persistência. Por ter me ensinado diariamente que é possível acreditar nos sonhos.

Agradecimentos

Ao longo dos últimos dois anos, muitas têm sido as pessoas a quem gostaria de agradecer. Poder contar com pessoas e instituições nessa travessia de caminho foi muito gratificante. Por isso a todos agradeço, carinhosamente e em especial:

À Deus, força presente na minha vida.

À minha família cujo apoio incondicional viabilizou a realização deste trabalho.

À Carmem Zeli, minha grande amiga e incentivadora, que sempre esteve presente, acolhendo afetivamente minhas angústias e indicando novos caminhos.

À Prof^a Bettina Steren dos Santos, orientadora da dissertação, pelas conversas sensíveis, paciência, dedicação e disponibilidade nos momentos difíceis.

Ao CNPQ que tornou possível a realização dessa pesquisa.

Aos Jovens do grupo JOSAC, pela abertura e acolhida e à Irmã Elisete, pelo carinho, apoio e interesse demonstrado pelo trabalho.

A todos os meus amigos e amigas que entenderam os momentos e o “enclausuramento” para estudar.

Às demais pessoas com as quais compartilhei diversos momentos de troca de idéias, discussões e sentimentos e que contribuíram para a minha formação.

RESUMO

O tema deste trabalho é a juventude. Propõe-se a discutir as aprendizagens construídas pelos jovens do grupo da Pastoral da Juventude na periferia de Porto Alegre, no bairro Restinga. Este estudo tem como objetivo analisar a aproximação dos jovens em seu grupo religioso, para procurar entender as lógicas internas do grupo, as aprendizagens que constroem, assim como saber das relações que estabelecem com outros segmentos externos ao grupo. A pesquisa foi desenvolvida numa abordagem qualitativa, utilizando como método o estudo de caso e foi desenvolvida com 10 jovens participantes. Como instrumentos de coleta de dados utilizamos importantes estratégias usadas na pesquisa: Diário de campo, observação, entrevistas individuais e coletivas. A partir dos dados, foi realizada uma análise que gerou as seguintes categorias: identidades, socialização, aprendizagens e religião. Autores como Melucci (1997), Spósito (1996), Pais (1993) constituem as principais referências teóricas deste estudo. A investigação aponta que o grupo religioso é um espaço privilegiado de construção de identidades. No grupo, os jovens envolvem-se, fazem amizades e tomam consciência de que a vida com o outro pode ser educadora. A Pastoral da Juventude proporciona momentos para a revisão de vida, o debate, as trocas com jovens de diferentes realidades e o fortalecimento de valores. Fatores como a amizade, a solidariedade e a convivência com as diferenças são pontos fortes. O grupo é o espaço da construção da auto-estima, da troca, da amizade, do acolhimento, da crítica, mas, acima de tudo, de construção de uma imagem positiva de si. A Igreja ainda é uma das instituições tradicionais que consegue nuclear os jovens e dar autonomia a eles.

Palavras-chave: Jovens, Religião, Igreja, Juventude, Identidade, Socialização, Aprendizagem.

ABSTRACT

The Subject matter of this study is YOUTH. It proposes to discuss the learnings constructed by the youth of a Youth Pastoral Group of a poor area of Porto Alegre at Restinga neighborhood. As a goal, it has the approach of the youths in their Religious Group to seek to understand the internal logics of the group, the learnings that they construct, as well as the relationships they establish toward other external segments to the group. The research was developed in a quality approach, using as method the “study of a case” and was developed with ten adolescents, who are the involved participants. As instrument for the collage of data, we used Field Diary - observation, individual and group interviews were important strategies used in the research. From these data, an analysis of contents was made that generated the following categories: identities, socialization, learnings and Religion. Authors like Melucci (1997), Spósito (1996), Pais (1993) constitute the main theoretical references of this study. The investigation points out that the religious group is a privileged space to build identities. In a group, the youths involve themselves, build relationships, and get aware that life with someone else can be of education. The Pastoral of Youth provides moments to review life, discussion, exchange experiences with groups from other realities and strengthen values. Key-factors like friendship, solidarity and living with differences are strong highlights. The group is a space of constructing self-esteem, share experiences, friendships, welcoming/ accepting, criticism, but overall, the construction of a positive image of him/herself. The Church is still, one of the traditional institutions, that has the power to nuclear the youths and gives autonomy to them.

KEY-WORDS: Youths, Religion, Church, Identity, Socialization, Learnings.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. O CAMINHO PERCORRIDO	17
2.1 Entrevista	20
3. JUVENTUDES	23
3.1. Juventudes: Iguais e Diferentes	23
4. ESTUDOS SOBRE JUVENTUDE E RELIGIÃO	30
4.1 A Pastoral da Juventude: Aprendizagens e Desafios	42
4.1.1. Missão da Pastoral da Juventude	44
4.1.2. Princípios Norteadores da Pastoral da Juventude	45
4.1.3. As Etapas de um Grupo da Pastoral da Juventude	48
4.1.4. Processo de Educação na Fé	49
4.1.5. Recursos Pedagógicos da Pastoral da Juventude	51
5. O CENÁRIO DA PESQUISA	54
5.1 O Grupo Pesquisado	54
5.2 O Grupo Pesquisado: Jovens semeando o amor de Cristo	56
5.2.1. Resgatando a trajetória do grupo	56
5.2.2. Sobre os jovens que participam do grupo	60
5.2.3. Perfil dos jovens que participam do grupo JOSAC	61
6. TECENDO PEDAGOGIAS PENSADAS E VIVIDAS	69
6.1 Identidades construídas	70
6.2 Tempo e sociabilidade juvenil	77
6.2.1. Os amigos que tenho aqui são os amigos de sempre... ..	84
6.3 O significado da Religião para os jovens pesquisados	89
7. PARA CONTINUAR PENSANDO	96
8. REFERÊNCIAS	101
9. ANEXOS	107

LISTA DE TABELAS

1. Distribuição da produção em juventude, por temas32
2. Distribuição da produção sobre juventude, por subperíodo.....33
3. Participação dos Jovens em grupos/entidades/movimentos42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABUB – Aliança Bíblica Universitária do Brasil
ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CAJO – Curso de Assesores de Jovens
CECORES – Centro Comunitário da Restinga
CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano
COREPAL – Coordenação Regional de Pastoral
DEMHAB – Departamento Municipal da Habitação
DNJ – Dia Nacional da Juventude
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
EPTC – Empresa Pública de Transporte Coletivo
GT – Grupo de trabalho
IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
IPJ – Instituto da Pastoral da Juventude
JAC – Juventude Agrária Católica
JEC – Juventude Estudantil Católica
JI C – Juventude Independente Católica
JOC – Juventude Operária Católica
JOSAC – Jovens Semeando o Amor de Cristo
JUC – Juventude Universitária Católica
MIRE – Movimento Místico e Revolução
NIUE – Núcleo de Integração Universidade e Escola
PJ – Pastoral da Juventude
PJ/RS – Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul
PROUNI – Programa Universidade para Todos

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ULBRA – universidade Luterana do Brasil

UNE – União Nacional dos Estudantes

1. INTRODUÇÃO

O Curso de Mestrado em Educação me proporcionou momentos significativos para repensar minha prática docente, a partir de muitas inquietações e perspectivas de mudança. Acredito que o educador está em constante processo de formação e a busca pelo conhecimento também parte de uma abertura ao novo, com um olhar aberto na perspectiva de compreensão do outro.

Não posso desconsiderar que meu interesse por questões ligadas à religião é de longa data. Minha família é católica e desde cedo sempre participei dos rituais da Igreja: Batizado, Primeira Eucaristia e Crisma. Participei do Movimento Juvenil pela Unidade¹, no qual me encontrava com outros jovens, cujo objetivo era fomentar a união entre as pessoas através de ações de solidariedade. Tive a oportunidade de participar da Jornada Mundial da Juventude, em Roma, no ano 2000 – um momento ímpar na minha vida: o convívio com jovens de diferentes países e de diferentes culturas, vivendo uma experiência que foi única para cada um presente. Durante o Ensino Médio, como estudante, participei, por um ano, da Pastoral da Juventude Estudantil, cuja raiz é a Pastoral da Juventude.

Minha atuação como Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio, em Santo Antônio da Patrulha e, atualmente, Supervisora Educacional do Ensino Médio na rede privada de uma escola de Porto Alegre, oportunizou-me aproximações tanto com professores desse nível de ensino como também com a juventude – foco do trabalho docente.

Pensando no papel do educador, cito Miguel Arroyo (2000):

“Nosso ofício de mestre é esse. É dar a mão a cada criança, a cada jovem, adolescente ou adulto abertos a se formar, abertos à vontade de ser, à procura de alguém que os oriente, nessas travessias complicadas do vir a ser, do ser alguém.”

¹ O Movimento Juvenil pela Unidade surgiu em 1984, como expressão juvenil do Movimento dos Focolares (Movimento Internacional que está presente em 182 países). É um movimento ecumênico que objetiva colocar em prática "A Regra de Ouro", que consiste num só princípio: "Faça aos outros aquilo que gostaria que fosse feito a você".

Tenho percebido a dificuldade dos educadores do Ensino Médio no desenvolvimento do seu ofício de mestre. Há uma espécie de mal estar entre os docentes e frustrações por não atingirem resultados significativos com os alunos.

No ano de 2002, participei da Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) que ocorreu em Caxambu – MG. Fui para o encontro com o objetivo de conhecer as pesquisas que estavam sendo desenvolvidas com relação ao Ensino Médio. Um dos Grupos de Trabalho (GT) que me chamou a atenção foi o dos Movimentos Sociais e Educação, pois estavam apresentando resultados preliminares de pesquisas que estavam sendo desenvolvidas sobre a juventude. A partir daí, senti um encantamento pela temática, pois vinha ao encontro das necessidades vivenciadas na escola.

Em 2005, participei de um Curso de Formação: *Jovens, Educação e Participação Social*, promovido pelo Núcleo de Integração Universidade e Escola (NIU&E) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Foi um curso que provocou novas inquietações na medida em que não ficávamos somente na teoria, fizemos pesquisas na escola e discutíamos os resultados à luz das teorias estudadas. Foi muito significativo, também, porque estava num momento de definição do Projeto de Pesquisa do Mestrado em Educação na PUC/RS.

Embora eu não estude diretamente a escola, a motivação principal para o desenvolvimento dessa investigação é de natureza educativa. Trago uma manifestação de Arroyo (2000, p. 244), que me incentiva nessa busca:

“Que os educadores conheçam mais os educandos não apenas como sujeitos de aprendizagens, de alfabetização, mas como sujeitos humanos, sociais, culturais. Conhecê-los na concretude de suas existências. Conhecer a história social da infância, da adolescência e juventude. Não apenas como o imaginário social e a mídia impõem suas imagens da infância, adolescência e juventude e como o mercado configura demandas, músicas e roupas, gestos e culturas”.

Nesse sentido é que me lancei na pesquisa com o propósito de enxergar o jovem além da condição de aluno.

Spósito (1999, p. 8) sinalizou que os meios de comunicação contribuíram para trazer à arena pública o tema da juventude. No entanto, também propiciaram o surgimento de vários estereótipos sobre uma pretensa condição juvenil, homogênea e com características

universais, que atingiriam de igual modo a todos os jovens. Os jovens, atualmente, são encarados a partir de uma opinião pré-formada, separando-os em categorias. Se considerarmos a classe social, os jovens da periferia são vistos como violentos e marginais, enquanto os da classe mais elevada são vistos como consumistas e individualistas. Portanto, a imagem construída sobre esses jovens nos remete a uma idéia negativa dos mesmos. No sentido de olhar os jovens não como problema, mas como protagonistas e sujeitos da história, é que me desafio nessa investigação.

A juventude, vista como repleta de possibilidades, é uma idéia expressa por Melucci (1997, p. 11), “desafiando a noção dominante de tempo, os adolescentes anunciam para o resto da sociedade que outras dimensões da experiência humana são possíveis. Estudar os jovens é instigante, pois, num tempo de mudanças, no qual a unidade, a constância e a regularidade dão lugar à diversidade, à fragmentação e ao efêmero, são os jovens protagonistas privilegiados desta transição.” Isso me faz pensar sobre as incertezas pelas quais nós todos vivemos. Não só a juventude, mas também nós, adultos, estamos nos constituindo e construindo novas aprendizagens nesse mundo de aceleradas mudanças.

Segundo Marília Spósito (2006)², ainda é pequeno o número de trabalhos dedicados a perceber como os jovens elaboram suas situações de vida, formas de socialização e atuação. O trabalho de Spósito evidencia lacuna quanto aos estudos dos grupos juvenis, tendo em vista que a maioria das pesquisas já realizadas privilegiam temas relacionados ao mundo do trabalho, escola, aspectos psicossociais dos adolescentes, entre outros.

Considerando a importância social de melhores conhecimentos sobre a juventude, procurei afastar o olhar da escola para buscar mais elementos que me ajudassem a entender o jovem e o aluno. Esse afastamento, de certa forma, possibilitou-me ver que a) a categoria aluno é limitada à análise e interpretação do que esse aluno representa perante a própria instituição escolar e a sociedade, mas é a condição juvenil que o legitima como categoria sociocultural da contemporaneidade; b) para melhor entender o segmento jovem, faz-se necessário recorrer a possíveis relações e interlocuções com outras áreas do conhecimento e assim melhor interpretar as práticas sociais dos jovens.

² A autora fez um balanço sobre a produção de conhecimento sobre o tema Juventude, apontando questões advindas do estudo de dissertações e teses defendidas nos Programas de Pós Graduação em Educação, de 1980 a 1995. A constituição desse acervo chamado *Estado do Conhecimento sobre Juventude na Área de Educação no Brasil*, foi realizado por uma equipe de pesquisadores de várias instituições com a coordenação de Marília Pontes Spósito, partilhada por outra equipe de pesquisadores, coordenada por Sérgio Haddad.

Aproximar-se dos jovens em seu grupo religioso para procurar entender as lógicas internas do grupo, as aprendizagens que constroem, assim como saber das relações que estes estabelecem com outros segmentos externos ao grupo – a família, a escola, o trabalho – significa expor-se a múltiplas questões que instigam seu desvelamento. Dessas questões priorizei as de maior visibilidade e as que seriam de interesse para a pesquisa, ou seja: que aprendizagens são construídas no grupo e a partir desse? Ocorreram mudanças significativas em suas vidas após a entrada no grupo? O que significa a religião para esses jovens e de que forma a vivenciam? Qual é o sentido da escola para esses jovens? Qual peso das Instituições tradicionais na construção da sociabilidade dos jovens em seu grupo da pastoral? Que redes existem a partir do grupo? Qual é o significado do estar junto mediado pela religião? Quais as formas de socialização construídas por eles a partir da vivência em grupo?

Estruturei a dissertação de forma que, primeiramente falarei do caminho percorrido nessa constituição do “se tornar pesquisadora”. No terceiro capítulo, falo sobre as Juventudes, buscando teóricos que me ajudaram a entender os conceitos presentes no termo. Fez-se necessário conhecer pesquisas sobre Juventude e Religião bem como aprofundar os conhecimentos sobre a Pastoral da Juventude.

No quinto capítulo, apresento o Cenário da Pesquisa: A Restinga: observações apressadas. No sexto capítulo procuro tecer as pedagogias pensadas e vividas pelos jovens pesquisados. Não expondo uma conclusão, deixo reflexões para continuarmos pensando.

2. O CAMINHO PERCORRIDO

A opção pelo método busca responder como será o caminho que o pesquisador irá percorrer no decorrer do seu trabalho. Para tanto, minha escolha metodológica foi pela abordagem qualitativa, cujo objetivo é a compreensão do comportamento e a experiência humana, procurando apreender os processos pelos quais os homens constroem seus significados, visando à descrição dos mesmos. (Kude, 2001).

De acordo com Minayo (2003), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado:

Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 21)

Bauer e Gaskell (2003) destacam que a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão.

Flick (2004) acentua estas idéias e acrescenta que a pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais. Portanto, as teorias são desenvolvidas a partir de estudos empíricos nos quais o conhecimento e a prática são estudados como conhecimento e práticas locais, nesta perspectiva.

A pesquisa qualitativa não busca generalizações, pelo contrário, acredita na compreensão da realidade única, com características próprias e intransferíveis. De acordo com Flick (2004), os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador como um campo e seus membros como parte explícita da produção de conhecimento, ao invés de excluí-la ao máximo como variável intermediária. Para este autor,

As subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas ações e observações no campo, suas impressões, irritações, sentimentos, e assim por diante, tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação (p.22).

Considerando minha subjetividade como pesquisadora, procurei ter o cuidado de, segundo Laville e Dionne (1999), considerar atentamente a natureza do objeto de estudo, sua complexidade, sempre zelando para não deformá-lo ou reduzi-lo. Segundo estes autores,

Os fenômenos humanos repousam sobre a *multicausalidade*, ou seja, sobre um encadeamento de fatores, de natureza e de peso variáveis, que se conjugam e interagem. É isso que se deve compreender, estima-se, para verdadeiramente conhecer os fatos humanos (p. 41)

A pesquisa é um *olhar* do pesquisador para uma determinada realidade na esperança de fazer algo e de fazer por si. É um longo caminho, repleto de incertezas e permeado por momentos de angústia, alegria e descobertas. Optei pela realização de um Estudo de Caso por ser uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Segundo Yin (2000), a clara necessidade pelos estudos de caso surge do desejo de se compreender fenômenos complexos. O estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real. Este tipo de estudo é estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes. O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta dos acontecimentos que estão sendo estudados e entrevistas com pessoas neles envolvidas. O poder diferenciador desta forma de estudo é sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências: documentos, artefatos, entrevistas e observações.

Minayo (2003) concebe campo de pesquisa como o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto de investigação.

Quando decidi pesquisar um grupo da Pastoral da Juventude procurei o Instituto da Pastoral da Juventude – IPJ/RS, pois queria saber quais grupos existiam na cidade. Das diversas possibilidades, escolhi um grupo da periferia de Porto Alegre e, para essa escolha, considerei o tempo de existência do grupo como um critério importante já que o JOSAC (Jovens Semeando o Amor de Cristo) é um grupo que atua na comunidade desde 2003.

Bauer e Gaskell (2003) postulam que não existe um método para selecionar os entrevistados das investigações qualitativas. Nessas pesquisas, devido ao fato de o número de entrevistados ser necessariamente pequeno, o pesquisador deve usar a imaginação social científica para montar a eleição dos respondentes.

A partir do momento em que fiz a opção pelo grupo, fiz contato com a assessora e fui informada dos horários de encontros do grupo. Estava ansiosa para senti-los e vê-los deixando vir à tona o olhar da pesquisadora.

Foram várias idas e vindas, e nesse percurso realizei observações, entrevistas, participei de encontros com representantes de outros grupos da Pastoral da Juventude, participei de reuniões do JOSAC, participei, também, do Dia Nacional da Juventude.

O trabalho de investigação foi repleto de aprendizados que me ensinaram a tirar proveito da riqueza dos imprevistos e a entender a fragilidade das previsões. Lembro-me do primeiro dia em que fui ao centro de Porto Alegre pegar o ônibus que me levaria à Restinga. Em um sábado à tarde, uma fila imensa aguardando o transporte. Muitas pessoas em pé, em um trajeto que demorou cerca de uma hora. Ali comecei meu processo de conhecimento dessa nova realidade. Foi um trabalho que exigiu atenção e sensibilidade.

Foram muitos sábados à tarde que me desloquei a fim de acompanhar o grupo. Desejava sentir aquele ambiente, conhecer aqueles jovens e suas redes de relacionamento. Sempre chegava uma hora antes da reunião e ficava conversando com os jovens e também com a Irmã Elisa. No primeiro dia em que fui à Restinga, senti certo medo porque não conhecia o bairro e somente havia feito contato por telefone. No ônibus, nas ruas, na praça, no Centro Administrativo da Restinga, ao olhar o rosto das pessoas surgia uma curiosidade em conhecer um pouco da história daquele bairro, das atividades que desenvolviam, dos espaços destinados ao lazer, das formas de socialização, enfim, surgiam várias questões permeadas pelo desejo das descobertas.

Definidos os sujeitos da pesquisa – jovens do bairro Restinga, periferia de Porto Alegre, que participam do grupo JOSAC, ligado à Pastoral da Juventude – fez-se necessário uma retomada da história da Restinga e do grupo de jovens, o qual falarei no capítulo quatro. No decorrer da investigação, utilizei entrevistas individuais, coletivas e observações das atividades realizadas pelo grupo.

2.1. Entrevistas

Na pesquisa qualitativa que caracteriza este estudo utilizei a entrevista como um dos instrumentos para a coleta de dados, pois, concordando com Minayo (2003), a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta de dados relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Preocupada com as questões éticas, procurei explicitar ao entrevistados os objetivos das entrevistas e os possíveis usos que faria, sendo fiel não apenas às suas palavras, mas ao sentido da entrevista.

Além disso, a autora considera a entrevista como uma conversa a dois com propósitos bem definidos:

Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como meio de coleta de informações sobre determinado tema científico (Minayo, 2003, p. 57).

Alves – Mazzotti (2002) acrescenta que por sua natureza interativa, a entrevista permite tratar temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade.

Abramovay e Castro (2003) destacam:

A utilização da entrevista como método se apóia na convicção que os atores não são simples agentes, portadores de determinadas estruturas, mas sim produtores ativos do social, depositários de um saber importante que compõe o seu sistema de valores (p. 49).

A entrevista permite ao informante descrever o que considera significativo, usando seus próprios critérios e palavras, sem ficar restrito a determinadas categorias fechadas. Além disso, admite que o entrevistador esclareça o informante sobre o exato significado do que pretende conhecer, tornando as perguntas mais acuradas e as respostas mais fidedignas (Abramovay e Castro, 2003).

Optei por realizar entrevistas semi-estruturadas que, por sua flexibilidade, possibilitam um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores (Laville e Dione, 1999, p. 189).

Toda a pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. A entrevista é uma interação, uma troca de idéias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Com relação a isso, tanto o entrevistador como o entrevistado estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de um determinado conhecimento (Bauer; Gaskell, 2003).

Santos (1993) diz que “lembrar e esquecer adquirem significado mais amplo em sua especificidade histórica”. Ou seja, a memória não pode ser pensada fora de um tempo e de um espaço. Não podemos nos descuidar das razões pelas quais as pessoas constroem suas memórias. É importante para o pesquisador questionar, constantemente, o sentido de que um relato está querendo produzir. Por que oculta alguns pontos e enfatiza outros?

Inicialmente, comecei observando os encontros do grupo que se realizavam todos os sábados, das 17h às 19h. Nesses primeiros encontros apenas escrevia o que era possível, e, no período imediatamente posterior ao contato, registrava minhas impressões. Quando senti o grupo mais a vontade com a minha presença, iniciei as entrevistas com roteiros flexíveis e as gravei. Realizei, também, cinco entrevistas coletivas que se caracterizaram como momentos de grandes aprendizagens e muitos questionamentos.

Nas três entrevistas individuais gravadas, um conjunto mínimo de indagações era elaborado para sustentar o diálogo com os jovens. No entanto, muitas foram as ocasiões em que a conversa tomou rumos completamente diferentes do planejado.

Pais (1993) diz que a informação que nos é dada nas entrevistas não nos dá a realidade dos indivíduos, mas as entrevistas são importantes não apenas pelo que elas nos

informam sobre a realidade, mas também sobre o que elas informam em relação a quem opina.

Segundo o autor:

Não é apenas importante saber se o que os jovens nos dizem corresponde ou não à realidade (isto é a realidade que geralmente se pensa ser 'real'). É também importante ter acesso a outra realidade: a que resulta da forma como os jovens descrevem as suas próprias realidades, seja essa descrição isenta ou não de distorções voluntárias ou involuntárias (Pais, 1993, p. 83)

A função da entrevista parece pretender chegar ao não visto, ou como assinala Pais (1993, p. 82) chegar ao entrevisto. “O entrevisto é justamente o ‘visto imperfeitamente’, o ‘mal visto’, o apenas ‘previsto’ ou ‘pressentido’”.

Em vários momentos de escuta aos jovens fiquei pensando na escola, no ensino Médio, nas possibilidades de escuta aos alunos. Procurei realizar as entrevistas numa atitude aberta a muitas variáveis de como as coisas podem ser. Enriqueci minha experiência a partir das entrevistas. Foram momentos de reflexão e fico com a sensação de que poderia ter mergulhado mais profundo nos mesmos temas, de forma a perceber novos ângulos, pois a cada nova entrevista se abriam outras questões.

3. JUVENTUDES

Na sociologia da educação, há um conjunto de definições para juventude. É uma condição social e uma representação. O ciclo de vida é usado pela sociedade para estabelecer a relação sociedade e indivíduo. Mas as classificações são socialmente produzidas e cada grupo social tende a caracterizar sua representação como universal. Na sociedade ocidental, é tradição pensar os ciclos da vida como contendo um conjunto de valores e sanções. Esse conjunto de sanções e comportamentos faz com que a idade nos aprisione e nos imponha uma identidade. Peralva (1997) chama a atenção para as etapas da vida, onde o adulto é o ápice como se a cada idade que você tem, você vai deixando as outras para trás. Neste contexto, surge um conjunto de modelos a respeito dos jovens: *Juventude como um “vir a ser”* (o tempo todo estamos jogando para o futuro e negando o jovem real – o jovem passa a ser aquele que não é) ou *juventude como tempo de crise e problemas*. É preciso desconstruir esses modelos considerando o jovem real (diferentes noções de juventude vão sendo construídas na história). Melucci (1991) fala no desenvolvimento humano como um espiral, um conjunto de experiências que vamos vivenciando, acumulando. Uma idade não elimina a outra, mas a contém.

3.1. Juventudes: Iguais e Diferentes

Os termos juventude e adolescência são de conceituação complexa e as tentativas nesse sentido não podem desprezar as perspectivas de análise demográfica, biopsicossocial e sociológica.

Em pesquisas desenvolvidas pela UNESCO (2003), há distinção entre juventude e adolescência no que se refere aos aspectos sociais, culturais e emocionais. O termo juventude tem um sentido dinâmico e coletivo, e remete a um segmento populacional

que faz parte de uma determinada sociedade, ao passo que a adolescência conduz a um aspecto mais relacionado ao plano individual e demarcado cronologicamente. Pesquisas indicam que não há uma única definição de juventude e adolescência aceita por todos.

Sposito (1997), em pesquisa que visa oferecer dados a partir das investigações sobre os estudos da juventude na área da educação, evidencia que os estudos de cunho psicológico tendem a privilegiar os aspectos negativos da adolescência, sua instabilidade, irreverência, insegurança e revolta. Já os estudos sociológicos, ora investem nos atributos positivos dos segmentos juvenis, responsáveis pela mudança social, ora acentuam a dimensão negativa dos problemas sociais do desvio.

Os jovens, segundo as Nações Unidas, são indivíduos com idade entre 15 a 24 anos. Mas sabemos que o critério idade não é suficiente para definir uma categoria com características tão diferentes. Também não podemos vê-la como um grupo social diferente, pois agrega diferentes sujeitos que só têm em comum a idade. Os jovens são os sujeitos que vivem uma diversidade.

Um aspecto a considerar é a idéia de ter uma idade ou pertencer a uma idade. Lloret (1998) diz que os anos nos têm e nos fazem crianças, jovens, adultos ou velhos e pertencer a um grupo de idade significa ter que se adequar a um conjunto de coisas que podemos ou não fazer. E a vida passa a ser graduada a partir da idade: idade escolar, idade do trabalho, idade militar, idade da rebeldia. Evidentemente que a idade adulta é proposta como a meta a ser alcançada, como diz Lloret (1998, p. 18):

A postura ereta e a maior estatura do homem adulto configuram a imagem do modelo a alcançar em uma etapa ou ápice de máxima potência; precede-a outra que indica um presente reduzido, porém, numa direção de crescimento; segue-lhe a figura declinante do velho que parece denunciar o ocaso.

A idade não é, portanto, somente um conjunto de anos que se vai agregando em um processo linear, mas determina expectativas e comportamentos, podendo tornar o tempo um inimigo. Contudo, diz Lloret (1998, p. 20) que no devir das experiências e respostas existenciais, uma idade não elimina a outra, mas a contém. Em vez de se pensar na juventude como um momento de preparação para algo que está por vir, alimentando preconceitos e hierarquizações, acreditar que “o menino e a menina, o jovem e a jovem estão na pessoa adulta

ou velha e, inclusive, os meninos e as meninas podem responder como adultos em determinadas situações”.

Spósito (1997), reconhecendo que a própria definição da categoria juventude encerra um problema sociológico passível de investigação, aponta que o modo como se dá a passagem – heteronomia da criança para a autonomia do adulto, a duração e as características têm variado nos processos e formas de abordagem dos trabalhos que tradicionalmente se dedicam ao tema. Também porque a estruturação das idades difere enormemente de uma sociedade à outra. Ariès (1981) fala que, no período pré-industrial, não existia a adolescência como é entendida hoje e a infância não estava separada do mundo adulto. Aos sete ou oito anos de idade, mandavam-se os filhos para a casa de outros como aprendizes. O sistema escolar não era de grande abrangência e não se tinha uma homogeneização institucional das classes de idade. Então, a categoria jovem poderia abranger indivíduos dos 6 aos 40 anos de idade.

Souza (2003), em sua pesquisa sobre as práticas educativas de jovens em Santo Antônio da Patrulha, faz uma reflexão sobre os estudos da juventude. Nesta, aponta que, segundo Ariès (1981), são os humanistas e religiosos que proliferaram, a partir do século XV, teorias e práticas que distinguem a infância da juventude e da vida adulta, concomitantemente a isso, o crescimento do ensino que separa as crianças e jovens dos adultos. *Emílio*, de Rousseau, é a obra que vai produzir, em nível teórico, a concepção moderna de infância e adolescência – matriz do que será depois a juventude. A adolescência será definida por Rousseau como um *segundo nascimento*, uma espécie de metamorfose, de renovação total e dramática: o estágio da existência em que se revela o senso social, a emotividade e a consciência. A amizade e o amor que caracterizaram a adolescência servem como contraponto à perversidade do mundo adulto. Rousseau compara o tempo dos homens ao movimento das estações climáticas. O homem nasceria no verão da humanidade; floresceria na primavera da juventude; alcançaria a maturidade no outono; e teria no inverno o encontro com a velhice e a morte. Uma época, segundo ele, especialmente turbulenta, que deve ser vigiada. Essa concepção consolida-se no século XIX e, junto a ela, um interesse novo pela juventude, tempo além da turbulência, caracterizado por um excesso de paixão irracional que deveria ser vigiado e enclausurado.

Para Galland (1991), a entrada na vida adulta significa ultrapassar três etapas importantes, delimitadas pela partida da família de origem, pela entrada na vida profissional e pela formação de um casal. Segundo este autor, os segmentos operários eram caracterizados, no início do século, pela instantaneidade da passagem da infância à vida adulta e pela concordância necessária dessas três etapas. Em oposição, o modelo burguês delineava-se pela idéia do “diletantismo”, que possibilitava adiar o momento e as etapas definitivas de entrada na vida adulta sem renunciar, no entanto, a conhecer certas formas de independência.

As transformações observadas nos sistemas escolares ao longo do século XX, que definiram um alongamento da permanência no interior da escola para novos segmentos sociais e as condições diferenciais de acesso ao mundo do trabalho – se significar a formação de uma nova unidade conjugal ou o abandono da casa paterna – exigiram novas modalidades de compreensão para essa passagem, sobretudo nas sociedades urbanizadas, tanto centrais como periféricas. Chamboredon (1997) propõe, assim, a multiplicidade e a desconexão das diferentes etapas de entrada na vida adulta. Em decorrência, tanto a *descristalização*, significando dissociação no exercício de algumas funções adultas, e a *latência*, que separa a posse de alguns atributos do seu imediato exercício, seriam elementos importantes para o estudo dos jovens nos dias atuais. A *descristalização* oferece como exemplo o exercício das atividades adultas da sexualidade já na puberdade, dissociado das funções reprodutivas e familiares. A latência seria ilustrada pela situação de posse de habilitação profissional oferecida pelo sistema escolar sem o imediato ingresso no mercado de trabalho.

A precariedade da perspectiva cultural nas investigações sobre os jovens os transformou em uma ponte, sem maior identidade, entre a infância e a idade adulta. Este não-lugar sociológico de transição nos afasta sensivelmente daquilo que o jovem experimenta como sendo a sua verdadeira identidade, que não se constitui isoladamente, mas que refaz os seus sentidos nos diversos relacionamentos que se estabelecem com os adultos e o conjunto de ações culturais da juventude.

Não podemos perceber a juventude como um momento da vida que marcaria a saída da infância até o ingresso no mundo adulto, vivido de maneira homogênea, pois estaríamos ignorando as condições histórico-culturais dos integrantes dessa categoria.

Segundo Levi e Schmitt (1996, p. 19), essa “época da vida” não pode ser definida com clareza por quantificações demográficas, nem por definições de tipo jurídica, e é

por isso que nos parece substancialmente inútil tentar identificar e estabelecer, como fizeram outros, limites muito nítidos.

Pais (1993) diz que a juventude é uma categoria socialmente construída. Portanto, sujeita a modificar-se ao longo do tempo. Segundo ele, a segmentarização do curso da vida em sucessivas fases é produto de um complexo processo de construção social. No dia-a-dia, os indivíduos tomam consciência de determinadas características e, se estas afetam um universo considerável de indivíduos pertencentes a uma geração, elas são culturalmente incorporadas. Se essas características de um período da vida se apresentam como expressão de problemas, então atraem a atenção dos poderes públicos, tornando-se objeto de medidas legislativas ou não.

Se usarmos a idade como critério para agrupar as pessoas, implicitamente estaríamos usando o caráter da transitoriedade. Neste caso, a juventude representaria uma transição, e ser jovem seria estar em uma condição provisória. Segundo Melucci (1997), este modo de ver a juventude como mera transição decorre de uma compreensão da vida adulta como estável em oposição à instabilidade juvenil, fato que não se sustenta hoje, pois a sociedade contemporânea é marcada pela incerteza, mobilidade, transitoriedade e abertura para a mudança. Os atributos tradicionais da juventude parecem ter se deslocado para além dos limites biológicos.

Melucci (2001, p. 138) diz que

La juventud no es una condición enteramente biológica, sino que también es cultural. Los individuos no son jóvenes porque (o solo porque) tengan una cierta edad, sino porque siguen unos ciertos estilos de consumo o ciertos códigos de comportamiento y vestimento. Ahora, la adolescencia se prolonga mucho más allá de sus fronteras biológicas, y las obligaciones para con la vida adulta se posponen hasta después de los veinticinco e incluso de los treinta años.

A partir dessa citação de Melucci, percebemos uma dificuldade para responder questões relacionadas à identidade, pois as referências da sociedade tradicional, os ritos de passagem, não se configuram mais como possibilidade para qualquer definição de juventude. Segundo o autor, em um contexto cultural marcado por diferentes pertencimentos, interações globais, explosão de oportunidades para a experiência individual, as fronteiras entre juventude e maturidade evaporaram-se.

Diferentes autores que trabalham com a temática da juventude trazem um novo significado para esses estudos, colocando o jovem como protagonista de um tempo de possibilidades. Dentre esses autores podemos citar Abramo (1997), Carrano (1999), Dayrell (1992), José Machado Pais (1993), Melucci (1997), Spósito (1996), entre outros.

Quebrando a idéia da juventude como um grupo homogêneo com características comuns a uma idade, esses autores falam em *juventudes*, procurando construir uma noção de juventude na ótica da diversidade, pois o lugar e o trabalho não definem mais a identidade dos indivíduos.

A referência ao jovem, hoje, precisa levar em consideração a heterogênea realidade das sociedades complexas. A ambigüidade e a indefinição sobre o conceito de jovem são algumas das características dessa situação de complexidade. As estatísticas oficiais convencionalmente consideram como jovens os que superaram a idade de obrigação escolar e os que ainda não conseguiram encontrar colocação no mercado de trabalho. Entretanto, se tal critério pode fixar a porta de entrada oficial na condição social de jovem, a superação de certos limites de idade e a colocação garantida no mercado de trabalho não asseguram necessariamente o ingresso naquilo que é considerado como vida adulta. Algumas atitudes (no consumo, no tempo de lazer, na vida privada) fazem emergir a tendência e a possibilidade da fruição de certas prerrogativas atribuídas às jovens gerações (hedonismo, vitalidade, expressividade, indefinição nas escolhas), independente da situação profissional e/ou de idade. A juventude transformada em símbolo (evocação do anticonformismo, transgressão, procura do risco e do prazer, onipotência) é também um estilo que ultrapassa as definições de idade (Grazioli, 1984, p. 63).

Fabrinni & Melucci (1992) enfatizam a necessidade de se compreender a adolescência como uma estação da vida que não se esgota totalmente em determinada idade biológica. A idade biológica da adolescência termina, mas isto não significa que alguns traços característicos se ausentem em idades futuras. A memória da adolescência se prolonga nas grandes etapas da existência, como um eco vívido continuamente despertado. Para esses autores, a análise da adolescência deve se dar a partir do ponto de vista de campo no qual não se fala apenas de adolescentes, mas dos adolescentes-em-relação-com-os-adultos-e-vice-versa. A adolescência se caracteriza não como um conceito associado à idade biológica, mas, fundamentalmente, por sua definição estar em permanente relação com o adulto.

Esses autores reconhecem que para o adolescente, hoje, à incerteza própria da idade se agrega um tipo diverso de incerteza que nasce propriamente da abertura da perspectiva temporal, da possibilidade socialmente disponível, da variabilidade dos cenários e que se situam as escolhas que os jovens têm pela frente. Existe uma concordância social de que, naquilo que se refere às outras fases da vida, a adolescência é um período no qual prevalece a orientação para o futuro.

Os jovens vivem intensamente as contradições do tempo, pois as incertezas próprias da idade são agravadas pelas incertezas dessa época, considerando que as referências para a compreensão do tempo se dissolvem. Pais (2001) se refere aos jovens dos anos 90 como geração yô-yô, considerando que as referências tradicionais de transição para a vida adulta – abandono da família de origem, casamento, obtenção de emprego, são reversíveis. Pais (2001, p. 73) registra:

A geração yô-yô, pela sua natureza, é uma geração em que o ‘tempo flecha’ se cruza com o tempo cíclico, tempo de eterno retorno. Os jovens dessa geração tão rapidamente abandonam a escola, adquirem emprego e se casam – deixando de ser jovens e passando a ser adultos – quanto, com a mesma rapidez, caem de novo no desemprego, voltam a condição de estudante e se divorciam, redescobrimo a juventude.

Nesse momento da vida, os desafios para a construção das identidades tornam-se mais fortes e constantemente estamos buscando respostas a perguntas do tipo “quem sou”. Essa busca nos acompanha durante toda a vida.

Diante dessas considerações sobre as Juventudes, faz-se necessário um resgate sobre a Igreja, tendo em vista que procuro entender os processos educativos dos jovens ligados à Pastoral da Juventude.

4. ESTUDOS SOBRE JUVENTUDES E RELIGIÃO

Na década de 1920, a juventude aparece nos estudos, preponderantemente, como uma questão de desvio social. Os sociólogos da Escola de Chicago dedicaram-se ao estudo das *gangs* de jovens que se formavam nos guetos americanos. Nos anos de 1950 e 1960 se fortalecem os estudos geracionais e a juventude passou a ser encarada como um fator de inovação social. Nos anos de 1960, os movimentos de contestação estudantil e de contracultura dão dramaticidade ao conflito entre gerações, impulsionando diferentes estudos e debates que situavam a juventude como propulsora das mudanças sociais (ROZSAK, 1972).

Abramo (1997, p. 25-36) apresenta um balanço sobre a juventude no Brasil, nas últimas décadas que, como a maior parte das reflexões no meio acadêmico, destina-se a discutir os sistemas e instituições presentes na vida dos jovens. Ainda é pequena a incidência dos estudos dedicados a perceber como os jovens vivem e elaboram suas situações de vida. Só recentemente vem ganhando certo volume o número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação.

Na academia, a produção sobre juventude é pequena, considerando as conclusões de Spósito (2002), ao analisar a produção de conhecimento sobre juventude dos programas de Pós-Graduação em Educação, no período de 1980 a 1998. Do total de teses e dissertações produzidas neste período, apenas 4,4% tematiza a juventude, sendo o período de 1995 a 1998 o que reúne mais trabalhos: 47%. A autora apresenta a distribuição da produção em juventude, por temas:

Tabela 1: Distribuição da produção em juventude por temas

Temas	Dissertações	Teses	Total	Total %
Jovens, Mundo do trabalho e Escola	73	7	80	20,67
Aspectos Psicossociais de Adolescentes e Jovens	67	9	76	19,63
Adolescente em Processo de Exclusão Social	57	7	64	16,53
Jovens Universitários	40	14	54	13,95
Juventude e Escola	45	5	50	12,91
Jovens e Participação Política	15	8	23	5,94
Mídia e Juventude	11	2	13	3,35
Jovens e Violência	8	3	11	2,84
Grupos Juvenis	9	0	9	2,84
Jovens e Adolescentes Negros	4	0	4	1,03
Outros*	3	0	3	0,77
Total	332	55	387	100

Fonte: SPOSITO, 2002, p. 16-17.

* O tema outros inclui uma dissertação sobre educação ambiental e dois trabalhos sobre práticas esportivas.

Tabela 2: Distribuição da produção sobre juventude, por subperíodo

Temas	SUBPERÍODOS				
	% 1980-1984	% 1985-1989	% 1990-1994	% 1995-1998	% Total
Jovens, Mundo do trabalho e Escola	21,4	19,3	36,9	14,3	20,6
Aspectos Psicossociais de Adolescentes e Jovens	35,7	21,9	11,9	17,0	19,6
Adolescente em Processo de Exclusão Social	10,7	8,2	9,2	24,8	16,5
Jovens Universitários	16,1	17,8	15,8	11,0	13,9
Juventude e Escola	12,5	16,4	13,1	11,6	12,9
Jovens e Participação Política	0,0	6,8	5,3	7,7	5,9
Mídia e Juventude	1,8	4,1	2,6	3,8	3,3
Jovens e Violência	1,8	4,1	2,6	3,8	3,3
Grupos Juvenis	0,0	1,4	1,3	3,8	2,3
Jovens e Adolescentes Negros	0,0	0,0	0,0	2,2	1,0
Outros	0,0	2,7	0,0	0,5	0,7
Total	100	100	100	100	100

Fonte: SPOSITO, 2002, p. 18.

Nota-se que o tema Grupos Juvenis, objeto de estudo desta investigação, aparece como interesse recente. Spósito (2002) aponta que o conjunto da produção discente sobre o jovem é influenciada pela centralidade da escola, ouvindo o jovem na sua condição de aluno. Apesar de um volume de teses e dissertações sobre juventude, há um desconhecimento sobre a condição juvenil na sociedade brasileira marcada por uma realidade plural.

Segundo Abramo (1997, p. 29), a juventude foi vista pela sociologia funcionalista como uma passagem, transição, momento em que a pessoa se prepara para ingressar no mundo adulto. A partir dessa idéia, as falhas nesta passagem é que se tornam objeto de estudo. “A juventude só está presente para o pensamento e para a ação social como ‘problema’: como objeto de falha, disfunção ou anomalia no processo de integração social”. Pais (1993), pesquisando autores que estudaram a juventude na sociologia, agrupa esses estudos em duas correntes: *geracional* e *classista*. A primeira considera a juventude como um conjunto social derivado de uma fase da vida, sendo a idade olhada como uma variável tão ou mais influente que as variáveis socioeconômicas. Prevalece, neste caso, a busca de aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizam essa fase da vida; na segunda, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, no qual as diferentes culturas juvenis estão relacionadas às diferentes pertencas de classe. Nessa corrente, o principal atributo da juventude é ser constituída por jovens de diferentes situações sociais. Se, para a corrente classista, as culturas juvenis são sempre culturas de classes, daí que elas sejam apresentadas por esta corrente como culturas de resistência, isto é, culturas negociadas no quadro de um contexto cultural determinado por relações de classe. Na corrente geracional, as culturas juvenis definem-se por relativa oposição à cultura dominante das gerações mais velhas. As duas correntes polarizam a compreensão sobre os jovens, pois apresentam a cultura juvenil em confronto com a cultura dominante.

Melucci (2001a, p. 101) rompe com a idéia de classe social e de grupos de idades. Diz que “a condição juvenil é, por excelência, uma fase de passagem e suspensão, se prolonga, se estabiliza, torna-se condição de massa, não mais ligada à idade biológica”. Para ele, a análise da condição juvenil é importante para a descrição da estrutura social contemporânea, mas é preciso separar a análise da condição social da ação coletiva. Por isso é importante compreender a cultura juvenil na contemporaneidade, ampliando o entendimento da ação para além da condição social. Estas mudanças conduzem a sociedade a uma

fragmentação em grupos que extrapolam a divisão clássica das classes sociais, tornando-se necessário refinar estes conceitos. A realidade dos jovens não pode ser reduzida a uma dimensão unidirecional, seja ela ligada às idades ou às classes sociais. Essa perspectiva relaciona a juventude a um período de transição e, neste caso, ser jovem é preparar-se para uma etapa posterior – a vida adulta.

Segundo Melucci (2001, p. 18):

Os fenômenos evolutivos presentes nas mudanças dos ciclos da vida são fatos que dizem respeito a cada momento da existência, fazendo das mudanças ou transformações uma característica estável da vida do indivíduo. O desenvolvimento é visto numa perspectiva de construção contínua, em que a cada fase que se vive não se perde nada daquilo que foi acumulado no percurso... assim, a adolescência não pode ser entendida como um tempo que termina, como a fase da crise ou de trânsito entre a infância e a vida adulta, entendida como a meta única da maturidade. Mas representa o momento do início da juventude... um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes de algum modo ao longo do curso da vida.

Nessa perspectiva apresentada pelo autor, a juventude tem características específicas, mas não se resume a um tempo de passagem.

Abramo (1997) expõe considerações importantes sobre a forma como a juventude foi tematizada durante a segunda metade do século XX, no Brasil. Nos anos 50 efetivaram-se as interpretações que vinham sendo construídas sobre a fase *inerentemente difícil*. Os *rebeldes sem causa* corporificam a predisposição da juventude para a transgressão e delinqüência. Nos anos 60, e parte dos 70, os jovens aparecem como ameaçadores da ordem social, e a juventude, como uma categoria portadora de transformação, porém “havia um medo duplo; primeiro, o da reversão do ‘sistema’; segundo, o medo de que não conseguindo mudar o ‘sistema’, os jovens condenassem a si próprios a jamais conseguirem se integrar ao funcionamento normal da sociedade” (Abramo, 1997, p. 30).

Segundo a autora, ao mesmo tempo em que os jovens foram perseguidos, para os setores de esquerda apareciam como esperança de transformação. No entanto, mais como energia utópica, pois alguns setores de esquerda interpretavam as manifestações juvenis como ações pequeno-burguesas inconseqüentes.

Mais tarde, com o refluxo desse movimento, essa idéia foi reelaborada e a juventude dos anos 60 aparece como generosa, criativa, que ousou sonhar e se comprometer com a mudança. Criou-se a juventude “ideal”. Nesse mesmo artigo, a autora comenta a

juventude dos anos 80, que aparece como doente, porque oposta à idealizada dos anos 60, com os atributos de individualista, consumista, indiferente aos assuntos públicos, depositária de um certo medo do fim da história.

Nos anos 90, a visibilidade social dos jovens é maior, com figuras juvenis liderando movimentos nas ruas, embora haja uma retomada dos anos 50, cuja atenção se volta para problemas de comportamentos (drogas, violência, criminalidade...). São vistos como vítimas e promotores da cisão social, então depositários de medo e angústias, encarnação dos dilemas da sociedade contemporânea.

Segundo Melucci (1997, p.9), os jovens são atores centrais que subvertem a lógica dos códigos dominantes (...) difundem culturas e estilos de vida que penetram no mercado e são institucionalizados. São intermediários entre o sistema e a vida diária, com mensagens manifestas no que fazem e na maneira como fazem. Existe sempre um outro caminho, uma outra definição além daquela proclamada pelo poder. Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento e pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática.

Souza (2003) fez uma síntese sobre a pesquisa analisada por Juarez Dayrell³ que apresenta considerações significativas sobre Juventude e escola, após analisar quarenta e cinco dissertações e cinco teses:

a) No conjunto, as pesquisas entendem o jovem a partir de uma de suas facetas, que é sua condição de aluno. O autor detectou duas tendências presentes nas pesquisas examinadas no tema juventude e escola. Na primeira, o aluno é visto como categoria homogênea, abstrata, sendo apreendido pela dimensão cognitiva. Essa visão predomina nos trabalhos da década de 80. Nesses estudos, ser aluno é uma condição natural, não uma construção histórico-social. A fase da vida, a origem, o gênero, a etnia não são levados em conta, constituindo a vida do aluno, na escola, um tempo vazio de sentido. As análises da vida escolar dos alunos se limitam às dimensões pedagógicas, não considerando a multiplicidade de processos formativos que são vividos nos diversos espaços e tempos escolares. A escola e os elementos que a integram não são entendidos como uma construção social, fruto de escolhas socialmente determinadas. As pesquisas demonstram um paradoxo: a razão de ser da escola é

³ Juarez Dayrell participando da equipe coordenada por Marília Spósito que realizou a pesquisa Estado do Conhecimento sobre Juventude, analisou os trabalhos agrupados no item Juventude e Escola.

o aluno, e é exatamente esse ator o menos conhecido. Os estudos muito contribuíram para o entendimento da escola e suas relações com a sociedade, mas pouco desvelaram do jovem real que frequenta a escola. A segunda tendência das dissertações e teses examinadas considera o aluno como um sujeito de ações no interior da escola. Nestes estudos, a categoria aluno aparece de forma mais densa, visto como indivíduo que nasce em condições sociais determinadas. Compreende a escola como uma construção social, fruto de uma ação recíproca entre sujeitos e a instituição. Alguns destes estudos avançam ao apontar a existência de uma cultura juvenil, expressa nas visões de mundo, nas escolhas realizadas, no jeito de vestir e de falar, nos comportamentos em sala de aula, mesmo que essas expressões sejam analisadas na ótica da resistência. Esta visão permeia um pequeno número de pesquisas que analisam as práticas escolares realizadas na década de 90, principalmente a partir de 1995.

b) As 50 dissertações e teses revelam a preocupação em entender a escola no contexto de uma sociedade desigual. Mas ainda é preciso avançar na compreensão da juventude e suas relações com a escola, o que implica centrar as investigações nos jovens reais. Estudos que reflitam sobre os tempos vividos pelos educandos, na especificidade de sua idade, de sua condição humana, de gênero, de cultura e sociabilidades, situando esses processos nas determinações estruturais que produzem várias formas de ser jovem na sociedade.

c) Há evidentes lacunas quanto aos jovens estudantes da zona rural, de pequenos centros urbanos, de camadas médias ou de elite e de escolas particulares.

d) As pesquisas privilegiam o Ensino Fundamental, como nível de ensino investigado, e a modalidade educação de Jovens e Adultos, o antigo supletivo.

e) As conclusões dos estudos feitos por Dayrell apontam para uma inadequação da escola à realidade dos alunos, mas de forma qualitativamente diferente da primeira tendência. O que passa a ser questionada é a capacidade educativa da escola que incide no enfraquecimento da sua eficácia socializadora. Porém, essa tendência não consegue superar o *escolacentrismo*, ou seja, essas pesquisas concebem a educação reduzida à instituição escolar, como se essa fosse a agência exclusiva de socialização, sem estabelecer relações com outras formas de socialização que tecem a experiência dos jovens. Dessa forma, os estudos não problematizam a importância da família, da religião, do espaço urbano e do trabalho, entre outros.

Assim, é fundamental reconhecer que os jovens se constituem em espaços diferenciados, em um conjunto heterogêneo de redes que vão construindo significado às suas ações cotidianas. A partir disso, para compreender o aluno, é preciso estudar o jovem, aproximando-se o mais possível das suas múltiplas dimensões. Dayrell (1996, p. 140) nos diz que

Uma outra forma de compreender esses jovens que chegam à escola é apreendê-los como sujeitos sócio-culturais. Essa outra perspectiva implica em superar a visão homogeneizante e estereotipada da noção de aluno, dando-lhe um outro significado. Trata-se de compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios.

Durand⁴, em sua tese de doutorado (2000), afastando-se da escola, estuda as lógicas internas dos jovens em seus grupos, bem como as relações que seus componentes travam com as instituições tradicionais: a família, a escola e o trabalho. Nas conclusões, ela discute a importância do grupo que, diante das questões sociais, torna-se o refúgio para a construção da autonomia, celeiro de produção, espaço de criticidade e possibilidade de se reconhecer e ser reconhecido, ou seja, possibilidade de construir diferentes formas de socialização e sociabilidade (Durand, 2000, p. 211).

Segundo Novaes (2005), no início do ano de 2004, quando foram divulgados os primeiros resultados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, que ouviu 3.501 jovens de 15 a 24 anos, contemplando as diversidades geográficas e diferenças de renda, alguns dados sobre religião chamaram logo a atenção. Nessa pesquisa, declarou-se ateu apenas 1% dos entrevistados. A religião ocupou um lugar surpreendente entre os assuntos que os jovens gostariam de discutir, não só com os pais, mas também com os amigos e com a sociedade. Além disso, na parcela de 15% de entrevistados que – por meio de respostas espontâneas e múltiplas – declararam participar de grupos de jovens, no topo do ranking estavam os “grupos da Igreja”. Também nas respostas estimuladas sobre participação em associações e entidades, mais uma vez o “grupo religioso” se destacou. Chamou a atenção ainda, entre as coisas que eles mais gostam de fazer no fim de semana, o destaque para a alternativa “ir à missa/igreja e

⁴ Trabalhou com 23 jovens das comunidades de Ribeirão da Ilha e Ingleses, da ilha de Santa Catarina, adeptos de grupos religiosos, esportivos e musicais.

culto”. Chamou a atenção que entre os valores mais importantes para uma sociedade ideal um número significativo de jovens destacou o “temor a Deus”.

“Os jovens brasileiros, nascidos do final da década de 1970 para cá, encontraram o mundo mudado. Eles fazem parte de uma geração pós-industrial, pós-Guerra Fria e pós-descoberta da ecologia. Vivem as tensões e os mistérios do emprego, da violência urbana e do avanço tecnológico. Em um contexto de intensificação da difusão de informações, a cultura midiática também oferece espiritualidades. Para os jovens de hoje, multiplicam-se igrejas e grupos de várias tradições religiosas. Para eles também existem possibilidades de combinar elementos de diferentes espiritualidades em uma síntese “pessoal e intransferível”. Nos dias atuais surgem constantemente novas possibilidades sincréticas que, ao mesmo tempo, (re) produzem identidades institucionais e até novos fundamentalismos”. (Novaes, 2005, p. 265)

O demógrafo René Decol (2001, apud Novaes, 2005) afirmou que o fluxo atitudinal de católicos para outros grupos ganhou proporções de “mudança social” na medida em que está alterando significativamente e de forma definitiva o perfil religioso da população. Segundo o autor, o processo tem um componente demográfico: a medida que os grupos populacionais (coortes) se sucedem no tempo, menos adultos em idade de reprodução se declaram católicos, resultando em número cada vez menor de crianças recebendo influência desta natureza. A tendência é um menor número de católicos no interior de cada coorte, fazendo a percentagem de católicos no conjunto da população declinar de forma cada vez mais acentuada. Segundo o demógrafo, a estrutura social tradicional, na qual valores e normas são transmitidos verticalmente, de geração em geração, passa a ser afetada cada vez mais por processos culturais, que atuam em planos horizontais, agindo sobre as coortes de forma diferenciada.

O Censo de 2000, realizado pelo IBGE, apontou três principais mudanças que caracterizam o campo religioso brasileiro hoje: diminuição do percentual de católicos (de 83,76% em 1991 para 73,77% em 2000), crescimento dos evangélicos (de 9,05% em 1991 para 15,5% em 2000) e aumento dos “sem religião” (de 4,8% em 1991 para 7,4% em 2000). Em 2004, o resultado do Projeto Juventude⁵ confirmou e acentuou as tendências identificadas pelo Censo de 2000. Dos jovens entrevistados em todo o país, 65% se declararam católicos, 20% se declararam evangélicos, sendo 15% pentecostais e 5% não-pentecostais. Os espíritas e

⁵ O Instituto Cidadania promoveu, entre agosto de 2003 e maio de 2004, um amplo programa de estudos, pesquisas, discussões e seminários em vários Estados sob o nome de Projeto Juventude. Os resultados desse trabalho foram publicados e entregues ao Presidente da República e disponibilizados a todos os interessados pelo tema.

os jovens que se declaram adeptos das religiões afro-brasileiras somaram 3%. Nessa mesma pesquisa, 10% dos jovens declararam “*acreditar em Deus, mas não ter religião*”, enquanto 1% das respostas identificaram ateus e agnósticos.

O Projeto Juventude aponta alguns ângulos que precisam ser considerados na elaboração de políticas públicas para a juventude brasileira:

a) as religiões são fontes doadoras de sentido para a vida e o fato de tantos jovens (quase 90%) brasileiros estarem vinculados a instituições religiosas e outros tantos (quase 10%) acreditarem em Deus, mesmo sem estarem ligados a uma religião específica, revela uma dimensão importante do imaginário e da visão do mundo dos jovens hoje;

b) as instituições religiosas produzem grupos e espaços para jovens, onde são construídos lugares de agregação social, identidades e formam grupos que são contabilizados na composição do cenário da sociedade civil;

c) fazendo parte desses grupos, motivados por valores e pertencimentos religiosos, jovens de diferentes gerações têm atuado no espaço público e fornecido quadros militantes para sindicatos, associações, movimentos e partidos políticos;

d) expressando vínculos institucionais ou apenas crenças mais difusas, nos últimos anos, a linguagem religiosa se faz presente em muitas expressões juvenis na área de arte e cultura.

No que se refere à militância político-religiosa destacam-se hoje, nos espaços da Igreja Católica, a Pastoral da Juventude, grupos de jovens ligados a outras pastorais e o Movimento Místico e Revolução (MIRE). No mundo evangélico, destacam-se grupos como a Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB), assim como se fazem visíveis os grupos de jovens Luteranos, Metodistas, Batistas, Presbiterianas, das Assembléias de Deus, entre outras. No entanto, há também registros de jovens carismáticos, pentecostais, outros que se identificam com cosmologias orientais ou esotéricas, que se dispõem a participar de grêmios escolares, de ações comunitárias, de campanhas pelo meio ambiente, pela paz, etc.

Os resultados do Projeto Juventude apontam que os jovens católicos estão nas diferentes regiões do país e presentes em todos os grupos de idades contempladas pela pesquisa. Na distribuição de renda, imitam a pirâmide social brasileira. Isto porque o perfil demográfico e socioeconômico dos católicos se assemelha em grande parte ao da população brasileira em seu conjunto. O Brasil ficou historicamente conhecido como o maior país

católico do mundo. O catolicismo como religião oficial e dominante está presente na formação da cultura brasileira. Com as mudanças no campo religioso e focalizando a juventude podemos nos questionar sobre as possibilidades de transferência intergeracional do catolicismo.

Hoje, vários agentes influenciam nas escolhas religiosas dos jovens. Novaes e Mello (2002), em pesquisa realizada no Rio de Janeiro, constataram que a influência da família na escolha da religião pesava para mais de 50% dos entrevistados, para o restante a escolha passava por outras justificativas: por “motivos pessoais”; por “influência de amigos” e por “influência de agentes religiosos”. Ou seja, os jovens dessa geração estão sendo chamados a fazer suas escolhas em um campo religioso mais plural e competitivo.

O Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – IBASE – realizou uma pesquisa “Juventude Brasileira e Democracia – participação, esferas e políticas públicas”, que buscou ouvir e debater com diferentes jovens brasileiros(as), entre 15 e 24 anos de idade, os limites e possibilidades da sua participação em atividades políticas, sociais e comunitárias, considerando a importância da inclusão desses sujeitos para a consolidação do processo de democratização da sociedade brasileira. A investigação, ocorrida entre julho de 2004 e novembro de 2005, teve como finalidade subsidiar novas políticas, estratégias e ações públicas voltadas para os(as) jovens (IBASE, 2006).

A pesquisa do IBASE (2006) fez um levantamento sobre a participação dos jovens em entidades, grupos e movimentos:

Tabela 3: Participação dos Jovens em grupos/entidades/movimentos

Participação Atual, Passada e Não Participação – Entidades, Grupos e Movimentos (em %)					
Entidades, grupos e movimentos	Participa atualmente	Já Participou, mas não participa mais.	Nunca participou	Ns/No	Total
Ass. Comunitárias, de moradores	2,0	10,4	86,7	0,9	100
Associações Estudantis	3,0	21,3	74,8	0,9	100
Clubes ou ass. Esportivas/lazer	8,3	19,6	71,1	1,0	100
Grupos artísticos	5,5	11,8	81,8	0,9	100
Grupos ambientalistas	1,4	5,9	91,6	1,1	100
Grupos religiosos	15,3	21,6	62,2	0,9	100
Grupos diversos (ganges, galeras, etc.)	4,2	6,7	88,2	0,9	100
Trabalho voluntário	3,0	11,4	84,5	1,1	100
Movimentos negros, indígenas, feministas, de opção sexual.	0,8	3,0	95,1	1,1	100
Movimentos sociais (educação, saúde, moradia, etc.)	1,3	5,9	91,8	1,0	100
ONGs	0,9	2,0	96,0	1,1	100
Partidos políticos	1,0	5,9	92,1	1,0	100
Sindicatos	0,7	2,3	96,0	1,0	100

Fonte: IBASE/POLIS, Pesquisa de Opinião Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas, 2005.

A partir da pesquisa do IBASE , podemos constatar que a participação atual em instituições religiosas foi a mais apontada pelos(as) entrevistados(as). Diante disso, surge uma

curiosidade com relação à dinâmica desses grupos religiosos: o que atrai os jovens? Qual é a metodologia de trabalho? Faz-se necessário conhecermos um pouco sobre a pastoral da Juventude a fim de entendermos sua pedagogia.

4.1. A Pastoral da Juventude: Aprendizagens e Desafios

A pastoral desenvolvida pela Igreja, por muitos séculos, encontrava na família, na escola e nas instituições os instrumentos para proteger e conservar a fé e valores cristãos. Obviamente, havia uma atenção especial à infância e à juventude, através da catequese nos colégios católicos.

Influenciados por Pio XII, os leigos foram convidados, por mandato dos bispos, a combater as ideologias do materialismo e do liberalismo. Para este fim organizou-se a Ação Católica Geral, fundada no Brasil, em 1932, por Dom Leme, no Rio de Janeiro, inicialmente, sob o título de Juventude Feminina⁶.

A Igreja, para potencializar a presença transformadora do meio, tinha interesse no jovem como fermento evangelizador. Essa perspectiva é assumida, inicialmente, pela Ação Católica Geral, como braço forte prolongado da hierarquia; mais tarde, somente, aparece a dimensão política. Com a ação Católica Especializada, surge a consciência de que os leigos colaboram no apostolado, por direito e obrigação, como batizados. O apostolado básico dos leigos era o de fazer da sua vida familiar, social, econômica, cívica, científica e artística, um testemunho de fé e uma vivência de seu cristianismo.

A origem da ação Católica especializada também está relacionada com o filósofo Jacques Maritain e o Cardeal Cardijn. Este último trabalhava com os jovens operários e, vendo que o cristianismo não penetrava mais, especialmente no mundo operário, na periferia de Bruxelas, funda a Juventude Operária Católica (JOC). O Cardeal parte do princípio de que, dentro de seu meio, o jovem trabalhador deve ser o apóstolo evangelizador de outros jovens trabalhadores. Este princípio se estendeu a outros setores da sociedade.

Os Bispos do Brasil, em 1955, aprovaram os estatutos da Ação Católica Especializada (ACE), cujo objetivo era levar o jovem a assumir um compromisso social no meio. A preparação dos líderes seguia um processo de formação na ação, com o emprego do

⁶ Cf. BORAN, *Juventude, o Grande Desafio*. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 24-25

método Ver – Julgar – Agir e revisão de vida e da ação. Esta metodologia começa a esboçar um novo caminho de evangelização dos jovens brasileiros, a partir dos anos cinquenta.

A experiência da ACE abriu novos caminhos de evangelização da Igreja do Brasil, sobretudo no jeito dos leigos de trabalhar metodologicamente na pastoral. Os jovens e assistentes formados na metodologia da ACE desenvolveram a prática pastoral a partir da realidade para transformá-la à luz do Evangelho. O exercício da revisão de vida e da prática, da oração na ação, da fé vivida em sua exigência de engajamento no meio social, influenciou também outros setores pastorais e a própria organização pastoral da Igreja. Portanto, a partir da ACE a organização e a educação na fé dos jovens passaram a ser feita por suas características específicas. Em 1948, surgiu a Juventude Operária Católica (JOC) e, um pouco mais tarde, a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Universitária Católica (JUC), a Juventude Agrária Católica (JAC) e a Juventude Independente Católica (JIC).

Segundo o Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul, todas essas realidades existiram em nosso Estado com grupos, assembléias, semanas de estudo e uma forte articulação específica e geral. Os jovens realizaram Semanas de Estudo e participaram de congressos estudantis. Em 1962, lideranças da JUC assumiram, junto com os comunistas, a direção da União Nacional dos Estudantes (UNE), etc.

A herança que ficou dessa época é muito grande. Uma destas é o método Ver – Julgar – Agir. Buscava-se agir a partir da realidade, falando em “formação na ação”. Outra herança é a Revisão de Vida e de Prática, levando a um planejamento sempre mais exigente. Compreende-se, por isso, que se fale tanto de espiritualidade encarnada, da importância da vivência em pequenos grupos, do despertar do protagonismo juvenil, da consciência crítica e da missionaridade.

O que caracterizou a década de 70 foram, principalmente, os Congressos de Jovens, de grande importância para a formação e a articulação dos jovens cristãos de nosso Estado. Aconteceram, também nesse período, “Acampamentos de Férias para Jovens”, tanto em Tramandaí, como em Rio Grande.

O período de 1977 a 1980, foi de buscas e de discussões. Foi esse contexto que acolheu, em 1980, a fundação do Instituto de Pastoral de Juventude (IPJ) e o início do Curso de Assessores de Jovens (CAJO). Em 1981, representantes dos interdiosanos centro, leste e

norte, convocaram um encontro regional para aprofundar a questão da organização regional e elaborar uma proposta para a PJ Regional.

Os anos seguintes foram de aprofundamento da questão da organização em nível regional, tendo-se realizado, inclusive, um Seminário Estadual sobre Organização. Surgiram, nessa mesma época, as Pastorais Específicas da Juventude: Pastoral da Juventude Estudantil (1982), Pastoral da Juventude Rural (1983), Pastoral da Juventude do Meio Popular (1984). A Pastoral Universitária já se articulava, em nível regional, desde 1976.

Em 1984, a Coordenação Regional de Pastoral (COREPAL) aprovou um projeto sobre os jovens. Em 1986 saiu o anteprojeto do Plano Regional da PJ e uma proposta de regimento e diretrizes. A primeira Assembléia Regional ocorreu em dezembro de 1987, para aprovar o documento. Foi uma época de grande militância política, o que se comprovou no envolvimento da Pastoral nas discussões da Assembléia Constituinte, em nível de Brasil.

Em 1992, o tema da Campanha da Fraternidade foi a Juventude, tendo como lema “Juventude, caminho aberto”, isso serviu de reanimação para toda a juventude. Em 1994, realizou-se o Encontro Regional de Jovens, em Passo Fundo, com cerca de 35.000 participantes.

Desde 1997, muitos eventos aconteceram, nas dioceses e na Regional: concentrações de jovens no Dia Nacional da Juventude, Festivais de Música e Arte, Escolas de Juventude, participação nas mobilizações sociais, etc. Um evento muito significativo para a Pastoral da Juventude, no Rio Grande do Sul, são as Escolas da Juventude que ocorrem em várias etapas. Essas escolas acontecem, em sua maioria, nas dioceses, tornando-se parte da história dos jovens. Na maioria das dioceses, realizam-se, igualmente, retiros para jovens ou atividades semelhantes. Também acontece o Curso de Assessores de Jovens, levado pelo IPJ e conhecido em todo o Brasil.

4.1.1. Missão da Pastoral da Juventude

Segundo o Marco Referencial, a Pastoral da Juventude assume como Missão:

1. organizar a ação pastoral a partir e junto à juventude – “jovem evangelizando jovem”;

2. possibilitar e acompanhar os jovens a descobrir, ouvir, seguir e comprometer-se com Jesus Cristo e seu projeto, integrando a fé e a vida, fortalecida por uma espiritualidade libertadora;
3. fortalecer a Igreja libertadora, a partir da experiência do Cristo Ressuscitado, acolhendo os jovens na comunidade eclesial, percebendo-os como sinal da novidade da jovialidade de Deus;
4. possibilitar o crescimento e o aprofundamento da fé para uma maior comunhão com Deus, com as pessoas e com o universo;
5. acompanhar a elaboração do projeto de vida, respeitando as opções vocacionais dos diversos ministérios na perspectiva do Reino de Deus;
6. partir da realidade pessoal, social, cultural e histórica e do momento atual, indo ao encontro dos jovens como são, tendo como referência o meio específico em que vivem;
7. garantir espaços de vivência em pequenos grupos e/ou comunidades, nos quais possam partilhar alegrias e tristezas, angústias e esperanças, reflexão e ação, oração e celebração, festa e tudo o que são e querem ser, o que vivem, o que crêem, o que sentem, o que sonham e ousam projetar;
8. reafirmar a opção profética e transformadora pelos jovens e empobrecidos, colocando-se a serviço de uma nova sociedade;
9. criar espaços de participação da juventude na Igreja e na sociedade, percebendo meios eficazes para o exercício da cidadania e o despertar da militância;
10. contribuir para que os jovens se tornem protagonistas da construção da civilização do amor, sinal profético do Reino Definitivo e de esperança para a juventude na promoção da vida.

Marco Referencial da PJ/RS, 2003

4.1.2. Princípios norteadores da Pastoral da Juventude

A Pastoral da Juventude afirma, como *Princípio Metodológico*, a importância do protagonismo juvenil na roça, na escola e na cidade. Crê, também, no valor fundamental do ser humano, não havendo nada mais precioso do que a vida; acredita que uma forma de cultivar essa pessoa é investir de maneira teológica e pedagógica para que o jovem vá

assumindo a sua identidade. A Pastoral da Juventude afirma que a inculturação é uma exigência para o verdadeiro relacionamento e para a verdadeira pedagogia. Ressalta: “Inculturar-se não é perder a identidade; é viver tão profundamente o que se é, que o outro adquire um lugar todo especial, tornando-se uma fonte essencial de aprendizado” (Marco Referencial, 2003).

Os *Princípios Organizativos* da Pastoral da Juventude são a) opção evangélica pelos empobrecidos e excluídos; b) originalidade da juventude nas diferentes realidades, cultivando o jovem pedagogicamente em suas grandes especificidades; c) valorização do grupo como espaço de comunhão e participação; d) crença na importância da organização; e) importância da assessoria e do acompanhamento. Embora feita por jovens, a Pastoral da Juventude acredita na importância da presença de pessoas adultas, do clero, da vida religiosa e do laicato, preparados para exercer o ministério da assessoria e do acompanhamento, em nível de pessoas, de grupo e de outras instâncias mais amplas. Mais do que viver uma função, espera-se a vivência de uma vocação e de um ministério voltado para a formação integral do jovem.

A Pastoral da Juventude descreve como *Princípios Formativos*

- a) espelhar-se no que Deus sonhou para o homem e a mulher: ser enquanto imagem de Deus, cidadãos e cidadãs que sejam respeitados/as, que tenham dignidade, instâncias de participação, partilha de bens, relacionamento fraterno, saúde e educação. Como pastoral, assumir como causa a construção dessa cidadania numa sociedade que não haja exploração e independência que degrada;
- b) acreditar em uma sociedade na qual as relações do homem e da mulher tenham as características da novidade do reino: respeito e igualdade na vivência do gênero, sem submissão, sem machismo.
- c) acreditar na importância do processo da formação integral e sistemática. Afirmam a dimensão pessoal, social, teológica, política e vocacional, bem como a dimensão que envolve a capacitação técnica.
- d) promover a Família, em todas as suas dimensões, espelhando-se na família que Jesus Cristo sonhou, engajada na construção do Reino de Deus, sendo forte de amor, afeto e coragem para todos que dela fazem parte.

Marco Referencial da PJ/RS, 2003

Reafirmando as *Opções Pedagógicas*, a Pastoral da Juventude fala sobre dois aspectos: a) os instrumentos que utilizam no trabalho de evangelização das juventudes; b) as atitudes e estratégias consideradas mais importantes para a evangelização.

É indispensável que a escolha dos instrumentos, bem como das atitudes e das estratégias sejam coerentes com a pedagogia pastoral e estejam de acordo com a realidade dos jovens. A Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul propõe como escolhas o grupo ou comunidade juvenil; o processo de educação na fé; os meios específicos e as pastorais específicas da juventude; a organização e o acompanhamento (Marco Referencial, 2003).

O *grupo de jovens* é o espaço onde acontece, prioritariamente, o trabalho que a Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul realiza junto aos jovens. É na vivência grupal que o jovem é chamado a fazer a experiência de vida em comunidade. Através de sua participação em grupos de jovens, encontra um espaço para a convivência, para o diálogo, para o companheirismo e para o afeto. A força e o sentido do trabalho de evangelização realizados pela PJ fazem sentido e ganham força quando são capazes de levar outros jovens a se organizarem em grupos, levando em conta a diversidade de experiências de trabalho: nas paróquias, nas escolas, nas comunidades rurais e urbanas, nos meios populares.

Os grupos são formados por pessoas de ambos os sexos, de idade homogênea, com um nível de participação regular e com um ritmo periódico de encontros ou reuniões. Os encontros transformam-se em lugar de crescimento, amadurecimento, formação, cultivo da espiritualidade e realização pessoal e comunitária. A crença na importância do grupo de jovens existe porque se acredita que a vivência grupal (Marco Referencial, 2003, p. 39):

- cria laços profundos de fraternidade, permitindo que cada jovem seja reconhecido e valorizado como pessoa;
- permite a partilha de critérios, valores, visões e pontos de vista. Ajuda a compreender e dar sentido àquilo que se vive e se faz;
- auxilia no enfrentamento dos desafios dessa etapa da vida que é tão decisiva para o amadurecimento da fé e para a integração social;
- educa para olhar e descobrir a realidade junto com outros, para partilhar experiências e desenvolver o sentido e o valor da vida comunitária;
- permite o encontro com Jesus de Nazaré que ama e liberta os jovens, apresenta um projeto de vida e chama ao seu seguimento;

- torna-se um espaço privilegiado para alimentar-se com a Palavra de Deus e para a oração em comum;
- anima e impulsiona a renovação permanente do compromisso de serviço e de colaboração com a Igreja e a sociedade na construção de um futuro melhor, justo e humano para todos;
- ajuda a fortalecer o espírito missionário que se dá através do testemunho pessoal, da maturidade da opção vocacional, da vivência do sentido eclesial e de compromisso com a construção da vida e com a transformação da sociedade.

O maior sentido da vida em grupos de jovens está na capacidade que o grupo possui para ser dinâmico na tarefa de evangelizar. Esse dinamismo apresenta duas dimensões que estão intimamente ligadas: a) a vivência dinâmica no grupo de jovens transforma-se em uma comunhão de pessoas que se comunicam entre si através das relações de conhecimento, de amizade e de integração. Neste exercício de vivência, aceitam-se como são, ajudam-se na superação dos problemas e vão criando linguagem, “regras” e objetivos comuns que lhes são a certeza de pertencer e identificar-se com o grupo em que estão; b) presença ativa do Espírito do Senhor na vida e na caminhada grupal. Através da experiência do amor fraterno, o Espírito reúne os jovens e os anima a viver unidos, a perdoar-se, ajudar-se e cuidar-se mutuamente. Transforma suas experiências em encontros com o amor do Pai e de Jesus Cristo. Vai ajudando-os a superar suas angústias, animando sua esperança e comprometendo sua vida na solidariedade e no compromisso com os mais necessitados. A partir dessas etapas apresentadas pela Pastoral da Juventude, não percebo que os grupos se desenvolvam dessa forma. Acredito que não há linearidade nas organizações dos grupos. Sendo assim, não podemos pensar numa seqüência de fatos para a constituição dos grupos.

4.1.3. As etapas de um grupo da Pastoral da Juventude⁷

Um grupo de jovens, assim como qualquer outro grupo, tem sua evolução. É importante que se entenda que as etapas não acontecem de maneira mecânica e obrigatória em todos os grupos de jovens. Não há limites claros entre as etapas, porque cada grupo está inserido em uma realidade diferente e apresenta processos internos diversificados.

⁷ Conforme o Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul.

O nascimento: o grupo de jovens nasce motivado pela vontade e determinação da própria juventude. O grupo depende do assessor e de valores e expectativas trazidas pelos participantes. As expectativas dos jovens são diversificadas. A presença do assessor ou do animador é de máxima importância para acompanhar os primeiros momentos do grupo que nasce.

A infância: o assessor ou animador tem, ainda, um papel fundamental para a caminhada e amadurecimento do grupo. Os jovens ainda não se conhecem, há pouca história em comum, o conhecimento mútuo não é profundo, os participantes têm pontos de referência e visão distintos sobre as coisas. O grupo está em uma fase de muito entusiasmo, com a união de todos, a alegria de estarem juntos, vivendo um presente diferente. Aos poucos, cresce o desejo de conhecer-se mais e de chegar a ter uma identidade própria.

A adolescência: essa é uma fase de crise, conflitos, passagem e mudança. Todavia, é um momento de crescimento e tomada de consciência grupal, da crise de integração e de autoridade, na busca de sentido do grupo e de sua localização na realidade. Diante da crise, o grupo se auto-afirma ou se desintegra. O assessor ou animador com sua experiência e seu conhecimento, ajuda o grupo a objetivar e superar as crises encontrando, juntos, seu caminho.

A juventude: o grupo que superou a adolescência e vive essa nova etapa, apresenta-se com maior segurança e estabilidade e maior independência com relação ao assessor. Aprofunda as relações humanas, assume compromissos com mais seriedade, começa a definir uma escala de valores, busca o verdadeiro sentido do amor, abre-se mais à realidade social e começa a tomar opções importantes na vida.

A idade adulta: fortes relações interpessoais e opções vitais precisam ser assumidas. Uma das características dessa fase é o grupo estar centrado para fora, a serviço, gerador de vida, quer na nucleação e acompanhamento de novos grupos, quer no serviço à organização do povo, na comunidade ou nas organizações populares e políticas.

4.1.4. Processo de Educação na Fé

A opção pedagógica fundamental da Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul é o reconhecimento do caráter processual e dinâmico da formação e da educação na fé.

Essa tarefa se converte em um projeto diário e em um desafio. Nem o ser humano nem os grupos nascem feitos, mas têm diante de si um longo caminho de formação que engloba diversos aspectos e comporta diversas exigências. Deve-se considerar os “tempos” de crescimento de cada jovem, pois o processo educativo é um caminho que cada jovem vai construindo.

Segundo o Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul, no processo de Educação na Fé, é importante considerar que a pessoa, no grupo, passa por três fases muito distintas: a nucleação, a iniciação e a militância. Esta sistematização em fases procura respeitar os tempos de crescimento dos jovens. Entende que, assim como o grupo, a pessoa não está “pronta”, mas vai-se construindo na sua própria história.

A *nucleação* é a fase na qual os jovens são chamados, respondem afirmativamente e decidem começar sua participação nos grupos de jovens. Isto acontece através da amizade, convite pessoal, convites amplos, cursos, encontros, preparação para a crisma, catequese permanente e outras formas. Para que o processo de nucleação seja efetivo utiliza-se uma metodologia que valoriza o acolhimento pessoal, promove a participação, a integração, a organização grupal e ajuda o jovem a descobrir o valor e as exigências da vida em grupo. Deve-se levar em conta alguns critérios: a) a proposta deve partir da realidade dos jovens aos quais se convida, de suas necessidades, de suas buscas, de suas inquietudes e expectativas. Deve ser uma proposta participativa, na qual o jovem se sinta envolvido e descubra que poderá ser protagonista de seu processo de formação; b) a proposta deve ser eclesial. O convite tem que ser expressão da responsabilidade de toda a comunidade cristã preocupada pela evangelização dos jovens; c) a proposta deve ser clara. O convite deve ser honesto, os objetivos bem explicados. Desde o começo deve deixar claro que é uma proposta de vivência e realização de um caminho de amadurecimento na fé.

A *iniciação* é uma fase que tem um tempo próprio de desenvolvimento que deve ser respeitado e que seus distintos momentos variam segundo as características do grupo, seus objetivos, circunstâncias, etc. A experiência leva a considerar a vida do jovem no grupo como um processo dinâmico de crescimento em aspectos que vão se desenvolvendo em extensão e profundidade. Em todas as fases, sempre com peculiaridades diferentes, são vividas algumas relações que sempre voltam. Estas relações são consigo mesmo, com o grupo, a sociedade, com Deus e com a Igreja.

A *militância* é a fase “madura” do jovem e do grupo. A palavra “militante” tem uma longa história na vida da Igreja. Refere-se à ação eficaz do cristão e a seu compromisso, seu testemunho, sua luta e sua atuação concreta no mundo e na própria Igreja. A militância exercida pelos jovens cristãos define-se como aquela ação cada vez mais refletida, intencionada, consciente, contextualizada e organizada, visando promover uma renovação na Igreja e uma transformação na sociedade. Motivado pela fé, o militante é estimulado a viver sua vida na entrega aos demais. A militância supõe integração dinâmica dos elementos cognitivos, afetivos, sociais e transcendentais para uma opção e um projeto de vida. Supõe uma atitude de constante conversão e discernimento sobre o estilo de vida que se deseja, assim como sobre os espaços nos quais se pode e se deve agir e sobre as organizações que possibilitam trabalhar em comum na construção da Civilização do Amor, em justiça e fraternidade. O jovem descobre a militância como “projeto de vida”; fortalece-se em sua fé e vida interiores; conquista maior vivência espiritual; inquieta-se na busca de formação e auto-formação; alcança um maior crescimento na fé que o identifica com Cristo e amadurece sua própria personalidade. Além disso, conquista uma maior consciência do seu compromisso com Cristo dentro da Igreja e da sociedade. O jovem assume o papel de evangelizador do próprio jovem.

4.1.5. Recursos Pedagógicos⁸ da Pastoral da Juventude

Ao lado do processo intensivo de formação nos pequenos grupos, a PJ do Rio Grande do Sul desenvolve uma Pastoral extensiva e missionária, visando atingir o conjunto da juventude, para lançar sementes, despertar e sensibilizar os jovens para a proposta de Jesus, através do testemunho alegre e atraente à vida dos jovens, e coerente com a mensagem de Jesus Cristo. Apresentam como recursos pedagógicos: as Atividades de Mobilização, o Planejamento e a Avaliação.

As *Atividades de Mobilização*, na PJ do RS, acontecem especialmente através do Dia Nacional da Juventude, quando se organizam concentrações, caminhadas, semanas da juventude, festivais, maratonas, encontros e debates, sempre tendo em conta os diversos elementos como o esporte, a música, a festa, o teatro, a celebração. Com estas atividades, a

⁸ Segundo o Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul.

cada ano, as Pastorais da Juventude levam para as ruas e praças milhares de jovens para falar a respeito da vida, cantar seus sonhos, celebrar sua fé, dizer a todos quais seus ideais, suas lutas e expressar a vontade de construir uma sociedade na qual todos tenham voz e vez.

Planejar é organizar a ação da Instituição, do setor, do Grupo. É implantar um processo de intervenção na realidade. É pensar antes qual o melhor caminho para chegar ao objetivo. Todo o planejamento deve partir da realidade dos jovens e dos ambientes nos quais vivem (ver); iluminar esta realidade com as luzes da fé e com a mensagem do Evangelho (julgar); decidir, logo, as atividades que se desenvolverão para mudá-la (agir); avaliar com toda a objetividade o que se conseguiu realizar e o que ficou a desejar (revisar); saber encontrar as formas de, diante da fé, alegrar-se e agradecer o que se realizou (celebrar). O Planejamento facilita a distribuição de responsabilidade e a participação mais ativa dos jovens. Evita a acumulação de atividades, em um mesmo tempo e canaliza, de modo mais racional, as energias de todos os agentes pastorais.

A *avaliação* é um dos instrumentos pedagógicos mais valiosos para a organização. Alguns aspectos sobre a avaliação: por ela vão se ajustando, cada vez melhor, os passos dados e se vai aperfeiçoando a ação; sem avaliação, continuam se repetindo os mesmos erros, não se valorizam as conquistas, nem se aprendem dos fracassos, a ação deixa de ser transformadora, não estimula novas ações, o processo começa a estancar-se e a organização pode deixar de existir; a avaliação permite descobrir o que se fez bem, o que se deve mudar, melhorar, e projetar. A avaliação não é eficaz quando só se enumeram as dificuldades, sem buscar seriamente as causas que as produziram e se trazer as soluções que se requerem. Uma boa avaliação leva a descobrir os verdadeiros problemas e a buscar as soluções adequadas.

Percebo que a Pastoral da Juventude tem privilegiado uma organização a partir da base, ou seja, do grupo de jovens. Uma questão importante diz respeito ao caráter fragmentário e diversificado das experiências. A pastoral desenvolve iniciativas junto às diferentes realidades, vindo ao encontro de uma tendência desse tempo de multiplicação de redes com projetos diversos.

5. O CENÁRIO DA PESQUISA

5.1. A Restinga: observações apressadas

Ao trazer a história da Restinga, reporto-me ao historiador Walter Benjamin (1986), propondo trazer à luz um outro tempo, um outro espaço, outros agentes e outros temas. Segundo os historiadores, o que se liga no presente, liga-se ao passado e nada pode ser perdido, se quisermos entender todo um processo social em evolução.

Segundo o antropólogo e filósofo Lara (1986), a compreensão do mundo novo exige uma abordagem especial, munida de flexibilidade suficiente para não desprezar, a priori, nenhuma manifestação da vida por mais estranha que possa parecer. O fenômeno cultural, nessa ótica, ressitua-se, abrindo a explosão das diferenças. Não significa dizer que todas as culturas se equivalem, mas que todas valem, abertura que rompe com os determinismos da natureza. Segundo o autor, “a irrupção do humano na natureza é a irrupção da cultura e abre espaço da imprevisibilidade, de sensibilidade imponderável” (p. 47).

A Restinga é um dos maiores bairros de Porto Alegre que se originou na década de 60. Em dezembro de 1965, com a transformação do antigo Departamento Municipal da Casa Popular no atual Departamento Municipal de Habitação, abriu-se caminho para as primeiras remoções das vilas Theodora, Marítimos, Ilhota e Santa Luzia. Elas foram transferidas para um local distante 22 km do centro urbano. Essas foram as remoções que deram origem no ano de 1967, ao loteamento inicial de caráter provisório, denominado, atualmente de Restinga Velha. A partir de 1968, através do financiamento do Banco Nacional de Habitação iniciou-se um novo empreendimento do poder público para a compra de áreas para a construção de um grande loteamento, o que chamamos hoje de Restinga Nova, constituído de cinco unidades vicinais. Destas, somente quatro foram concluídas.

As aquisições das moradias das primeiras unidades da Restinga Nova dependiam da inscrição no DEMHAB para famílias que recebiam até cinco salários mínimos. As entregas eram por sorteio e a preferência era das famílias da Restinga Velha que há muito aguardavam a promessa da casa própria, porém, a imensa maioria das habitações da Restinga Nova não foi povoada por essas famílias, pois elas não se enquadravam nas exigências para as aquisições. As moradias populares foram cedidas àqueles que podiam pagar por elas, e muitos pequenos investidores que achavam barato morar na Restinga investiram na região, iniciando um povoamento diferente daquele ocorrido na Restinga Velha.

Segundo Nunes (1990), os benefícios que a população da Restinga Velha veio a usufruir foram alcançados mediante muita luta, reivindicações, abaixo-assinados e apelos aos meios de comunicação. Importantes conquistas foram alcançadas nos anos eleitorais: aberturas de ruas, ônibus, policiamento, escolas, limpeza urbana, postos de saúde, etc.

A Restinga Nova conserva-se com as mesmas unidades construídas ao passo que a Restinga Velha continuou sendo ocupada de forma irregular. Há problemas relativos à violência, educação, saúde, transporte e trabalho. Mas também houve crescimento em termos de infra-estrutura.

O bairro possui algumas ruas asfaltadas, centro comunitário denominado CECORES (Centro Comunitário da Restinga), com ginásio coberto; campos de futebol; pequenas lojas; mercearias; escolas; postos de saúde; ônibus para o transporte coletivo; delegacia de polícia; igrejas de diferentes confissões religiosas e um Centro Administrativo; descentralização da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

A avenida João Antonio da Silveira é um “divisor de água” entre a Restinga Velha e a Restinga Nova (ANEXO C). Nesta avenida e nas mais próximas, o comércio e os serviços estão reunidos, a Igreja Católica Nossa Senhora da Medianeira se destaca pela localização que a diferencia dos demais prédios, seguida da quadra de ensaios da Escola de Samba, que fica na esquina posterior. Os ônibus fazem o percurso Velha e Nova Restinga centro-bairro, bairro-centro. É um vai-e-vem intenso. Os moradores têm um longo caminho pela frente, em torno de 50 minutos até o centro.

Os moradores da Restinga são produto-produtores desse bairro que emergiu em meio a tantas dificuldades. O caminhar dessa gente tem sido marcado pela possibilidade de auto-produção. Vivem a história do grupo a qual pertencem. Constituem e são constituídos nos

agrupamentos: de família, de amizade, de trabalho, de associação, de escola, de carnaval, de capoeira, de futebol, de redes e de gangues.

A realização de um modo de vida, a constituição de identidades e a estruturação de uma sociabilidade se dão no dia-a-dia, percebemos, então, o local onde estas pessoas que têm menos privilégios depositam seus sonhos e ilusões, mesmo vivendo em uma sociedade orientada para a produtividade excludente e desigual. O cotidiano representa aqui o que acontece a cada dia, o que se repete. O jogador TINGA, por exemplo, surge deste contexto, da várzea. É reconhecido por sua capacidade e potencial. Talvez esse seja um dos motivos que influenciou a escolha do time da maioria dos jovens que participam do grupo que pesquisei.

Há uma rede de relações pessoais estabelecida pelos habitantes que têm na vizinhança e no parentesco, os pontos de apoio. No final de semana, é comum vermos jovens, adultos e crianças caminhando pelas ruas, concentrados no Centro Comunitário da Restinga, nas quadras esportivas, reunidos em aniversários, significando uma maior confluência dos habitantes, o que não quer dizer necessariamente integração.

Foram muitas idas e vindas à Restinga. Descobri um novo bairro, diferente da imagem que eu tinha construído antes de pegar o ônibus para o meu primeiro contato com essa nova realidade. Foi uma aprendizagem intensa e significativa construída com os(as) jovens da Paróquia Nossa Senhora Aparecida.

Considero que minhas observações são apressadas porque o tempo que permaneci na Restinga não é suficiente para conhecer sua realidade, por isso o termo apressadas.

5.2. O Grupo Pesquisado: Jovens Semeando o Amor de Cristo

O grupo religioso que pesquisei segue orientação da Pastoral da Juventude (PJ) que é um Projeto da Igreja Católica junto à juventude. Surgida na década de 30 e vinculada à comunidade paroquial de cada diocese, a PJ tem como objetivo, segundo Souza (1998), a politização dos jovens de forma consciente, para que o indivíduo tenha um referencial de fé, da doutrina, da sensibilidade ética em sua vida prática.

5.2.1. Resgatando a trajetória do grupo

A partir dos contatos com a Ir. Elisete⁹ e com os membros do grupo, foi possível reconstruir a trajetória do grupo JOSAC (Jovens Semeando o Amor de Cristo) que foi criado em 2003, a partir da necessidade de continuidade dos encontros dos jovens que concluíram a crisma na Paróquia Nossa Senhora Aparecida da Restinga. No final do ano de 2003, com objetivo de integrar os jovens que terminaram a catequese¹⁰ da crisma, foi organizado um retiro, com o propósito de reforçar o convite aos jovens para a criação de um grupo que atuaria em 2004.

Cumprindo a etapa dessa instrução religiosa metódica, com duração de dois anos, os jovens não se encontrariam mais regularmente como vinham fazendo, e isso poderia facilitar sua dispersão. Assim, a constituição de um novo grupo possibilitaria manter os vínculos da união e o espaço de sociabilidade dos jovens e se preservaria o espaço da prática da religião, ao mesmo tempo que se abriria para eles a oportunidade de exercer sua solidariedade, por meio dos trabalhos comunitários.

Em março de 2004, o grupo se encontrou juntamente com um representante da Pastoral da Juventude. Nesse dia, houve um aprofundamento sobre o que é um grupo, quais os objetivos da PJ, que ações organiza, etc. Nesse encontro, os jovens iniciaram a mobilização e marcaram o dia e o horário em que seria possível ocorrer as reuniões do grupo.

“Foi sugerido um encontro de duas horas para poder dar tempo de fazer as dinâmicas, conversar, brincar, para favorecer a integração, pois esse era o objetivo inicial.”

Ir. Elisete

A partir desse comentário da Ir. Elisa, consideramos interessante essa preocupação inicial com a integração, favorecendo momento de ludicidade tão importante aos

⁹ A Ir. Elisa é assessora do grupo JOSAC. Segundo o Marco Referencial da PJ/RS, a palavra “assessor” vem do latim “sedere ad”, que significa “sentar-se junto a”. Dá a idéia de motivar, acompanhar, orientar e integrar a contribuição e a participação dos jovens na Igreja e na sociedade e propiciar a acolhida desta ação juvenil na comunidade. Cabe ao assessor despertar lideranças; proporcionar apoio necessário para que os jovens possam desenvolver um processo grupal de formação integral na fé, promovendo e respeitando seu protagonismo; ser pólo desafiador e de confronto, evitando paternalismo e autoritarismo e auxiliar os jovens nos momentos de desânimo e conflitos. Para isto, precisa ter amplo conhecimento das juventudes e de sua realidade, em todos os níveis e aspectos e saber mais escutar do que falar (Marco referencial da PJ/RS, p. 64-65).

¹⁰ Por catequese entende-se uma instrução oral sistemática que a Igreja Católica administra as crianças e os jovens que queiram se preparar para a primeira eucaristia e a crisma, cuja duração é de dois anos.

jovens. Carrano (2003) nos diz que a experiência social contemporânea fez da identidade juvenil algo profundamente associado ao hedonismo e ao sentido do lúdico das práticas de lazer, seja na forma do consumo individual do tempo livre, seja ainda em práticas em que o sentimento de pertencimento a um grupo dá a tônica dos relacionamentos. O Referencial da Pastoral da Juventude do RS aponta que é na vivência grupal que o jovem é chamado a fazer a experiência de vida em comunidade. Através de sua participação em grupos de jovens, encontra um espaço para a convivência, para o diálogo, para o companheirismo e para o afeto.

Em junho de 2004, ocorreu o curso “Semeando”, organizado pela Pastoral. É um curso para iniciantes e houve a participação de dois membros do JOSAC: Leo e Gelson. No final de semana seguinte, esses mesmos jovens participaram da Escola da Juventude. A Ir. Elisa registra que

“A participação desses jovens nessas atividades organizadas pela Pastoral da Juventude auxiliou muito no crescimento do JOSAC pois eles começaram a organizar as dinâmicas que até então eram organizadas pelos professores da catequese.”

Ir. Elisa

Percebe-se um esforço da Igreja no sentido de possibilitar o encontro desses jovens, pois há uma preocupação de que os jovens não “se percam” após a conclusão da Crisma. Naquela época, os jovens criaram o nome do grupo, escolheram um coordenador e definiram algumas ações que poderiam fazer na comunidade.

A partir do envolvimento dos jovens com a Escola da Juventude¹¹ e a Missão Jovem que foi realizada na Restinga, houve maior envolvimento dos membros do grupo, o que, segundo depoimento da Ir. Elisa proporcionou crescimento e fortalecimento do grupo.

¹¹ A Escola da Juventude é um Projeto da Pastoral da Juventude que ocorre em três módulos cujo objetivo é a Formação de Coordenadores de Grupo. A Missão Jovem também é um Projeto da Pastoral da Juventude em que os jovens da pastoral evangelizam nas escolas, nos meios de comunicação, etc. Participei de alguns momentos da Escola da Juventude que aconteceu no dia 10 de junho de 2006, no Instituto da Pastoral da Juventude - IPJ. Naquela tarde falariam sobre afeto, carinho, amor, cuidado. Os coordenadores propuseram um dinâmica que se chamava “Corredor polonês” (com uma música no fundo, os participantes formavam um túnel e, aquele que estivesse na entrada do túnel, fazia o percurso do mesmo com os olhos fechados, deixando-se guiar pelas pessoas que estavam compondo o túnel. Em cada passo dado, os amigos que estavam parados no corredor, faziam gestos de carinho. Cada um poderia escolher o que faria, desde abraçar o companheiro que estava com os olhos fechados até pegá-lo pela mão e conduzi-lo ao próximo participante. Depois dessa dinâmica, sentados em círculo, cada um expressou sua sensação ao caminhar, de olhos fechados e ser acariciado pelos cursandos: “achei muito legal porque deixei de lado aquela história de que homem não abraça nem beija homem”; “tu vai passando pelo corredor, está com os olhos fechados e vai sentindo uma segurança”; “No início senti vergonha. Depois fiquei curioso pra saber quem foram as pessoas que fizeram carinho no meu rosto”. “Me senti amado, especial”; “a felicidade seria maior se cada vez mais víssemos esse tipo de coisa acontecendo lá fora, entre os nossos amigos.

“Vejo que a partir dali muitas coisas boas aconteceram, inclusive melhoraram a auto-estima, se sentiam envolvidos com a Missão Jovem, precisavam organizar materiais, evangelizar nas escolas... Em outubro daquele ano teve a festa da Paróquia então eles também se envolveram com a novena, com a festa, participando ativamente das atividades. Participaram, também, do Dia Nacional da Juventude – DNJ.”

Ir. Elisa

No final de 2004, os jovens prepararam um retiro, organizando as dinâmicas, as místicas e definindo funções de cada membro. Esse retiro ocorreu no início de 2005 e contou com momentos de espiritualidade, místicas, dinâmicas e um momento de planejamento do ano. Planejaram, juntamente com outras atividades, uma gincana que envolveu toda a comunidade paroquial e ocorreu no final de abril.

Para o jovem, sendo um espaço de sua escolha, o grupo pode representar a transposição do espaço familiar, nessa etapa em que ele necessita se sentir identificado com seus pares. Segundo Magnani (1996), é nesse espaço que os jovens exercitam, para além da doutrina da fé, do cumprimento dos rituais religiosos, do trabalho solidário, a sua própria individualidade no contato com o grupo. Este é o lugar da música, da dança, da expressão corporal, entre outros.

Quando conheci o grupo, os jovens estavam fazendo uma avaliação sobre a gincana que envolveu toda a comunidade paroquial, ou seja, desde a catequese até os adultos. Os jovens organizaram as equipes, prepararam as provas e organizaram as atividades esportivas. O objetivo da atividade foi a integração entre a comunidade e a arrecadação de fundos para a Paróquia. Com as provas, arrecadaram material reciclável, papéis, brindes e alimentos. Os brindes arrecadados foram usados na festa da padroeira. Os alimentos foram doados ao Centro Social e o material reciclável foi vendido e o dinheiro, doado à paróquia. Organizaram, também, um baile que aconteceu no final da gincana e o dinheiro também foi entregue à paróquia. A primeira gincana organizada pelo grupo ocorreu em 2005.

É muito bom se sentir cuidado pelos outros”; “Precisamos aprender a amar as pessoas”; “Não lembro a última vez que alguém me deu um abraço”; “Foi algo simples e muito gostoso”; “Por que não beijar o menino que passa”? “Me senti protegida, o carinho foi fundamental”. “Achei muito interessante a vivência que estamos nos proporcionando nesse espírito de grupo. Estamos nos cuidando, nos protegendo uns com os outros.”

Ao participar dessa atividade fiquei pensando sobre as aprendizagens que esses jovens constroem nesses momentos. O sentido do afeto, carinho. O sentido do despertar para a sensibilidade é algo necessário e percebo que a Pastoral da Juventude se preocupa com essa formação.

Nos grupos, ocorre uma dinâmica interna própria que permite, aos seus componentes, formas de adesão e graus diferenciados de participação nas ações coletivas. Essa flexibilidade permite ao jovem transitar por vários grupos, uns com significado mais forte que outros. O pertencimento a vários territórios pode ser na própria localidade: podem pertencer via meios de comunicação (TV, internet), ou a grupos à distância. Os grupos trazem, por meio de suas atividades e nas relações estabelecidas, uma diversidade de experiências que faz o jovem sentir-se mais participante de sua comunidade e, conseqüentemente, da sociedade. Assim, movimento, ampliação e redução, permanência e saída fazem parte de uma certa liberdade e espontaneidade, que sugerem ao jovem o pertencimento a determinado grupo. Conforme Melucci (1991) essas são características essenciais para a constituição da identidade, tanto individual quanto grupal.

5.2.2. Sobre os jovens que participam do grupo

Dos onze jovens que constituem o grupo, três são mulheres. Entrevistei todos os membros do grupo, com exceção do Luiz que é considerado “turista”. Oito entrevistados moram com os pais e todos sempre moraram na Restinga, com exceção do João que é natural de Guaíba e faz dez anos que mora na Restinga.

5.2.3. Perfil dos jovens¹² que participam do grupo JOSAC

NOME	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	TRABALHO
Ana	Feminino	16 anos	Cursa o 2º Ano do Ensino Médio numa Escola Pública na Restinga	Não trabalha
André	Masculino	19 anos	Faz Curso Superior de Informática na ULBRA - Canoas	Faz estágio remunerado na EPTC (Empresa Pública de Transporte Coletivo).
Deise	Feminino	15 anos	Cursa o 2º Ano do Ensino Médio numa Escola Pública na Restinga	Não trabalha
Everson	Masculino	18 anos	Cursa o 1º semestre do Curso de Tecnologia em Redes Convergentes –	Trabalha como auxiliar Administrativo, com carteira

¹² Os nomes pelos quais os jovens são identificados no quadro são fictícios com a finalidade de preservar as suas identidades.

			La Salle - Canoas	assinada.
Fábio	Masculino	16 anos	Cursa o 1º Ano do Ensino Médio numa Escola Pública na Restinga	Não trabalha
Juliana	Feminino	21 anos	Faz Curso técnico em Nutrição e Dietética numa Escola Pública no Centro de Porto Alegre.	Faz estágio curricular do Curso Técnico em Nutrição e Dietética.
Jamil	Masculino	15 anos	Cursa o 1º Ano do Ensino Médio numa Escola Pública na Restinga	Não trabalha
João	Masculino	17 anos	Cursa a 8ª série do Ensino Fundamental numa Escola Pública na Restinga. Faz Curso de montagem e manutenção de Microcomputadores.	Trabalha informalmente no Curso de montagem e manutenção de microcomputadores. É remunerado pelos micros que conserta.
Gelson	Masculino	18 anos	Faz Curso de Informática aos Sábados.	No período das eleições, trabalhou na Campanha Política.
Leo	Masculino	19 anos	Cursa o 1º semestre do Curso de Tecnologia em Redes Convergentes – La Salle - Canoas	Trabalha numa Loja de Informática, com carteira assinada.
Luiz	Masculino	16 anos	Cursa o 1º ano do Ensino Médio numa escola pública da Restinga. Faz Curso de Marcenaria.	Ajuda o pai (pedreiro)

O grupo é assessorado pela Ir. Elisa, uma jovem de 25 anos, membro da Congregação das Irmãs Filhas de Jesus. A Ir. Elisa cursa Pedagogia na PUC-RS e trabalha na creche onde acontecem as reuniões do grupo JOSAC.

Todos os jovens estudam ou estudaram em escola pública da comunidade. O Curso Técnico em Nutrição e Dietética ocorre em uma escola pública no centro de Porto Alegre e o ingresso no curso é por sorteio. Os jovens são católicos e residem próximo à Paróquia Nossa Senhora Aparecida. Percebe-se que os jovens são alegres, mostrando, por meio das brincadeiras, uma relação de amizade.

Em razão de vivenciar os princípios de solidariedade e fraternidade com o próximo, princípios esses pregados pela pastoral católica da Igreja e realizar seus objetivos, tais como o crescimento pessoal, o desenvolvimento das relações interpessoais e a preservação

da cultura e das tradições da comunidade, o grupo JOSAC desenvolve várias atividades, dentre as quais destaco a organização das missas do segundo sábado de cada mês pelas quais os jovens são responsáveis; a organização de uma gincana envolvendo toda a comunidade; organização e realização de retiros espirituais e a organização da Festa da Páscoa dos Idosos.

De forma geral, os jovens do grupo participam em todas as atividades de caráter religioso que se realizam na comunidade da Paróquia. Um exemplo é a Festa da Padroeira que ocorre anualmente, no dia 12 de outubro – Dia de Nossa Senhora Aparecida – Padroeira da Paróquia. Uma característica do grupo JOSAC é sua animação musical, sempre presente nas atividades que desenvolve.

A inserção em um grupo, as formas como os jovens travam as suas primeiras relações de sociabilidade, feitas por sua livre escolha, passam por diferentes sentimentos que dependem de sua individualidade, subjetividade e da disponibilidade de enfrentamento das relações coletivas. Com esse entendimento, discuto as diferentes formas de inserção dos jovens em seus grupos, bem como levanto os diferentes significados que estes atribuem a esse pertencimento, como elemento importante na constituição das suas identidades.

Os motivos que levaram os jovens Everson, Gelson e Leo a pensar em constituir o grupo de jovens são vários:

“Ajudei a construir esse grupo com a idéia de fazer alguma coisa pelos crismandos que estavam concluindo a crisma. Eu, o Leo e o Gelson iniciamos o grupo. Convidamos os crismandos e começamos as atividades com o grupo e estou desde o início, acompanhando toda a vida do grupo”.

Everson

“No final de 2003, começamos o grupo. Foi a convite de uma pessoa que trabalhava na comunidade, lá. Já tinha um grupo antes e ele era um dos assessores desse grupo. Aí aquele grupo terminou e queriam formar um outro e como eu tinha feito crisma há pouco tempo aí ele convidou eu, o Gelson e o Everson para começarmos um novo grupo”.

Leo

“Eu comecei em 2003, eu, o Leo e o Everson. Marcamos um encontro e chamamos os jovens e começamos a participar dos cursos da Pastoral da Juventude. E naquele mesmo ano teve a Missão Jovem”.

Gelson

“Quando... eu não vou saber dizer mais ou menos mas faz em torno de uns 5 ou 6 meses. Eu comecei a vim porque eu ia começar a catequese da crisma e a Ir. Luzia me sugeriu pra começar no grupo de jovens junto”.

João

“Faz uns dois anos que participo do grupo. O Léo (animador do grupo) é meu primo, eu comecei a vir no grupo, e comecei a fazer parte do grupo”.

Juliana

Percebe-se que o motivo mais explícito e objetivo seria o desejo de eles permanecerem juntos, continuarem realizando os encontros. Os outros motivos que levaram os jovens à escolha do grupo JOSAC, para além da religiosidade, estão relacionados com as necessidades e os significados que cada um atribui a essa experiência de vida. Poderíamos, de certa forma, caracterizá-los em a) os adeptos integrais, que são aqueles jovens que vêem o grupo como um local de formação pessoal e social; b) os de sensibilidade para a vida associativa que consideram o grupo como espaço de formação para a atuação nas questões sociais, principalmente no que se refere à solidariedade e ao desenvolvimento comunitário.

Entretanto, o que é comum e transparente a todos os membros do grupo, é o forte significado que é dado à amizade, à solidariedade, ao lúdico e à brincadeira. Percebe-se esse clima de sociabilidade não só nas festas, reuniões, viagens, mas até mesmo nos rituais religiosos que são realizados com muita música e dança.

O grupo JOSAC reúne-se todos os sábados à tarde em um espaço físico da Creche Leonardi, administrada pelas Irmãs da Congregação Filhas de Jesus. Antes de iniciarem a reunião, preparam um chimarrão e providenciam pipoca ou bolachinhas. Participando desses momentos, percebi o quanto valorizam o “estar junto”. Alguns chegavam 30 minutos antes da reunião e ficavam conversando sobre futebol, ou sobre karatê (um jovem pratica esse esporte). O assunto desses momentos de encontro, na maioria das vezes, ficava em torno do futebol, sendo vários membros do grupo gremistas. No início da reunião, os jovens buscavam colchonetes e os espalhavam pelo chão, formando um círculo. Iniciavam os encontros com uma mística, fazem a leitura da bíblia e, posteriormente, cada jovem fazia um pedido e um agradecimento sobre algo vivenciado durante aquela semana. O encontro do grupo é um momento muito rico de partilha e sensibilidade. Para a realização da mística, os jovens organizavam um “rodízio” de forma que a cada semana um era o responsável pela realização desta. Após esse momento, os jovens retomavam as combinações da reunião anterior que normalmente se referia a alguma atividade promovida pelo grupo: missa, participação na gincana, participação no DNJ, etc. Interessante registrar a preocupação que

eles tinham em avaliar as atividades desenvolvidas, vindo ao encontro da proposta da PJ/RS no que diz respeito aos Recursos Pedagógicos.

Particpei de uma reunião em que os jovens fizeram uma avaliação sobre a gincana. Considerei interessante a forma aberta e transparente na qual avaliaram os momentos positivos em que participaram e conseguiram atingir os resultados e também os momentos que não foram significativos e prejudicaram o desenvolvimento da atividade. Percebi que os jovens conseguem expressar os sentimentos, falar sobre as insatisfações e propor sugestões para a próxima atividade. Para mim foi, sem dúvida, um momento de aprendizagem sobre esses jovens que, no dia-a-dia, assumem-se como protagonistas.

O grupo de jovens existe em razão do interesse dos seus participantes em darem continuidade a sua religiosidade, como meio de perseverança na fé. No entanto, o que se pode ver são jovens que têm no grupo um espaço dentro do qual podem trocar experiências com seus pares, afeto e relação de amizade, mostrar seus talentos por intermédio da música, momentos de lazer e, ainda, divulgar e preservar a cultura e tradições da comunidade onde vivem. Movimentando-se nesse contexto, os jovens do grupo mantêm uma relação amistosa com a comunidade até o momento em que os limites impostos pela sociedade são quebrados ou parcialmente transgredidos.

Sobre a receptividade da comunidade com relação ao grupo, registram que:

“As pessoas da comunidade recebem bem as ações do grupo. Eles ajudam o grupo. Vejo que gostam bastante do grupo. Eu gosto de morar aqui, tem uma comunidade boa. São bem participativos e acho que isso também ajuda. Acho que tem muitas pessoas que não participam da igreja, mas sabem que existe o grupo de jovens através de pessoas que são da comunidade”.

Ana

“Alguns apóiam quando nós vamos fazer algum projeto na comunidade. Tem uns que acham ridículo quando a gente vai fazer uma gincana, por exemplo. Acham ridículo a gente ficar juntando papelão pra lá e pra cá pra ajudar as equipes. As pessoas da paróquia sabem que a gente participa do grupo. Os outros, acho que não sabem”.

Fábio

“Acho que eles (a comunidade) têm uma imagem boa da gente. A gente consegue realizar alguns eventos com sucesso e tudo. Acho que às vezes eles ficam meio receosos, tipo, os guris querem até colocar bateria na missa e eles não são muito receptivos a isso porque é tudo muito novo. Então acho que eles acham a gente meio bagunceiros, meio ousados. Mas no geral, com relação às atividades, sempre tivemos boa receptividade da comunidade”.

Juliana

“A comunidade da Igreja apóia as ações. Depois que a gente construiu o grupo, eles valorizam mais os jovens, ajudam, questionam. Quem é assim mais de fora, tem um pessoal que não é muito receptivo, não gosta. Até mesmo quando a gente propõe uma atividade de cunho social tem gente que não gosta, questiona. Tem muita gente que vê a gente assim como jovens diferenciados, que estão fazendo algo. Que a gente não está sem fazer nada, ta trabalhando,

envolvido com a igreja. Tem uma tia minha que fala que a gente é diferenciado, e as pessoas que ela conhece também falam isso”.

Gelson

“O bairro não recebe bem o grupo. A comunidade (da paróquia) tem boa receptividade. Moro num bairro que é muito grande. Mas a comunidade do entorno da paróquia recebe bem as atividades propostas pelo grupo. A comunidade é legal, as pessoas são engajadas. Num todo, é legal, as coisas funcionam. A área onde eu moro tem umas 4 mil pessoas, desses, 10 jovens participam do grupo, e tantos outros não estão, e esses estão fazendo outras coisas, estão estudando, estão na rua, estão assaltando, então sinto que as pessoas nos valorizam pelo fato da gente estar no grupo e a maioria das pessoas que está no grupo já tem uma identidade anterior com as pessoas da comunidade: Ex: minha tia é catequista, o pai e a mãe do Jéferson trabalham na paróquia então isso favorece”.

Léo

Nota-se que o entendimento do bairro é algo muito amplo na avaliação dos jovens. Conseguem opinar sobre a comunidade acerca da Paróquia que reconhece o Grupo e as ações que são organizadas por eles. O que podemos observar é uma comunidade que deposita na juventude a confiança no papel de criar desde que seja dentro dos padrões e valores que permeiam a cultura local. Percebe-se, também, que o jovem tem cuidado em lidar com os adultos da comunidade pois são cautelosos naquilo que pode transgredir as normas e valores locais. São múltiplas as manifestações dos jovens, o que instiga novas questões.

Sobre esse aspecto, cito outro depoimento:

“As atividades que nós fazemos que mais articula a Paróquia é a Gincana. Isso eles vêm como algo bem positivo. Fizemos a primeira vez e eles queriam que nós fizéssemos duas vezes no ano. Aí nós dissemos que não dava, senão não iríamos agüentar. O grupo de jovens é um grupo que está presente, que ajuda a paróquia. O que a comunidade pensa sobre o grupo, eu não sei. Temos um apoio enorme do padre, tanto que, pra Escola da Juventude, ele vai se locomover daqui para a avenida Goethe, para levar colchões para os jovens que dormirão na Escola. Ele vai praticamente atravessar a cidade pra levar esses colchões. Então temos um apoio muito positivo. Acho que o pessoal da paróquia identifica o grupo JOSAC. Acho que entre as duas paróquias, podem identificar mas não tenho certeza disso. Na nossa paróquia eles identificam quem faz parte do grupo JOSAC. Se a gente sair por aí e dizer quem a gente é e o que faz, a gente pode até se dar mal. Se eu tratar os guris do grupo lá fora, como eu trato aqui (dar um abraço, por exemplo) eu não posso ter essa liberdade que eu tenho aqui, se eu fizer isso lá fora, com certeza eu vou ser taxado de homossexual. Então tem muito preconceito. A maioria das pessoas não sabe que existe um grupo de jovens na paróquia”.

Everson

A gincana desenvolvida pelo grupo da pastoral é um exemplo de mobilização integradora dos jovens e também de toda a comunidade local. A gincana é ação, mas é momento de encontro, troca com o outro, ludicidade, avaliação.

A partir do depoimento do Everson, percebe-se um reconhecimento à ação da Paróquia no que se refere ao auxílio dado pelo padre para a realização da Escola da Juventude.

Também se percebe o preconceito da sociedade no que se refere às relações de afeto entre as pessoas. É importante ressaltar o papel da Igreja no sentido de que essa instituição consegue nuclear por grupos e dá autonomia a eles. A partir da fala, percebe-se que na relação dos jovens com o padre, há escuta e ajuda, proporcionando uma relação de amizade e reconhecimento ao trabalho desenvolvido pelo padre. Diferente dessa pesquisa, Souza (2003), em pesquisa realizada com um grupo da Pastoral da Juventude, constatou que a relação dos jovens com o padre daquela comunidade era de intenso conflito. Também fica claro no depoimento do Everson o preconceito presente na sociedade no que se refere às atitudes de carinho entre pessoas do mesmo sexo. Retomando uma das ações que a Pastoral da Juventude realizou em 2006 – o Projeto “Um olhar sobre a vida: afetividade e sexualidade em questão”, registro o depoimento de um jovem:

“Mudou muita coisa na minha vida depois que entrei no grupo: o modo de pensar, o curso que estou fazendo que é sobre a afetividade que estuda questões sobre a sexualidade, preconceito. Mudou meu modo de ver as coisas, exemplo: brigas: nunca fui de me envolver em brigas, mas os cursos que fiz me ajudaram a pensar ainda mais sobre as coisas. Sinto que estou amadurecendo, mesmo”.

Jamil

A temática da sexualidade e do preconceito vem ao encontro do interesse dos jovens. Fico pensando na importância da Pastoral da Juventude na formação desses jovens, pois muitos não encontram um lugar para falar das inquietações presentes no mundo juvenil e a Pastoral abre essa possibilidade, sendo um espaço de escuta, reflexão, autonomia.

Com relação às imagens que os jovens têm sobre o bairro, registram:

“Se tu fala, normalmente em praia, que mora na Restinga, bah... sei lá, acho que falou na Restinga eles pensam que é tudo marginal, tu fica até meio sem jeito e fica pensando... bah, o que eu fiz pra ti. Eles têm que entender que não é só na Restinga. Tem muitos lugares de Porto Alegre que são muito piores que a Restinga. A Restinga sofre um grande preconceito. Meu professor de karatê não é daqui e ele faz um trabalho voluntário aqui. Então ele tenta levar, levantar o nome da restinga. Diz que é pra gente mostrar que a Restinga não é só coisa ruim. Mostra o lado bom da restinga. Então tem algumas pessoas que tentam ajudar a Restinga. Mas o próprio pessoal da Restinga parece que não gosta. Tem gente que pode morar no meio da Restinga mas eles não dizem que moram na Restinga. Eu gosto da Restinga”.

Jamil

“O bairro já é mais complicado, é muita gente, tem algumas áreas com uma realidade de pobreza, grande e determinados pontos há muita violência e algumas pessoas do bairro como é um bairro conhecido e é um bairro que normalmente as pessoas falam mal, tem muito preconceito com as pessoas que moram aqui, aí quem mora no bairro acaba trazendo esse preconceito pra dentro. Então as pessoas mesmo dizem “ah, eu moro na Restinga então pra mim tanto faz fazer isso ou aquilo. Então às vezes o pessoal de tanto ouvir acaba repetindo as

mesmas coisas que eles ouvem em outros lugares. “Ah, já que eu moro aqui, posso ir no fundo do ônibus fazendo baderna, porque afinal de contas moro na Restinga mesmo”.

Everson

“Acho que o bairro tá muito violento. Não tem união. Tem lugar que um quer matar o outro pra dizer que é o homem, que é bandido. Tem adultos, jovens e crianças metidos nisso. Isso é por causa do tráfico, de um querer invadir a rua do outro pra poder ganhar dinheiro a mais. Exemplo: ah, tu tá me devendo tal coisa e não me pagou ainda. Daí eles vão lá e matam. E esse que foi morto, a gangue desse sabe quem matou daí eles querem se vingar. Às vezes quando eu vou para o colégio dá até medo. Se eu vejo uma roda de guri as 11 horas da noite na rua, quando to voltando do colégio, me dá medo, porque eles vem atrás. Se tu correr é até perigoso de levar um tiro. Isso acontece aqui na Restinga quase em todos os lugares, não dá pra dizer se é mais na Restinga Velha ou na Restinga Nova”.

Fábio

“A imagem que eu tenho da Restinga é que as pessoas acham que é perigoso, eu não tenho muito essa visão. É claro que eu não vou andar de noite sozinha, em qualquer lugar hoje não é seguro. Mas eu não tenho a visão que a Restinga é tão perigosa, de que eu vou atravessar e de repente não vou voltar. É um lugar bom de se morar. Mas eu acho um lugar bom pra se morar, especialmente o lugar onde eu moro e eu já ouvi outras pessoas dizerem que ali em cima, na chácara do banco, onde eu moro, é um dos lugares mais calmos”.

Deise

“Vejo a Restinga em diferentes situações. Tem muita gente que mora aqui não por opção. Tem outros que gostam do bairro, gostam do lugar mas também tem muita realidade de violência. Tem gente que mora aqui por causa do tráfico, bandidagem. Mas eu vejo a Restinga ainda como uma comunidade esperançosa. Tem muita gente aqui que vê assim diferente, que mora aqui e acha que a Restinga é ótima assim. Eu me sinto muito bem na Restinga. Gosto da Restinga. Não sei se eu mudaria de bairro. Não gosto de ver só concreto na minha frente. Concreto por todos os lados. Eu gosto de verde, dessas coisas assim. Então não me vejo em outro bairro”.

Gelson

As manifestações dos jovens são múltiplas e há necessidade de dialogar com essas diferenças. A pesquisa realizada pelo IBASE (2006) apontou que o que mais preocupa os jovens da Região Metropolitana de Porto Alegre é a violência (falta de segurança e criminalidade) e o trabalho (desemprego, falta de oportunidade). Nos depoimentos dos jovens da Restinga, percebemos uma preocupação com relação à violência no bairro. Não podemos generalizar, pois nem todos os jovens vêem a Restinga como um bairro violento. Alguns jovens percebem um preconceito com relação ao local de moradia.

Novaes (2006) nos fala que o local de moradia faz diferença: abona ou desabona, amplia ou restringe acesso aos jovens. Para as gerações passadas esse critério poderia ser apenas uma expressão da extratificação social, um indicador de renda ou de pertencimento de classe. Hoje, certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia. Ao preconceito e

à discriminação de classe, gênero e cor adicionam-se o preconceito e “a discriminação por endereço”. No acesso ao mercado de trabalho, o endereço torna-se mais um critério de seleção. Conscientes da existência da “discriminação por endereço” que opera – consciente ou inconscientemente – nas seleções para o trabalho, muitos jovens encontram estratégias para ocultar o lugar onde vivem e lançam mão de endereços dos patrões dos pais, de parentes, de bairros próximos ou caixas postais.

É importante aprofundarmos essa reflexão sobre as identidades, pertencimentos, relação com o trabalho, com a igreja e as aprendizagens construídas em diferentes espaços.

6. TECENDO PEDAGOGIAS PENSADAS E VIVIDAS

A Pastoral da Juventude tem como principal objetivo a evangelização da juventude em suas diversas realidades. A PJ/RS reafirma a importância do grupo de jovens como experiência central de evangelização e como proposta de formação para os jovens que estão nas comunidades paroquiais, nas escolas, nos meios populares, na realidade rural e em outros ambientes específicos. É na vivência grupal que o jovem é chamado a fazer a experiência de vida em comunidade.

Para que uma verdadeira vida comunitária aconteça, a Pastoral da Juventude aponta que o maior sentido da vida em grupos de jovens está na capacidade que o grupo possui para ser dinâmico na tarefa de evangelizar. O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) revela que o ponto de partida da Pastoral da Juventude é o próprio jovem, assumindo em sua realidade pessoal, cultural e social. Não inventa os jovens, encontra-os como são e onde estão. O processo evangelizador é vivido em pequenos grupos, de forma participativa a partir dos jovens e com os jovens. Eles são o ponto de partida e sujeitos ativos de seus próprios processos, e são chamados a ser os primeiros evangelizadores dos outros jovens. Essa participação é o elemento fundamental da Pedagogia da Pastoral da Juventude.

Como vimos no capítulo 3, considerar que a juventude se constitui como uma categoria sociocultural, nos dias de hoje, é dizer que ela vem sendo tecida em tramas de constantes mudanças. Segundo Levi & Schmitt (1996, p. 8), a juventude como produção social e cultural, mais do que qualquer outra categoria, tem a característica de “ser irreduzível a uma definição concreta estável”.

Rompendo com a idéia de grupo homogêneo, com características comuns é que se fala em juventudes. O fundamental para os jovens não é a construção de metas para um futuro incerto, mas experimentar o sentido do presente. Os jovens percorrem diferentes percursos, diferentes modos de experimentar a condição juvenil a partir de suas

especificidades. Melucci (2001b) nos diz que estudar a juventude hoje é estudar a sociedade contemporânea.

Diante desse contexto, é importante pensarmos:

- Como são (re)construídas constantemente as identidades desses jovens do grupo JOSAC?

- Quais são as formas de sociabilidade desses jovens?

- Que imagens têm sobre o bairro?

- Como vivem a religião?

- Que aprendizagens constroem com e a partir do grupo da Pastoral da Juventude?

Compreender esses jovens e seus movimentos, suas experiências de pertencimento e reconhecimento social bem como entender a Pedagogia da Pastoral da Juventude, eis o grande desafio.

6.1. Identidades Construídas

Se pensarmos nas fases da vida humana, é na juventude que os jovens começam a perguntar, primeiramente para si mesmos “quem sou eu?” As respostas a esse tipo de questão ocorrem quando o jovem socializa suas dúvidas, em um processo identitário de se mostrar ao outro e por ele ser reconhecido em um jogo relacional que tem sentido e significado, no plano tanto individual como social.

Conversando com os jovens do grupo JOSAC sobre essa questão, registram:

“Sou feliz, amigo, gosto de ajudar as pessoas quando precisam de mim, gosto de me divertir, de sair.”

Fábio

“Acho que eu me vejo como uma pessoa interessante, comunicativa, importante, alegre.”

Juliana

“Sou meio egoísta, e às vezes sou profundamente irritante, quando quero ser irritante. Mas sou uma pessoa legal. Sei que preciso mudar porque às vezes sei que estou errado e não mudo e nisso preciso melhorar.”

Léo

“Sou um pouco agitado, brincalhão (às vezes até demais). É muito difícil falar sobre mim, prefiro que alguém fale de mim: de mal ou de bem.”

Jamil

“Sou tímida, alegre, carinhosa, feliz, querida, fofa, meiga, amiga, sincera, gentil, acho que é assim que eu me vejo. Ah, também sou um pouco teimosa e orgulhosa.”

Ana

“Nos últimos tempos, tenho entrado em crise. Achei até que estivesse com depressão. Às vezes me acho incapaz daí tenho que olhar pra aquilo que te falei: tenho 18 anos, carteira assinada e estou na universidade. E, em todo o lugar que eu vou, ouço elogios de mim. Nunca a minha mãe foi na escola e disseram que eu era um terror. Acho que eu me vejo um cara capaz, mas que tem que corrigir coisas, ainda. Tenho cobrado muito de mim, tenho que ser perfeito e quando eu não consigo, aí eu caio.”

Everson

Na nossa vida, tecemos relações que são construídas e reconstruídas no decorrer do tempo. O tempo que herdamos da modernidade é medido pelo relógio e esse mede o tempo como uma quantidade homogênea, divisível e equivalente. Se entendemos que a identidade se constitui no decorrer do tempo, não podemos pensar nessa lógica da modernidade que supõe fixação, estabilidade e seqüencialidade.

Segundo Pais (2006), a procura de contato é também uma busca de si, uma vez que as identidades individuais se constituem como resultado de experiências individuais, embora surgidas de ritualizações próprias de identidades coletivas. Gramsci (1974 apud Carrano 2003, p. 27) considera que a primeira e principal pergunta da filosofia se refere à genérica indagação: o que é o homem? Para ele, a resposta não pode ser encontrada em cada homem em particular, uma vez que em cada homem em particular só poderíamos encontrar a resposta também em cada momento particular. A resposta, então, encontra-se naquilo que o homem pode se tornar, ao dominar o próprio destino. O homem pode se fazer, criando para si uma vida em processo, precisamente o processo dos seus atos.

Hoje, vemos nossa identidade como um produto de uma ação consciente e resultado da auto-reflexão, mais do que como um dado ou uma herança. Melucci (2004) define a identidade como capacidade de reflexão sobre nós mesmos, ligada a um reconhecimento recíproco entre nós e os outros, o que abre um campo de conflito entre a definição que nos damos e o reconhecimento que os outros nos dão. A identidade comporta uma divergência entre a auto-identificação e a identificação fornecida pelo ambiente externo.

Carrano (2003, p. 126) nos diz que quando estamos no interior de um conflito e sentimos a solidariedade de outros, quando nos sentimos parte de um grupo, isso reforça nossa identidade e a garante. Não nos sentimos ligados a outros somente pelo fato de haver

interesses comuns, mas, sobretudo, porque esta é a condição para reconhecer o sentido daquilo que fazemos. É nessa solidariedade que se dá aos outros, que podemos nos afirmar como sujeitos de nossa ação e suportar a ruptura que o conflito introduz na relação social. A identidade coletiva se refere, assim, a uma rede de relações ativas entre os atores que interagem, influenciam-se mutuamente e tomam decisões.

Com relação à forma como são vistos pelos outros, os jovens registram:

“Eu acho que o grupo me vê bem, porque eu sempre pergunto isso pra eles, para ver se estou fazendo alguma coisa errada, se tem alguma coisa que eu posso melhorar, pra poder me dar bem com todo mundo”.

Jamil

“Eu já vi a visão deles. Teve uma dinâmica que a gente falou um pouco sobre cada um. Eles me vêem como um coordenador, uma pessoa que tem um sentimento, um amor pelo grupo. Uma pessoa responsável, que dedica um certo tempo para o grupo. Mas eles sentiram que agora eu to me afastando, né. Eles sentiram o impacto de não ter aquela pessoa articulando as coisas. De, às vezes, não estar no grupo porque estava participando de algum curso da PJ. Na avaliação que fizeram sobre mim, relataram isso. Na avaliação deles é que eu ainda sou importante para o grupo e pediram que eu continue. É aquela questão de ser coordenador, de ter alguém como referência”.

Everson

Pensando no jovem, essa tensão entre o auto-conhecimento e o heterorreconhecimento é uma constante na busca da idade adulta. Melucci (2004) salienta a necessidade de se afirmar a diferença enquanto indivíduo ou grupo. Ele apresenta quatro pólos de nossa identidade: a identificação que nós operamos, a identificação por parte dos outros, a diferença como nós afirmamos e a diferença como nos é reconhecida pelos outros. A identidade, portanto, não é construída sozinha. Ela é uma aprendizagem que une continuidade e mudança.

Esse processo de identização¹³ entre os indivíduos é construído de formas diferentes, segundo os diversos tipos de sociedade, o lugar onde habitam, o espaço que ocupam, e o conjunto de valores, de idéias e normas que pautam o código de leitura, pelo qual esses indivíduos percebem e interpretam a sua realidade. Portanto, a nossa identidade é construída no plano simbólico e da cultura. É um conjunto de relações e interpretações.

¹³ Melucci (2004, p. 48) diz que a identidade é vivenciada como uma ação e não tanto como uma situação, em que é o indivíduo que constrói a sua consciência e o seu reconhecimento, no interior dos limites postos pelo ambiente e pelas relações sociais. Propõe assim uma mudança de conceito: “a própria palavra identidade é inadequada para expressar essa mudança, e seria melhor falar em *identização* para expressar o caráter processual, auto-reflexivo e construído da definição de nós mesmos”.

Torna-se fundamental para a compreensão e para a constituição da identidade de indivíduos autônomos que se percebe a complexidade dos fenômenos que a constitui, embasados no caráter de novas dinâmicas sociais. Melucci (2004) lembra que, nessa sociedade complexa em que vivemos, há pelo menos três fenômenos que constituem a identidade social: diferenciação, variabilidade e excedente de possibilidades. Para ele, a diferenciação comporta experiências próprias, como a linguagem, as regras e os valores que nos fazem agir diferentemente, dependendo do meio em que estivermos inseridos. A variabilidade está intimamente ligada à velocidade com que ocorrem as transformações sociais. Esses fenômenos sociais ampliam o leque das possibilidades simbólicas e imaginárias que não só nos levam a dificuldades de escolhas, mas inibem, ao mesmo tempo, nossa capacidade de ação.

Pensando nos jovens, diante das escolhas a serem feitas, fica claro um excesso de possibilidades e limitações em tratar as opções e a pluralidade de pertencimentos. Há um chamamento social para a tomada de posições, composto por redes associativas, grupos de sociabilidade e outros. O apelo social, real ou imaginário, é de uma multiplicidade de mundos: “(...) somos animais migrantes nos labirintos das metrópoles, viajantes do planeta, nômades do presente” (Melucci, 2004, p. 60). O jovem é chamado a escolher, a decidir continuamente, fazendo com que as incertezas tornem parte da ação: diante das múltiplas possibilidades, o que fazer? O imperativo da incerteza impõe a necessidade de escolha, pelo qual ocorre, de um lado, a ampliação do espaço da autonomia individual que se expressa na escolha e, de outro lado, a impossibilidade de não escolher. O processo de identificação se dá num mundo de complexidade, de possibilidades de escolha. O “eu” é relacional e móvel, redefinindo-se continuamente e requerendo respostas a uma acelerada dinâmica social que exige, por um lado, a definição da razão e, por outro, a emoção, para a interação com outros códigos e relações produtoras das identidades sociais. Melucci (2004) enfatiza que o ritmo da mudança sofre uma aceleração extraordinária. A multiplicação das nossas participações sociais e a quantidade excessiva de possibilidades e de mensagens ampliam desmedidamente o campo de nossa experiência. Enfraquecem as referências tradicionais que forneciam a possibilidade para a nossa identificação (família, igreja, partido, raça, classe.). Torna-se difícil afirmar com segurança no tempo “eu sou X ou eu sou Y”. Temos que responder continuamente à seguinte pergunta: quem sou eu?

Se a identidade é um processo de reflexão ligado ao reconhecimento que nós damos e que nos é dado, então o grupo como uma escolha dos jovens é um espaço importante para a construção das identidades. No grupo, afirmam o que são a partir do reconhecimento do outro.

Carrano (2003, p. 121) nos fala que os seres humanos são seres instáveis e a vida é constituída por inúmeros acontecimentos, acidentes e encontros que podem liberar suas múltiplas personalidades potenciais. Hegel disse algo de fundamental para a compreensão do outro: *se você chama de criminoso alguém que cometeu um crime, você ignora todos os outros aspectos de sua personalidade ou de sua vida que não são criminosos.* (Morin, 1998: 61-62) Uma questão fundamental é a de que o significado contemporâneo da identidade está orientado para a constatação de que ela não é estática. O processo de identificação ocorre num mundo de complexidade, de possibilidades e de escolhas.

A socialização dos jovens está se produzindo em outros ambientes, onde as trocas culturais criam novos estilos de se vincular ao mundo, de decidir e de enfrentar os problemas. Segundo Perrenoud (2000), a escolha por um grupo de sociabilidade é feita em razão do peso da necessidade de pertença e ancoragem identitária; pela socialização e experiência da vida em grupo; pela importância das interações na construção de novos projetos e concretização de sonhos.

Os múltiplos pertencimentos dos sujeitos estruturam a identidade, tanto individual quanto coletiva. Melucci (2004) fala que a identidade é relacional, ou seja, supõe existência do “eu múltiplo” que vive em constante processo de identificação e de negociações em suas diferentes experiências. O autor considera a identidade individual uma das chaves para a compreensão das mudanças do indivíduo numa sociedade complexa. Primeiro analisa que as mudanças nas relações sociais alteram interesses e aspirações dos indivíduos; segundo, que a experiência do indivíduo participa desse processo e o modifica. Guiddens (2002) diz que, cada vez mais precisamos tomar conta de nossas próprias vidas, o que envolve risco, porque temos que enfrentar a diversidade de possibilidades abertas. “O indivíduo deve estar preparado para fazer uma ruptura mais ou menos completa com o passado, se necessário, e deve contemplar novos cursos de ação que não podem ser guiados simplesmente por hábitos estabelecidos” (Guiddens, 2002, p. 72).

Nesse momento da vida, os desafios à construção das identidades tornam-se mais fortes e a busca pela resposta às questões *quem sou, como me aproximo e como me diferencio do outro* tornam-se presença constante. É claro que esse processo acompanha a todos durante toda a vida, mas este momento representaria viver intensamente processos que continuarão presentes nesse caminho de incertezas e inseguranças.

Spósito (1997) supõe o momento da juventude rico em manifestações de sociabilidade, sendo as formas grupais fluídas mais expressivas do que a lógica racional-instrumental voltada para um fim imediato. Ressalta que é importante perceber como os jovens ocupam espaços na cidade, agrupam-se e redefinem constantemente sua identidade. Neste sentido, a música, a poesia, o teatro, a dança centralizam os interesses dos jovens como formas grupais que vão além do fazer parte de um grupo por interesses comuns. É, portanto, condição para reconhecer o sentido daquilo que fazem. No grupo, afirmam o que são a partir do reconhecimento do outro.

Com relação aos jovens pesquisados, o grupo é o espaço da visibilidade, da sua formação como sujeito social, significando um aumento das redes de amizade, num exercício de convivência social que reforça a auto-estima e os coloca na cena pública, exercendo uma identidade reconhecida e desejada no grupo e se salientam potencialidades pessoais.

Pensando em outros grupos presentes na Restinga, registro a fala do Jamil:

“Além de vir para o grupo, o que eu mais gosto de fazer é lutar Karatê. Desde pequeno sempre gostei. Tem professores que ensinam o lado ruim do Karatê, que é pra machucar. O meu professor ensina o lado bom. Tanto que antes da aula tem um lema, que fala sobre o caráter do Karatê e no final da aula a gente conversa sobre o que aprendemos. O professor, em aula, é rígido, mas, saindo dali, fala numa boa contigo. Meus amigos falam que sou bom nisso”.

Jamil

Percebe-se a partir da fala do Jamil o reconhecimento dado pelos amigos no que se refere ao desempenho no karatê. O jovem nos mostra uma outra rede de relacionamento além do grupo de jovens da Pastoral.

A partir da abordagem feita por Melucci (2004), a compreensão de identidade torna-se importante para esse trabalho, pois permite compreender o movimento das experiências juvenis, onde os grupos são espaços privilegiados de construção de identidades. Oportuniza pensar o grupo como espaço de reconhecimento, de ação e de convivência onde os

jovens constroem relações e identidades positivas. É claro que nem todos os grupos juvenis têm esse objetivo, porém são potencialidades que precisam ser incentivadas e acolhidas.

Conversando com Juliana sobre a forma que ela percebe que os outros a vêem, registra:

“Acho que o grupo me vê como alguém importante, que participa, que faz os registros (eu anoto as coisas que são decididas, faço o papel de “secretária” do grupo). Acho que sou importante para o grupo”.

Juliana

Com relação à fala da Juliana, retomo o conceito de “cuidado” o qual emerge simultaneamente na psicologia, a partir de estudos feministas sobre a construção da feminilidade, e na sociologia, com pesquisas sobre o trabalho não-remunerado das mulheres. Autoras como Nancy Chodorow (1990 apud Carvalho, 1999) e Carol Gilligan argumentaram que as personalidades das mulheres são, desde cedo, formadas a partir das noções de relacionamento, ligação e “cuidado”, o que as levaria a sentir-se responsáveis pela manutenção das relações e pela prestação de serviços aos outros, características que seriam centrais em nosso conceito de feminilidade. No âmbito da sociologia, os conceitos de “cuidado” tiveram origem nos estudos do trabalho não-pago das mulheres no lar ou das formas de prestação de serviços àqueles incapazes de viver o dia-a-dia com autonomia devido à idade ou algum tipo de incapacidade. A identificação das mulheres com esses tipos de trabalho é analisada a partir da divisão social e sexual do trabalho, que implica simultaneamente numa divisão desigual do poder e numa posição subordinada das mulheres na sociedade” (Carvalho, 1999).

No decorrer das minhas observações, percebi que há um rodízio nas responsabilidades assumidas pelos membros do grupo, com exceção dos registros no caderno que sempre foram feitos pela Juliana. Com relação a esse revezamento de funções no grupo, Leslé Serna (1997) nos fala num novo paradigma da participação juvenil. A autora cita quatro características da participação atual das e dos jovens que são diferentes de décadas anteriores e que se referem ao para que, a como e ao porquê da participação: 1) a novidade das causas da mobilização; 2) a priorização da ação imediata; 3) a imbricação do indivíduo na organização ou no movimento; 4) a ênfase na horizontalidade dos processos de coordenação. Com relação ao item 4, a autora nos fala que as velhas discussões sobre a representatividade vertical, próprio do modelo piramidal de organização são substituídas por outras preocupações próprias das redes horizontais. As redes que os jovens criam buscam agir como facilitadoras e não como

centralizadoras, e definem sua identidade como espaços democráticos de vinculação. Criam pequenas coordenações que se revezam e que não podem assumir a representação de todos. Nesse sentido, a Pastoral da Juventude proporciona esse revezamento e há uma mudança no papel da liderança.

Buscando pesquisas sobre a Pastoral da Juventude, encontrei uma dissertação sobre a Formação de Lideranças na Pastoral da Juventude (Sander, 2001). A partir desse novo paradigma de participação apresentado por Leslie Serna (1997), percebo que há necessidade de revermos o próprio termo liderança, pois há um revezamento de funções que possibilita a todos os envolvidos desempenharem a função de coordenadores do grupo.

Pensando no próprio curso de Formação de Coordenadores, organizado pela Pastoral da Juventude, percebo que não há restrições quanto à participação dos jovens. Qualquer membro pode fazer o curso e isso vem ao encontro do que Serna (1997) propõe, ou seja, todos têm condições de coordenar o grupo. Portanto, penso que o conceito de “formação de liderança” precisa ser ressignificado a partir desses estudos de Leslie Serna.

6.2. Tempo e Sociabilidade Juvenil

As mudanças sociais que vivenciamos atualmente nos mostram um cenário que nos coloca diante de novos processos socializadores. Há uma nova organização nos padrões de funcionamento, nos comportamentos, nos hábitos e, de certa forma, até nos lugares e espaços onde os fatos se produzem. São visíveis as mudanças na política, na família, na escola, no trabalho. Nesse contexto, encontram-se os jovens, enfrentando os desafios das definições e afirmações de sua condição. As sociedades complexas acenam para os jovens com possibilidades ilimitadas de informações e apelos ao consumo, concedendo-lhes uma certa margem de autonomia, ao mesmo tempo em que estabelecem um alto grau de controle e regulação sistêmica da produção cultural dos seus signos e significados.

Segundo Melucci (1997), o tempo se torna uma questão-chave nos conflitos sociais e na mudança social. O tempo que a sociedade moderna conhece é medido por máquinas: relógios são máquinas por excelência. Para ele, a nossa experiência do tempo interno não coincide com aquilo que decreta o relógio, pois o tempo que acompanha os afetos e emoções é múltiplo e descontínuo e na “experiência subjetiva tempos diversos coexistem,

sucedendo-se, interceptando-se e sobrepondo-se”. Mostra que, nesse sentido, a linearidade é difícil, pois o futuro está contido no passado, ou seja, o que fomos não pode ser cancelado e o que seremos reelabora o que fomos. Assim, o passado impregna o presente, mas o presente ressignifica o passado. A relação é, então, circular e não-linear.

Melucci (1991) se reporta ao nosso tempo como um tempo de muitas possibilidades, às vezes, além do que se pode viver. Para o autor, a liberdade de escolher e a embriaguez das possibilidades abertas revelam que o tempo é escasso, que se deve deixar para trás algumas coisas e isto se torna motivo de frustração. Segundo ele, os problemas advindos dessa escassez de tempo, necessidade de escolha e renúncia, são de três ordens: cancelamento do futuro: as possibilidades são muitas, as mudanças são rápidas e deixamos que o passado inunde o presente até cancelar o futuro; cancelamento do passado: muitas possibilidades e mudanças: é preciso perseguir tudo, não perder nada. Não se volta para ressignificar o passado; o cancelamento do presente pode ser de duas formas: debruçados sobre aquilo que deve ainda vir, a ânsia ocupa o presente e fica-se imóvel. Ou, frente ao temor de perder alguma possibilidade, perde-se o significado de cada uma, e o presente esvazia-se em desejos sem desejo, um tédio ocupa as pessoas.

Assim, nessa fase da vida, os desafios para a construção das identidades tornam-se mais fortes e as questões do tipo *quem sou, como me aproximo e me diferencio* do outro, são constantes. Esse processo de busca nos acompanha durante toda a vida, mas na juventude é que se apresenta mais intensamente.

Em seus estudos sobre a sociologia da experiência, Dubet (1994) diz que os atores e as instituições não são mais redutíveis a uma lógica única, a um papel e a uma programação cultural de condutas, como era pensada a socialização na sociedade industrial. Para ele, a diversidade e a heterogeneidade de princípios culturais e sociais organizam as condutas com os atores que agora podem adotar, simultaneamente, vários pontos de vista. Os quadros referenciais são mutáveis e não exigem centralidade. Não há mais uma unidade do sistema e do ator social, não havendo portanto uma socialização integral. O ator não é totalmente socializado nem sua identidade é construída apenas no marco das categorias das instituições socializadoras tradicionais.

Berger e Luckmann (1985) afirmam que a socialização é o processo de construção social do homem, embora sob a perspectiva do indivíduo seja uma vivência única e

singular, onde quer que ela se realize – na família, na escola, no trabalho, na igreja ou em outras instituições. A socialização, segundo esses autores, significa movimento e dinamicidade, ou seja: “a socialização humana nunca é completamente conseguida e nunca é totalmente acabada” (Berger e Luckmann, 1985, p. 184). Esse processo é subdividido teórica e conceitualmente em dois momentos: socialização primária e socialização secundária. A primeira consiste na transformação do homem (que ao nascer é apenas um organismo biológico) em ser social típico: de um gênero, de uma classe, de um bairro, de uma região, de um país. A segunda deriva da divisão do trabalho e, portanto, da necessária e inevitável distribuição social do conhecimento, que consiste em todo o processo subsequente de inserção do homem, já socializado, em novos setores institucionais.

Para Gomes (1996), o processo de socialização se desenvolve nos diversos campos da experiência humana. A família e a escola são consideradas agências socializadoras primordiais: uma de socialização primária e outra de socialização secundária, sendo que esta última tem sua ação continuada pelas instituições relacionadas diretamente com o trabalho. Segundo a autora:

“a questão socializadora torna-se central neste fim de século, quando as novas gerações são educadas não mais para uma sociedade tradicional desigual, mas para uma sociedade de exclusão ostensiva, progressiva de grandes contingentes, inclusive nos países ricos”. (Gomes, 1996, p. 2)

Refletir sobre os processos de socialização e constituição de identidades dessa forma é admitir a complexidade da mundialização da sociedade na qual a juventude está inserida, de uma forma dinâmica e peculiar, enfrentando a multiplicidade de barreiras diante das escolhas que essa mesma sociedade lhe impõe. A partir disso, Guzmán & Mejía (1996) assim se manifestam:

“Essa reorganização da sociedade afeta de maneira especial os processos de socialização. Poderíamos afirmar que os lugares centrais de transformação são aqueles nos quais se fazem especialmente visíveis às maneiras como mudam nesse final de século, afetando a vida concreta das pessoas, e das instituições que classicamente haviam cumprido papel de agentes socializadores: a família e a escola. Em consequência, surge um novo sujeito portador das mudanças da sociedade que evidencia na vida cotidiana as transformações das pautas de vida e comportamentos da sociedade.” (Guzmán & Méjia, 1996, p. 18)

Os jovens se encontram em um momento de mudança, cuja realidade assiste a uma reestruturação cultural que exige uma nova sensibilidade. Isso lhes permite intervir nessa realidade, ultrapassando os limites da subjetividade, facultando-lhes as formas de relação e de intervenção na sociedade como repensar as instituições de socialização.

Ao conversarmos sobre o que fazem durante a semana, registram:

“No final de semana jogo futebol com a gurizada do grupo, vou na casa dos guris (que participam do grupo), jogamos vídeo game. De segunda a sexta eu estudo pela manhã, nas terças e quintas à tarde eu faço Karatê, e na segunda, quarta e sexta eu faço cursinho de informática. À noite faço os trabalhos, assisto TV, durmo. Quando não tenho nada pra fazer, vejo tv, ando de skate, jogo bola”.

Jamil

“Durante a semana convivo com as colegas do curso – a maioria trabalhou comigo no Hospital Fêmina – convivo também com a minha família e o meu namorado. Quando não tenho nada pra fazer, eu leio. Quando tem alguma coisa que eu tenho que fazer além do sábado de tarde, aí eu deixo um tempo de noite pra organizar o que precisa. Todos os sábados a gente vem na missa e é difícil um sábado que a gente não vem. Já faz parte da nossa vida, da nossa realidade, do nosso cotidiano. Teve uma época que eu trabalhei no Fêmina e aí eu parei de vir no grupo porque eu tinha que fazer escala e caía em alguns sábados de tarde. Mas quando eu pegava a minha folga no sábado, eu vinha. Eu trabalhei lá 9 meses. Me relaciono mais com a minha família, meu namorado, o grupo, minhas colegas”.

Juliana

“Estou no 1º Ano e tenho 16 anos. Estudo de manhã e de noite. Sábado eu venho para a reunião do grupo e domingo estudo, faço trabalhos. De manhã eu vou para o Colégio. De tarde eu faço meu curso de informática (terça, quinta e sexta). Algumas noites eu tenho aula e quando não tenho nada pra fazer, o que é bem difícil, fico ouvindo música. No final de semana jogo futebol, vídeo game, venho no grupo, vou a missa, tenho aula de crisma. Gosto de mexer na internet (no Curso de informática), tocar violão. Às vezes vou na casa de algum amigo. Na internet o que eu mais gosto é do orkut e msn”.

Fábio

Os jovens demonstraram não fazer restrições à movimentação por espaços do bairro que não sejam exclusivamente religiosos, demonstrando-se, assim, abertos para o estabelecimento de relações com outras redes sociais do bairro que não sejam necessariamente cristãs. As redes de amizades se apresentaram referidas ao contexto da religiosidade católica, sem, entretanto, assumir um caráter de exclusividade relacional.

No decorrer da entrevista com Fábio, perguntei o que ele mais gostava na Internet e disse-me que gostava do msn e orkut. Pais (2006) nos diz que nos chats, com outros desconhecidos não se tem afeto por um outro real, mas pela imagem que se constrói de um outro redutível à idealização que fomenta o bricabraque do desejo. O outro se agita e rodopia na imagem que a imaginação lhe destina. Também neste caso o encontro (ou desencontro)

com o outro é uma busca de si próprio. Essa busca ocorre numa torrente de novas sensibilidades cuja existência parece fluir por entre duas margens: a da simulação (“pareço, logo sou”) e a da idealização (“desejo, logo existo”).

Após a entrevista senti a necessidade de perguntar quantos membros do grupo tinham acesso ao orkut. Sete membros do grupo têm cadastro no orkut e as formas de acesso são várias: em casa, no curso e na casa de amigos. Senti necessidade de acessar essas páginas e solicitei aos jovens o endereço. Gostaria de conhecer as comunidades que eles participam. Ao acessar cada página, percebi uma diversidade de comunidades mas me chamou a atenção as seguintes: “eu acredito em Deus”(4 jovens); “Eu amo minha família” (3 jovens); “Dia Nacional da Juventude – DNJ” (5 jovens); “Sou Restingueiro e daí?” (2 jovens); Um jovem participa de várias comunidades relacionadas à Pastoral da Juventude: “PJ/RS”, “Fãs do Pe. Hilário”, “ IPJ/POA”, “Cultura de Paz”, “PJ Vicariato PoA”, “Missão Jovem no Rádio”, “Fãs do Pe. Maurício”, etc. Os padres Hilário e Maurício acompanham a Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul e, freqüentemente participam de manifestações como o DNJ e Cursos no IPJ¹⁴.

A segunda característica do novo paradigma da participação juvenil, segundo Leslie Serna (1997), é a priorização da ação imediata. A autora diz que o bairro deixou de ser o epicentro do mundo, adquirindo uma consciência planetária e uma vocação internacional, apesar de os jovens priorizarem os pequenos espaços da vida cotidiana como trincheiras para impulsionar a transformação global. Talvez por isso o tema usado pelo movimento ecológico, consideravelmente juvenil, seja “pensar globalmente, agir localmente”, seja o que melhor expresse essa característica da participação juvenil. Os jovens e as jovens querem mudança aqui e agora. A sociedade da informação redefine os conceitos de tempo e espaço. Perto e longe se tornam dimensões simbólicas. Com rapidez, alcança-se diferentes partes do mundo.

Com relação à forma como administram suas atividades e as ações do grupo, Everson registra:

¹⁴ IPJ – Instituto da Pastoral da Juventude – cujo objetivo e missão é a evangelização da juventude, através de Cursos de Formação. A sede do IPJ funcionará em Porto Alegre (Bairro Boa Vista) até final de 2006, pois os proprietários da sede (os Jesuítas) pediram a desocupação do prédio. A partir de 2007 o IPJ funcionará no colégio La Salle São Paulo no bairro Niterói, em Canoas. Diante disso, aos jovens fizeram diversas manifestações, pois não aceitavam o fato de precisarem desocupar um prédio que há 25 anos abriga a juventude. Percebi que essa movimentação dos jovens foi mais forte com aqueles que diretamente estavam ligados ao IPJ, pois perguntei aos jovens do JOSAC sobre o que eles pensavam sobre isso e me disseram que, pra eles, não faria muita diferença entre ir para Canoas ou para o Bairro Boa Vista – em ambas situações necessitam usar dois transportes.

“Conciliar as atividades com as minhas tarefas é bem difícil. É uma coisa bem complicada porque antes eu vivia a situação de só estudar, aí tinha o dia inteiro para me dedicar ao grupo, ver as coisas que precisávamos. Acordo às 6 horas, tomo banho, me arrumo e vou pro trabalho. Acaba o expediente às 5h20min aí a Van me pega. São duas horas de locomoção. A Van se tornou um meio seguro. Chego no La Salle as 7h. Praticamente eu vou dormindo na Van. Minha aula começa às 7 horas e termina às 10 e meia. Por volta da meia noite, a van me larga em casa. Agora tá bem difícil porque eu trabalho quase nove horas por dia e do trabalho eu vou direto pra faculdade. Chego em casa a meia noite e +- 1 hora vou dormir e acordo as seis da manhã de novo. Alguns sábados eu trabalho, e outros, não. Então essa questão de dar conta de tudo tá bem delicada. Antes de começar a faculdade eu tinha medo de não conseguir conciliar essas coisas. Agora eu to sentindo que é difícil. Eu tinha o Curso de Animadores da Pastoral da Juventude, e eu já não fui. Nesse final de semana está acontecendo a Escola da Juventude e eu também não fui, então é uma coisa assim que o stress do dia a dia, o cansaço, tem dias que tu não agüenta teu corpo aí tu quer férias pelo amor de Deus. Mas eu to conseguindo acompanhar o grupo dentro dessas limitações. Não é mais como antes, que eu vivia ali, articulando. Mas estou conseguindo acompanhar”.

Everson

Uma parte significativa do tempo livre dos jovens religiosos é dedicada a *ocupações auto-impostas* (Ellias e Dunning, apud Carrano, 2002, p. 79) ligadas às suas respectivas instituições religiosas. Essas ocupações se situam no amplo espectro do tempo livre sem pertencerem, necessariamente, ao campo do lazer. O processo de sociabilidade no tempo livre religioso, em grande medida, compromete as possibilidades de escolhas autônomas e a própria noção de liberdade que o lazer encerra. Entretanto, não se deve intuir que os encontros e atividades sejam destituídos de ludicidade. A perspectiva de diversão está presente na própria forma de proposição das atividades. A música e também os jogos atuam como elementos importantes no processo de consolidação e motivação dos grupos.

Acredito que a sociabilidade é parte do processo de socialização, vivenciado pelos jovens em seus grupos, nos quais constroem suas experiências cotidianas, que giram em torno do lazer, isto é, de atividades que absorvem as horas livres e ocupam diversos espaços, como campo potencial de liberdade. Remeto-me às escolhas positivas, autônomas, feitas pelos jovens que, além de terem o caráter de aprendizado, lhes transmitem fortes significados e, acima de tudo, lhes dão prazer na formulação de suas práticas sociais.

Em seus estudos sobre sociabilidade como categoria sociológica, Simmel (1967) diz que essa é uma forma autônoma ou lúdica de socialização.

“É um jogo no qual se “faz de conta” que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se “faz de conta” que cada um é reverenciado em particular; e “fazer de conta” não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade. O jogo se transforma em mentira quando a ação e a

conversa sociável se tornam meros instrumentos das intenções e dos eventos da realidade prática” (Simmel, 1983, p. 168).

O autor fala do lúdico, em primeiro lugar, porque não comporta propósito ou interesses objetivos a serem atingidos, nem assuntos determinados com antecedência. A sociabilidade não busca resultados exteriores concretos e seu alvo imediato é o sucesso da interação, o jogo de interações que se cria entre os participantes. Contudo, o caráter lúdico da sociabilidade advém, também, do fato de ser uma metáfora da vida, um “jogo social”: a sociabilidade joga com as formas da sociedade. É nesse sentido que a sociabilidade proporciona um sentimento de alívio e liberação em relação às pressões cotidianas da vida: as forças carregadas de “conteúdo” da realidade estarão presentes, porém, de uma forma diluída, e sublimadas no jogo simbólico que se estabelecerá entre os participantes, configurando uma miniatura do ideal societário.

A respeito de ações e/ou atividades que dão prazer, dizem:

“As coisas boas eu gosto de fazer. Por exemplo, namorar, conversar com minhas amigas, adoro estar com as pessoas que eu gosto. Gosto de ficar com a minha mãe, conversar com ela. Quando não tenho nada pra fazer, arrumo a casa. Moro só com a minha mãe e eu gosto de arrumar as coisas, cuidar da casa”.

Ana

“O que mais gosto de fazer é conversar com as pessoas, ficar junto com os amigos. Trabalho numa coisa que não dá pra ficar batendo papo. Então quando tenho tempo, gosto de conversar com o pessoal”.

Léo

Elias & Dunning (apud Carrano, 2003) situam o lazer naquele espectro do tempo livre que os indivíduos buscam formas de excitação agradável, de expressão e realização individual e que permitem uma fuga temporária à rotina que comanda as atividades cotidianas de trabalho e obrigações sociais. As atividades denominadas de pura sociabilidade realizadas em contextos comunitários proporcionam, geralmente, tensões emocionais agradáveis e se orientam por formas descomprometidas de integração social. É possível afirmar que no espaço/tempo do lazer estão diminuídos os constrangimentos da vida social, predominando as atividades e experiências dirigidas para objetivos impessoais. No âmbito do lazer os processos emocionais são fortalecidos, com o indivíduo dando mais peso às coisas que realiza para si próprio do que as que faz para os outros, no sentido do cumprimento de

obrigações sociais. Os três elementos básicos que se combinam nas atividades colocadas em jogo no lazer são *a sociabilidade, a mobilidade e a imaginação*.

A capacidade de fazer escolhas alternativas é um princípio fundamental do ser humano. No lazer, a questão da liberdade de escolha pode se evidenciar mesmo se levarmos em conta as desigualdades sociais. Toda escolha ocorre em determinado jogo de relacionamentos e possibilidades concretas. Na vida social complexa das cidades, a capacidade de ter iniciativas e decidir torna-se chave como elemento constitutivo da consciência e poder de autonomia no relacionamento do grupo e redes sociais. Na sociabilidade dos momentos de lazer, os jovens são permanentemente levados a fazer escolhas que se ajustem a determinadas práticas sociais que negociam sentidos em processos autônomos e heterônomos. Pelo lazer possibilita constituir um momento de autonomia que dificilmente se encontra em outros contextos da vida social, tais como os escolares, os familiares e os do trabalho profissional.

Entendo que a parte da socialização dos jovens vem ocorrendo em espaços e tempos variados, com múltiplas e diferenciadas referências culturais, constituindo um conjunto complexo de redes de significados que são articulados em seus grupos de sociabilidade. Os espaços são as ruas, as igrejas, o campo de futebol, as casas dos amigos, etc. Nesse sentido, reporto-me ao grupo da Pastoral da Juventude numa comunidade periférica de Porto Alegre, na qual os jovens se articulam construindo suas identidades num intenso movimento, num jogo entremeado de interações e relações sociais.

6.2.1. Os amigos que tenho aqui são os amigos de sempre...

No decorrer das minhas observações e entrevistas, percebi que a amizade é um fator muito significativo entre os membros do grupo JOSAC. Durante as entrevistas, os jovens referiram-se à importância da amizade construída e mantida no grupo. Sobre esse aspecto, registram:

“Uma coisa que gosto de fazer é curtir a amizade, sentar e conversar com meus amigos, com meus pais. Gosto de futebol. Gosto de coisas simples. Moro com minha família. A principal marca que carrego da minha família é a união e a amizade. Isso é uma coisa que é bem forte.”

Everson

“O grupo é um espaço que dá pra gente conversar sobre várias coisas. Também fiquei muito amiga do Everson, do Gelson, do Jamil. Tinha gente que eu não conhecia e fiz novas amizades no grupo. Principalmente as amizades que a gente faz são importantes. É um espaço a mais pra gente expor alguma coisa.”

Juliana

“O que mais gosto de fazer é conversar com as pessoas, ficar junto com os amigos. Trabalho numa coisa que não dá pra ficar batendo papo. Então quando tenho tempo, gosto de conversar com o pessoal.”

Léo

Para os jovens pesquisados, o grupo é o espaço da visibilidade, da sua constituição como sujeito social, significando uma ampliação das redes de amizade, num exercício de convivência que reforça a auto-estima, exercendo uma identidade reconhecida e desejada no grupo.

Através da amizade e do lúdico, os jovens reinventam novos significados para os grupos religiosos, colocam sentimentos e emoções em suas vidas e contribuem para a mudança de mentalidades.

Sobre a amizade, Giddens (2002, p. 85) revela que os gregos não tinham uma palavra para “amigo” no sentido de hoje: *philos* era usado para referir-se aos “mais próximos e mais queridos de qualquer um, independente de que fossem parentes, afins, ou que não tivessem qualquer relação de sangue”. A rede de *philos* de uma pessoa era basicamente dada pela posição social do indivíduo; havia pouco espaço para a escolha espontânea. Essa situação é característica de muitas culturas tradicionais, onde, se existe a noção de “amigo”, ela se refere principalmente aos de dentro, por contraste com os de fora – estranhos e inimigos potenciais.

A importância da amizade é muito destacada pelos jovens pesquisados. Nas conversas que tivemos, registravam o quanto é importante poder falar das suas questões no grupo, sentem-se seguros sabem que aquele é o espaço da troca, da convivência, Na fala da Ana chama a atenção a frase “*Eu sei que aqui no grupo eu posso contar com as pessoas*”. Lembro-me do momento da partilha que existe na reunião, no qual os jovens falam sobre as alegrias, angústias, rezam pelas pessoas queridas, etc. Percebia um clima de muita confiança entre eles. Permeado por um momento místico, abriam seus corações num clima de muito respeito.

Giddens (2002) sugere que, a moderna amizade expõe uma característica clara: um amigo é definido especificamente como alguém com quem se tem uma relação que não

depende de nada mais que das recompensas que essa relação oferece. É possível tornar-se amigo de um colega, e a proximidade no trabalho ou o interesse compartilhado gerado pelo trabalho pode estimular a amizade – mas ela só será uma amizade se a ligação com a outra pessoa for valorizada em si mesma. E é por isso que se traça uma divisão tão aguda entre amigos e parentes. Mesmo que hoje estejam bem fracas, há obrigações, especificadas por laço de parentesco, que os parentes têm entre si. Além disso, ainda que essas obrigações possam ser gerais e vagas, os laços de parentesco, pelo menos as relações de sangue, não podem ser rompidos. As relações de amizade podem ter seus próprios elementos inerciais, mas na prática e em princípio, a amizade com o outro se mantém apenas se os sentimentos de proximidade forem correspondidos por seu valor intrínseco.

Guiddens (2002) afirma que é característico dos sistemas modernos de intimidade sexual e de amizade que os parceiros sejam escolhidos voluntariamente entre uma diversidade de possibilidades. É claro que a proximidade é normalmente necessária para que se desenvolvam relações íntimas, e a medida da escolha real varia de acordo com muitas diferenças sociais e psicológicas. Mas a coluna dos corações solitários, os encontros via computador e outras formas mostram suficientemente bem que a escolha plural é fácil de alcançar se se estiver preparado para abandonar os últimos resquícios da maneira tradicional de fazer as coisas. Só quando os laços são mais ou menos livremente escolhidos é que podemos falar de “relacionamentos” no sentido que esse termo recentemente adquiriu no discurso leigo.

Definindo a amizade, Reiss (1974, p. 227) afirma que é “uma relação social voluntária, íntima e duradoura”. Os valores, associados à amizade, são a intimidade, a solidariedade, a ausência de interesses manipuladores, a reciprocidade, a impulsividade e a escolha mútua. O autor sugere, ainda, que só pode haver amizade verdadeira quando há poucas possibilidades de que obrigações e normas rigorosas se interponham entre os amigos.

Quando conversamos sobre o que faziam no tempo livre registram:

“No final de semana jogo futebol com a gurizada do grupo, vou na casa dos guris(que participam do grupo), jogamos vídeo game.”

Jamil

“Nos finais de semana... eu não sou de sair muito a noite. Claro que eu saio de vez em quando, vou num aniversário ou numa coisa assim. A gente não costuma ir, por exemplo nessas festas abertas, assim. A gente vai em aniversário, a gente se reúne na casa dos amigos, tem amigos que não são do grupo, também. Festas assim tipo Bambas e Imperadores, a gente não costuma

ir. No sábado a noite quando não tem nada eu fico em casa mesmo, vejo alguma coisa na TV. No domingo eu passo pelo menos uma parte do dia em casa, com a mãe, com o pai, e domingo de tarde eu dou uma saída, vou num parque, tomo chimarrão, saio com as gurias, com as colegas do curso, quando dá.”

Juliana

Percebe-se que, no tempo livre, o convívio dos jovens é, na maioria das vezes, com os amigos. Krappmann (apud Lema, 1997) enfatiza que amizade é uma relação essencialmente voluntária. Talvez possa ser considerada, segundo o autor, a mais humana dentre as relações estabelecidas ao longo da vida, pois as pessoas engajadas em uma relação de amizade transcendem os sistemas de afinidade e as regras instituídas, co-constroem um acordo sobre sua amizade e buscam um relacionamento que não é necessariamente governado ou instituído socialmente, como outros relacionamentos, embora imerso no contexto cultural mais amplo. Nenhuma das relações é menos padronizada do que a amizade podendo opor-se às convenções, embora intrinsecamente delimitada pelos significados, ideais e linguagem que constituem a cultura.

Quando Juliana falou que “*Festas assim tipo Bambas e Imperadores, a gente não costuma ir*”, perguntei o motivo pelo qual não freqüentavam a quadra da Escola de Samba e disse-me que não freqüentavam porque era perigoso. “*Nos últimos meses sempre teve briga e saiu até tiro*”. Os jovens demonstraram nas conversas que o espaço ocupado vai além da Restinga. Juliana sai com as amigas nos bares do centro de Porto Alegre e diz que se sente segura, não tem medo.

Com relação à participação no grupo, Fábio registra:

“Depois que eu comecei a participar do grupo mudou bastante coisa, amadureci bastante. Aprendi a lidar com os outros, não ser preconceituoso, ajudar os outros quando precisam de alguma coisa; não dar risada dos outros, tipo gozação.”

Fábio

Interessante a colocação do Fábio, pois aparece novamente o preconceito presente na vida dos jovens e, na Pastoral, aprendeu a lógica inversa da sociedade: desprover-se de preconceito.

Com relação às diferenças culturais, nenhuma outra relação permite tal riqueza e diversidade. Num estudo sobre a amizade entre pessoas de diferentes culturas, Dziegielewska (apud Lema 1997) refere que o cultural na consciência de uma pessoa é vivido ambigualmente, pois uma diferença cultural é sempre uma diferença pessoal em alguma

extensão. O reconhecimento das diferenças e semelhanças pessoais e culturais entre amigos permite a mudança de estereótipos e preconceitos através de uma abertura a novos significados e uma aceitação das próprias limitações e das limitações do outro. Esta aceitação também se traduz como a liberdade de “cada um ser como é” na amizade, considerando-se a diferenciação como necessária no processo intersubjetivo. Cada pessoa traz suas próprias expectativas, crenças e estilos de comunicação para a relação; o entrelaçamento de dois estilos diferentes inicia uma co-construção de significados através dos quais o entendimento pessoal se transforma; para tal, é necessário ter a habilidade e a motivação para colocar-se no lugar do outro. Desta forma, a amizade significa proximidade interpessoal, compreensão e uma relação singular só possível através da intimidade.

Segundo o mesmo autor, todo o ser humano almeja compreensão, aceitação e contato intersubjetivo com outros. O desejo que subjaz as amizades é de intimidade interpessoal e compreensão intersubjetiva, sendo esse desejo que confere autenticidade à amizade como uma conexão íntima Dziegielewska (apud Lema 1997).

A amizade é definida por Maldonado Santiago (1997) como uma relação que emerge e se desenvolve livre e voluntariamente, caracterizando-se por confiança, pela contribuição à auto-estima e pelo apoio mútuo. A amizade se sustenta no afeto e é um vínculo interpessoal exercitado através das trocas, do prazer que os amigos sentem na companhia um do outro e na preocupação do bem-estar mútuo.

“O grupo me ajudou a me encontrar mais comigo mesmo. Eu sei que aqui no grupo eu posso contar com as pessoas. Os amigos que eu tenho aqui são os amigos de sempre. (...) As coisas boas eu gosto de fazer, por exemplo, namorar, conversar com minhas amigas, adoro estar com as pessoas que eu gosto. (...) Todos os meus amigos da escola são importantes pra mim.”

Ana

A amizade é um fenômeno relacional, influenciado por fatores situacionais (do desenvolvimento individual), temporais e culturais; é um processo dinâmico e multidimensional. Têm sido abordada através de diferentes perspectivas, porém buscando desvelar os processos presentes dentro das interações, muitos pesquisadores têm enfatizado a pesquisa de relações entre duas pessoas, nas quais há intimidade e proximidade. Nestas interações participam processos como a intimidade, a interdependência, a proximidade, a comunicação emocional e outros.

Durante a infância, e muitas vezes estendendo-se ao início da adolescência, as amizades geralmente restringem-se às atividades comuns, ao companheirismo. Na medida em que a adolescência avança, os jovens passam cada vez mais a encarar os amigos como pessoas com quem compartilham sentimentos e pensamentos, fazendo uma distinção crescente entre aqueles que são os amigos e os outros que são apenas companheiros (Berndt, 1996).

Conversando com Juliana sobre suas relações com seus amigos do Ensino Médio, registra:

“Era interessante até... aqueles que fumavam me perguntavam se eu já tinha experimentado e eu disse que não aí eles falavam: bah, que legal, não usa isso mesmo! Eles não me excluíaam pelo fato de eu não fazer as mesmas coisas que eles.”

Juliana

Entre amigos próximos espera-se, de acordo com Youniss e Smollar (apud Lema 1997), que haja confiança e respeito, atenção um com o outro, comportamentos aceitáveis, comunicação aberta. Estas são as regras que mantém as amizades próximas. Amigos próximos são pessoas que se compreendem e aprendem coisas novas um do outro. Envolvem-se em atividades conjuntamente, há compreensão mútua, há abertura, confiança e aceitação do outro e, principalmente, para muitos a principal função do amigo é a troca de apoio em situações difíceis. A partir da fala da jovem, podemos perceber que em seus grupos, aceitam as posições assumidas pelos amigos e percebe-se respeito ao outro.

A pesquisa realizada pelo IBASE (2005), destaca a maneira como a influência do grupo de amigos(as) na escolha religiosa tem se apresentado como fator significativo para configuração dos novos quadros de pluralismo religioso intrafamiliar caracterizado pela diminuição dos índices de transferência religiosa de pais para filhos.

6.3 O Significado da Religião na Vida dos Jovens Pesquisados

Assistimos, nesse final de século, ao que tem sido chamado por alguns estudiosos de “reavivamento do sentimento religioso”, cujos sinais aparecem em diferentes partes do mundo, mas, principalmente, nos países que pertenciam à ex União Soviética, onde se verifica uma sede de tudo aquilo que diga respeito à Religião. Igualmente significativa é a adesão de pessoas de diferentes países e classes sociais ao Movimento da Nova Era, o

crescimento do pensamento esotérico e de novas religiosidades, sem falar no sucesso de movimentos renovadores dentro do cristianismo (Novaes, 2005).

Vivemos hoje em uma era em que o ser humano está sendo atraído por tudo aquilo que aparece envolto de mistério, enigma, misticismo. Neste novo ambiente, o modo de produção tem sido reavaliado. Percebe-se agora, por exemplo, a força e a eficácia da função formadora da própria religião – e que foi mantida por essa, independente do sistema educacional.

Segundo Modesto (1996, p. 78), mesmo sendo a escola a responsável oficial pela transmissão da cultura, a Religião, mesmo perdendo influência e legitimidade, continuou a exercer seu papel na educação das massas, conseguindo, inclusive, articular áreas da experiência humana que o sistema educacional oficial não soube trabalhar.

Com relação ao sentido da Religião para os jovens pesquisados, registram:

“A Religião na minha vida significa muito. Baseio muito das minhas coisas, no meu credo. Acho que a religião é muito importante. Tento cada vez aprofundar mais a religião porque ela é tudo. Acho que a religião é parte de uma especialização minha. Cada vez vou aprofundando mais. Ultimamente estou com uma carga horária louca, mas essa vivência faz falta. Se chega um final de semana e eu não vou a uma missa, ou não vou no grupo de jovens ou não falei com ninguém da pastoral, acho que isso me faz falta. E sempre cuido essa parte para viver bem a religião.”

Gelson

“A Religião é uma coisa importante, mas é meio estranho, assim, sei lá, porque eu gosto bastante da minha religião, sou católica. Mas tem algumas coisas nas outras religiões que eu também acho interessante. E tem algumas coisas na minha que eu não concordo muito. Mas eu acho que isso é uma coisa que vem muito da família. A mãe dá curso de batismo com a Ir. Sonia e esses dias ela teve que sair e não pode ir no curso. Aí ela pediu pra mim ir pra depois subir junto com a Irmã pra ela não subir sozinha. A gente mora lá em cima. Aí a Ir. Sonia, no meio da palestra, contou que nós éramos pequenininhas e já vínhamos com a mãe e contou que a minha irmã chorava muito e só ficava quieta quando ganhava bala. E isso é um negócio que a gente aprende desde pequena. Todos os sábados a gente vem na missa e é difícil um sábado que a gente não venha. Já faz parte da nossa vida, da nossa realidade, do nosso cotidiano. De repente se a minha mãe não fosse da igreja, nunca me levasse, não me colocasse na catequese, de repente eu não viria. Como vivo a religião? Sendo uma pessoa correta, compreendendo os outros. A gente lê muito sobre isso e o padre também fala, às vezes. Nem tudo a gente consegue fazer, tipo “dar a outra face”... não é bem assim. Mas eu procuro fazer o que nos ensinam, o que a gente aprende, o que a gente lê na bíblia.”

Juliana

“No meio de tanta coisa que tu faz tem que achar um tempo pra olhar pra ti, pra conversar com Deus, pra parar um pouco com tanta correria. Trabalhar um pouco pra ti e para os outros. Conversar com Deus para partir para uma ação. Tento viver a Religião mais no meio da pastoral mesmo. De ir atrás dos grupos, conversar com pessoas de outros grupos, porque eu acredito que no grupo tenha uma proposta dessa pedagogia da pastoral, então é isso que eu tento levar para os outros jovens, para outras paróquias. Vivo a religião dessa forma.”

Léo

A fala de Juliana aponta que a Religião foi transmitida pela família o que não a impede de, também, considerar outras religiões. Diferente da pesquisa de Novaes e Mello (2002), os jovens do grupo JOSAC permanecem na mesma religião dos pais, embora respeitem as demais religiões. Na fala do Léo, percebemos um grande envolvimento com as questões da Pastoral, o que também é refletido nas comunidades do orkut que ele participa.

Assim como Modesto (1996), acredito que a razão da eficácia social da religião no campo da formação humana está escondida no próprio termo Religião: *re-ligare*, que significa juntar compactamente. A Religião exerce uma função integradora por excelência: ela reúne todas as atividades do homem sob a sombra de uma finalidade comum. Articula as obrigações do homem e possibilita que uma mesma interpretação dos fatos seja assimilada pelos membros de uma comunidade. Além disso, através de seus ritos e festas, a Religião possibilita a existência de sentimentos coletivos e, simultaneamente, ao indivíduo o sentimento de si. A Religião tem um papel importante como eixo organizador da vida sócio-cultural.

Um mesmo indivíduo durante a sua experiência cotidiana circula entre instâncias portadoras de diferentes concepções de mundos ou valores. O antropólogo Luiz Eduardo Soares (apud Modesto, 1996) descreve o problema, dizendo que há verdadeiras rupturas ideológicas entre os diferentes âmbitos da vida social, como o espaço doméstico, o trabalho, o lazer, a política etc. Não há uma finalidade última que unifique esse campo dividido e tenha um sentido forte para toda a existência. Existe, na verdade, uma pluralidade de províncias de significação que implicaria até mesmo na necessidade do autor social assumir múltiplas individualidades. Devido a esse fato, passa a caracterizar a personalidade moderna por um lado, a incongruência ideológica e, por outro, a instabilidade dos processos identificatórios. Essa inconsistência tem sido revelada diariamente nos trabalhos de campo dos antropólogos.

Frente a esse tipo de problema, a Religião atua com eficácia, possibilitando a reconstituição de uma unidade perdida, tanto ao nível do indivíduo como também de grupos sociais. Segundo Modesto (1996), boa parte das enfermidades, que encontram cura nos rituais religiosos, têm origem psicossomática. A ação do ritual religioso é, na verdade, semelhante à da terapêutica: ela organiza o mundo do paciente. Para o ser humano dotado de razão, nada mais acentua a sensação de impotência e, conseqüentemente, o sofrimento, a falta de

capacidade de compreender, de recompor a ordem e o sentido das coisas. Com suas categorias como mal ou bem, a Religião impõe essa ordem, estabelecendo o unívoco onde estava o ambíguo, e o inteligível onde reinava a confusão. Essa operação foi bem demonstrada por Lévi-Straus (1985, p 228), citou o caso de uma índia do Panamá, que teve suas dificuldades num parto superadas, a partir do rito de cura praticado pelo Xamã, que narra um determinado mito. O que o Xamã faz, a razão da eficácia do rito, está no fornecimento de uma “linguagem na qual se podem exprimir imediatamente estados não-formulados de outro modo informuláveis”. Doença significa desordem e, em muitos casos, a desordem orgânica é resultado da desordem psíquica ou do estado confuso com que o mundo se apresenta para o indivíduo.

O conhecimento é, em primeiro lugar, a capacidade de ordenar, classificar, distinguir e atribuir um sentido às coisas. Dessa forma a Religião também é uma esfera produtora de conhecimento.

Everson nos diz que:

“Religião seria algo que tu põe os pés e tem que acreditar numa coisa, pra ti poder se guiar. Tu tem que ter aquela força, aquele apoio nas horas ruins, não só nas horas ruins mas também nas horas boas. Acho que tu tem que crer em alguma coisa pra ti levar adiante as coisas. Se não tenho credo, minha alma não sai do lugar. Isso é uma coisa que às vezes eu me cobro. Eu sou católico, só quando eu estou na Igreja ou no grupo de jovens? Me faço esse questionamento porque com o cotidiano, com a vida, com a rotina, às vezes tu acaba deixando de lado isso. Eu não deixo tanto de lado porque eu trabalho numa instituição religiosa, numa congregação de padres. Então tu passa pelos corredores cantando música religiosa, então é tudo mais fácil. Se não fosse esse o meu trabalho, não sei como seria essa vivência da minha religião. Isso é uma coisa que eu vejo que eu tenho que colocar mais em prática na minha vida.”

O jovem faz uma relação entre o seu local de trabalho e a forma como vive a religião. Afirma que é mais fácil porque o ambiente em que passa quase 9 horas por dia favorece e possibilita essa vivência, mas, ainda tem uma exigência maior com essa prática religiosa.

Novaes (2005) aponta que a religião, ao lado de outros recortes – de classe, de gênero, de raça ou cor, de local de moradia, de opção sexual, de estilo ou gosto musical – pode ser vista como um dos aspectos que compõem a grande diversidade da juventude brasileira. Para essa geração, nada pode ser visto como muito estável, pois o que mais caracteriza é a disponibilidade para a experimentação, o que ocorre também no campo religioso. “São os

jovens os que mais transitam entre vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais” Novaes (2005, p. 271).

Em entrevista¹⁵ ao Jornal do Brasil, Regina Novaes comenta a busca da religiosidade juvenil:

Eles vivem intensamente o presente. E, no presente, eles têm desafios muito importantes. No estudo, no trabalho, do ponto de vista emocional. E o tempo todo eles estão preocupados com o futuro. Vivem esta tensão, entre aproveitar a vida e se preocupar com o futuro. E ficam buscando uma explicação para o sentido da vida. Onde poderiam buscar explicação para tudo isto? Em outras gerações se buscou na família, que transmitia uma educação religiosa. Ou então, num certo ateísmo militante, que também dava um sentido para a vida. O que se esperava era que, a partir do desenvolvimento da ciência e do avanço tecnológico, estas explicações fossem surgir. Mas isso não aconteceu. As pessoas continuam procurando um sentido para a vida e uma forma para lidar com suas angústias e sofrimentos. Os jovens, de qualquer classe social, sofrem. Sofrem pensando no futuro, no mercado de trabalho. Sofrem com a questão da droga. A religião ajuda a tornar o sofrimento suportável.

Os jovens se debatem entre viver o presente e projetar o futuro. As explicações para o sentido da vida buscam na religião. Melucci (1991) discute a intensidade do presente para os jovens, ou seja, a ameaça de reduzir o tempo a um somatório de instantes sem tempo. Diz que as novas patologias dos jovens estão ligadas ao risco de dissolução da perspectiva temporal. A necessidade de sentido para a vida é um caminho importante para manter a relação circular entre passado, presente e futuro. Parece que a religião está cumprindo esse papel. Melhor seria se a agregação das pessoas, para discutirem o futuro, fosse o espaço da participação do cidadão em vários níveis.

As religiões organizam os jovens em grupos. O lazer fica associado à religião, pois se encontram, cantam, tocam, discutem, organizam atividades, brincam, estão sempre em contato com o outro, o que é importante para a identidade juvenil. Participando de um grupo, os jovens partilham angústias e encontram um sentido para a vida, diante da incerteza, provisoriamente e mudança que caracteriza o nosso tempo.

Os jovens registram mudanças significativas que vivenciaram ao participarem do grupo:

“O grupo é um lugar que eu me sinto mais calma, assim, porque eu grito muito em casa e aqui eu manero um pouco. Já aprendi a me relacionar melhor com as pessoas. Mudou muitas coisas... O grupo é um espaço que dá pra gente conversar sobre várias coisas. É um espaço a

¹⁵ Entrevista disponível no site: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cidade/2001/09/08/jorcid20010904004.html>

mais pra gente expor alguma coisa. No grupo a gente não aprende muitas coisas assim como, por exemplo, estudo. Mas eu aprendi muito aqui a respeitar o espaço do outro falar; aprendi a esperar, a aguardar, a ter calma, que nem todo mundo precisa aceitar a minha opinião”.

Juliana

Para Juliana o significado forte do grupo está na convivência, pois foram os momentos de troca com os outros jovens que oportunizaram a constituição de certos valores, princípios e pensamentos. A jovem registra a importância do espaço de fala e de escuta, tão necessários. Cita, também, uma aprendizagem importante que é o respeito ao espaço do outro.

Léo e Gelson revelam:

“É, mudou bastante, mais é a idéia de, na verdade mudou em todas as dimensões da Pastoral: no auto-conhecimento, a relação com o outro, com Deus, com a sociedade. Até pelo fato de conhecer pessoas, conversar com os outros, mudou bastante minha vida.”

Léo

“Mudou o jeito de ver as coisas. Conhecer outras realidades, antes eu ficava no meu mundo e quando comecei a participar conheci outros jovens, outras realidades. Mudou minha visão de mundo.”

Gelson

Os jovens Gelson e Léo são jovens que iniciaram o grupo JOSAC. Têm uma experiência de convivência com outros grupos da Pastoral e participam de várias atividades promovidas pela Pastoral da Juventude. Em seu depoimento, Léo aponta alguns eixos que fazem parte do processo de educação na fé e a relação do jovem consigo mesmo, desenvolvidos pela pastoral da Juventude. No relacionamento com diferentes grupos, registram a importância do grupo para a sociabilidade, pois conheceram outros jovens, mudaram a visão de mundo. Carrano (2003, p. 109) nos diz que a experiência social contemporânea fez da identidade juvenil algo profundamente associado ao hedonismo e ao sentido do lúdico das práticas de lazer, seja na forma de consumo individual do tempo livre ou ainda nas práticas em que o sentimento de pertencimento a um grupo dá a tônica dos relacionamentos.

“Mudou bastante coisa. Porque no início o grupo se criou com uma idéia de Missão Jovem: ir nas escolas e falar com os educandos e eu era totalmente contra essa idéia mas acabei fazendo. Mas o grupo me ajudou a melhorar em muitas coisas, principalmente no meu modo de agir. Eu era muito bloqueado, muito fechado, eu não tinha essa liberdade de estar aqui falando contigo hoje. O grupo me ajudou bastante em formar a minha pessoa; em formar o meu senso crítico; em me posicionar nas idéias, houve amadurecimento. Mudou bastante coisa, assim; chamar, mesmo, à responsabilidade; ser Coordenador de um grupo não é tu ser um simples

participante, que tu vai ali só pra participar. Tem outras coisas muito mais importantes por trás. Então isso desenvolveu bastante a minha pessoa, a minha formação.”

Everson

A colocação do jovem vem ao encontro de um dos objetivos da Pastoral da Juventude que é oportunizar o amadurecimento pessoal, que parte da aceitação de si mesmo, adquirindo auto-estima e confiança, cultivando valores humanos como a fraternidade, a autenticidade, a solidariedade, a comunicação e a capacidade de acolhida ao outro.

Carrano (2003) nos fala que na redefinição das coordenadas espaço-temporais se modifica também o relacionamento com o grupo, componente sempre presente na cultura adolescente. Nos grupos informais contemporâneos parece se propor novamente para os adolescentes a multifuncionalização da antiga estrutura comunitária. O elemento central do grupo passa a ser sua capacidade de poder assumir funções diversas. A identidade com o grupo pode representar uma escolha temporária e variável. O fundamento da nova solidariedade da juventude não se encontraria numa simples adesão ao já dado, mas na capacidade e na responsabilidade de escolher.

Guiddens (2002, p. 180) revela que, quando falamos de instituições específicas de autoridade, a religião tem obviamente um lugar de destaque. Em praticamente todas as culturas menores pré-modernas havia apenas uma grande ordem religiosa – embora tais culturas tivessem seus cétricos, e também dispusessem de magos e feiticeiros para os que divergiam da ortodoxia religiosa. Mas essas alternativas eram insuficientes para o alcance geral da autoridade do sistema religioso dominante. Em sociedades tradicionais maiores, onde as ordens religiosas eram às vezes mais diversificadas, havia pouco pluralismo no sentido moderno: a ortodoxia enfrentava várias heresias. A comunidade local e o sistema de parentesco eram duas fontes adicionais de autoridade estabilizadora, diretamente relevante para a sustentação de relações de confiança em contextos tradicionais. Ambas eram fontes de doutrinas vinculantes assim como de formas de comportamento dotadas de forte compulsão normativa.

A submissão às autoridades tradicionais, por mais profunda que fosse, não removia a incerteza da vida diária nas culturas tradicionais. A força das formas pré-modernas de autoridade quase poderia ser entendida como uma reação à imprevisibilidade da vida diária e ao número de influências percebidas como fora do controle dos homens. As autoridades religiosas em particular, freqüentemente, cultivavam a sensação de que os indivíduos estavam cercados por ameaças e perigos – pois só o agente religioso estava em posição de ser capaz de

entender essas ameaças e perigos e, portanto, de procurar controlá-los. A autoridade religiosa criava mistérios ao mesmo tempo em que afirmava ter acesso privilegiado a esses mistérios. Nos tempos modernos, continuam a existir algumas formas de autoridade tradicional, inclusive a religião. Por razões que têm a ver precisamente com as conexões entre a modernidade e a dúvida, a religião não só se recusa a desaparecer mas até experimenta um ressurgimento.

Os jovens se agrupam para realizar o que desejam no campo da religião, experimentar a segurança, o reconhecimento, a pertença, usufruindo a amizade e praticando a solidariedade como elementos centrais no exercício de sua sociabilidade. E, nesse contexto, a Pastoral da Juventude é um espaço para a troca e o reconhecimento.

7. PARA CONTINUAR PENSANDO

No decorrer dessa pesquisa, procurei aproximar-me dos jovens em seu grupo da Pastoral da Juventude para procurar entender as lógicas internas do grupo, as aprendizagens que constroem, assim como saber das relações que estes estabelecem com outros segmentos externos ao grupo – a família, a escola, o trabalho. A partir das observações e entrevistas, procurei desenvolver um processo de escuta às vozes dos jovens, entendendo-os como sujeitos ativos em seus espaços de atuação.

Percebemos que os jovens estão imersos numa pluralidade, e, por isso, não podemos generalizar e dizer que jovem é ..., jovem faz ..., só podia ser jovem... Falar em condição social juvenil é historiar. Hoje podemos falar de situação social da juventude.

Os grupos culturais se tornam uma referência com os jovens e vão produzindo uma rede de amigos e relações. Há uma ampliação do campo de possibilidades enquanto elaboração de projetos futuros. Onde os jovens estão construindo seus espaços educativos? Como é a relação dos grupos juvenis e a escola? O que é ser jovem? São algumas das questões presentes no desenvolvimento da pesquisa.

Na construção da sua identidade, o jovem ora se identifica com a família, ora com a escola, ora com o grupo. São processos que o indivíduo vai construindo. A família, de forma geral, influencia na religião e também exerce influência na socialização dos jovens. Os jovens registram a preocupação com a família como base, com valores. Essas são algumas temáticas desenvolvidas pela Pastoral da Juventude no âmbito da formação juvenil. Os grupos são uma escolha dos jovens, um espaço de comunicação entre si num diálogo constante com práticas culturais inseridas num mundo global. Nesse processo, envolvem-se, fazem amizades, antagonizam-se e tomam consciência de que a vida com o outro pode ser educadora. Em torno dos grupos, os jovens estruturam experiências importantes, seja por relações de amizade ou solidariedade.

O difuso, aleatório, o contraditório e o imprevisível, presentes nas práticas do grupo da Pastoral da Juventude, são elementos do processo educativo dos jovens e apontam para o que Melucci (2001) chama de provisoriedade dos interesses, das agregações e das escolhas, presente na cultura juvenil. Os jovens pesquisados fazem esse movimento criando uma dinâmica própria para o grupo. Os jovens ligados ao grupo encontram nele uma forma de reconhecimento e acolhida. A vivência no grupo é uma forma de sentir-se parte de algo.

A partir da pesquisa foi possível perceber que as vivências no grupo religioso têm um importante papel na formação pessoal dos jovens. A Pastoral proporciona momentos para a revisão de vida, o debate, as trocas com jovens de diferentes realidades e fortalecem valores. Fatores como a amizade, a solidariedade e a convivência com as diferenças são pontos significativos.

A Igreja ainda é uma instituição tradicional que consegue nuclear os jovens por grupo e dar autonomia a eles e, nesse sentido, parece-me que a Pastoral da Juventude atua como um ‘canto de sereia’ a esses jovens sendo o grupo um espaço da construção da auto-estima, da troca, da amizade, do acolhimento, da crítica, mas, acima de tudo, de construção de uma imagem positiva de si. As vivências em grupo estimulam o jovem a refletir sobre si mesmo, sobre seu lugar social e o mundo que o rodeia, num processo formativo que o ajuda a encontrar sentido para a vida. Afirmam a família como um espaço importante das relações cotidianas. O grupo é um lugar de afeto, de diálogo e de acolhida. Local em que partilham alegrias e tristezas, angústias e reflexão, comunhão e participação. Espaço de convivência, companheirismo e afeto.

No que se refere à relação com a escola, parece-me que o professor não tem referência do que é ser jovem. Pensa a partir da sua ótica, sua juventude. Possui uma formação falha que não lhe permite conhecer aqueles com os quais trabalha. A falta de interesse e disciplina é freqüente nas escolas. Há uma rejeição à escola: tem que ir, mas não é bom; procura estar nela mas com um olho no pátio, na cantina e a partir daí rompe os muros e procura seus grupos. Os grupos são uma opção que lhe gera responsabilidades, autonomia e alegria. Eles optam por grupos religiosos, esportivos, musicais. E lá vão construindo suas identidades. Parece-me que a escola desconhece quem é o jovem na sua rede de relações. No grupo de jovens ele aprende a se comunicar, a não ser preconceituoso, a ouvir, a falar, etc.

Penso que a escola tem duas funções importantes: a socialização e a construção de conhecimentos. No que se refere à socialização, a escola cumpre sua função, mas a construção de conhecimentos precisa ter um novo sentido, pois me parece não dar conta dos anseios dos jovens.

Para os jovens pesquisados, as experiências escolares são diferenciadas. A maioria considera a escola necessária, apesar de não se reportarem às aprendizagens construídas. Apontam como significativo o relacionamento com alguns professores que são diferenciados por terem uma preocupação com os alunos. Parece-me que o currículo fragmentado, coloca-se contra as características do pensamento dos jovens que estão justamente buscando relações e associações entre tudo.

Os jovens pesquisados colocam em questão a imagem de que a juventude é vista como um tempo de quem não sabe ainda o que quer. Foi possível perceber que os conflitos e incertezas existem entrelaçados com projetos de vida. Alimentam sonhos que expressam o desejo de serem tratados com mais respeito pelas opções que fazem.

No decorrer da pesquisa, a partir da convivência com os jovens aprendi a ser mais sensível, a ter outro olhar sobre os jovens em seus diversos espaços (escola, grupo, família, etc). São muitas as inquietações que surgem com relação à escola e, principalmente ao Ensino Médio. Na minha atividade profissional, diversas vezes me pegava refletindo sobre a função da escola, pois percebo que os jovens estão expressando esse “descontentamento” e essa “falta de sentido” para muitas coisas que fazem. Também fica claro na escola a permanência deles pelos amigos que possuem muito mais do que qualquer outro parâmetro que pudesse “atrair” os jovens. Fico pensando no tipo de trabalho que podemos desenvolver com os educadores a fim de que possamos ampliar a visão da juventude. Nesse sentido, a pesquisa me ajudou e melhor visualizar um caminho para a formação dos educadores. Ficam, ainda, muitas questões... qual Ensino Médio atrairia os jovens? Haveria um perfil para os educadores da juventude contemporânea? Que conhecimentos são necessários para dar conta das temáticas trazidas pelos jovens? Que ambiente escolar estimularia esses jovens?

Atuando no Ensino Médio e pesquisando sobre a juventude, não poderia deixar de expressar essas inquietações. A partir dessa pesquisa, parece-me que outros caminhos precisam ser descobertos já que a escola não é mais a única fonte de conhecimento mas ainda

é importante para os jovens, precisando ser ressignificada. Para mim, realizar essa pesquisa foi um processo de novas descobertas e um ressurgir de esperança sobre as juventudes.

8. REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude. In: Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, Número Especial: n. 5: mai/jun/jul/ago e n. 6: set/out/nov/dez, 1997.

ABRAMO, Helena; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO, Marília P. (org). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Ensino Médio: Múltiplas Vozes**. Brasília: UNESCO, MEC, 2003.

ALVES – MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNADJER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 2002.

ARIÈS, Philippe. **Historia Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre; imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BAUER, Martin W.; GASKEL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2003

BERGER, P e LUCKMANN, T. **A construção Social da Realidade**. Editora Vozes, 1985.

BERNARDES, Nara Maria Guazzelli. **Crianças oprimidas: autonomia e submissão**. Tese de Doutorado. UFRGS. Porto Alegre, 1989.

BERNDT, T. J. (1996). *Friendship in adolescence*. Washington: Brooks/ Cole Publishing Company.

BRANDAO, Carlos Rodrigues. **De angicos a ausentes : 40 anos de educação popular**. Porto Alegre : CORAG, 2000. 127 p.

CARRANO, Paulo C. **Angra de Tantos Reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da Cidade**. Niterói: Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, 1999. (Tese de Doutorado)

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Os Jovens e a Cidade – identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

CARRANO, Paulo César R. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CARVALHO, Marília P. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999.

CHAMBOREDON, J. C. “**Adolescence et post-adolescence: la ‘juvénisation’**”. In> SPOSITO, Marília. *Revista Brasileira de Educação*, 1997. n° 6

CIAVATTA, Maria. “Qualificação, formação ou educação profissional: Pensando além da semântica”. *Contexto e Educação, Revista de Educación em América Latina y Caribe*, Unijuí, RS, 13 (51) : 51-55, 1998.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. In: FRIGOTTO, G. CIAVATTA, Maria. RAMOS, Marise. (orgs) **Ensino Médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

Curso de Formação: Jovens, Educação e Participação Social. Promovido pelo Núcleo de Integração Universidade e Escola - UFRGS – Ano 2005.

DAYRELL, Juarez T. A educação do aluno trabalhador: uma abordagem alternativa. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 15, p. 21-29, jun. 1992.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1996

DECOL, René.(2001). **Imigração internacional e mudança religiosa no Brasil**. Campinas, Unicamp.

DUBET, François. **Sociologie de L’expérience**. Paris, Seuil, 1994.

DURAND, Olga. Celestina da Silva. **Jovens na Ilha de Santa Catarina: sociabilidade, socialização**. São Paulo: Faculdade de Educação da USP. (Tese de Doutorado)

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *O lazer no espectro do tempo livre*. In **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FABRINI, Anna & MELUCCI, Alberto. **L’età dell’oro: adolescenti tra sogno ed esperienza**. Milano: Goamgiacommo Feltrinelli editore, 1992.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Concepções e Mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio*. In: FRIGOTTO, G. CIAVATTA, Maria. RAMOS, Marise. (orgs) **Ensino Médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

GALLAND, Oliveira. *Sociologia de la jeunesse: la entre dans la vie*. Paris: Armando Colin, 1991. In: SPOSITO, Marília. **Revista Brasileira de Educação**, 1997. n° 6

GOMES, Jussara. **Família, Escola, Trabalho: Construindo desigualdades e Identidades subalternas**. Trabalho de Livre Docência – USP. São Paulo, 1996.

GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas**. Lisboa: Editorial Estampa, vol 1. 1974

GRAZIOLI, Marco. *Giovani sul território urbano: l'integrazione minimale*. In: Alberto Melucci (org) **Altri codici**. Bologna: Il Mulino, 1984.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2002

GUZMÁN, P. D. & MEJIA, M. R. *De Calles parches galladas y escuelas*. Cinep. Santafe de Bogota Colombia. 1996

HAYS, R. B. (1988). *Friendship*. London: John Wiley & Sons.

IBASE. *Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Relatório Final. São Paulo. 2006

KOSIK, K. *a dialética do concreto*. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1986.

KUDE, Vera Maria Moreira. *Textos de metodologia de Pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Mimeo, 2001

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber. Manual de Metodologia de Pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre, Artmed, 1999.

LEMA, Christiane C. **Amizade: relações de apoio e intimidade na adolescência**. Porto Alegre: Instituto de Psicologia da PUCRS. (Dissertação de Mestrado).

LESLIE SERNA 1997

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **Historia dos Jovens**. Volume 1(da antiguidade á era moderna). Tradução: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin e paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÉVI-STRAUS, Claude. **Antropologia estrutural**. 2 ed. Rio de janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

LLORET, Caterina. *As outras idades ou as idades do outro*. LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de (org). **Imagens do outro**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAGNANI, J. G. E TORRES, L. L. (1996). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp

MALDONADO SANTIAGO, N. La relacion de amistad y la psicologia: aportaciones filosóficas, sociales, psico-evolutivas y acercamientos metodologicos. Tese de Doutorado, Rio Piedras, Porto Rico: Facultad de Ciencias Sociales Graduada, Departamento de Psicologia, Universidad de Puerto Rico. 1997.

Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2004.

MELUCCI, Alberto. A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Tradução: Maria do Carmo Alves do Bomfim. Rio de Janeiro: Vozes, 2001a.

MELUCCI, Alberto. *Il gioco dell'io: Il cambiamento di sé in una società globale*. Giangiacomo Feltrinelli Editore Milano, 1992.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, Número Especial : n. 5: mai/jun/jul/ago e n. 6: set/out/nov/dez, 1997.

MELUCCI, Alberto. Silencio y voz juveniles. Individualidad y compromiso en la experiencia cotidiana de los adolescentes. *Vivencia y Convivencia: teoria social para una era de la informacion*. Madri: editorial Trotta, 2001b.

MELUCCI, Silencio y voz juveniles. Individualidad y compromiso en la experiencia cotidiana de los adolescentes. *Vivencia y Convivencia: teoria social para una era de la informacion*. Madri: editorial Trotta, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MODESTO, Ana Lucia. Religião, escola e os problemas da sociedade contemporânea. In: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1996.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.
Nancy Chodorow, 1990.

NOVAES, Regina e MELLO, Cecília. (2002) Jovens do Rio. *Comunicações do ISER*, número 57, ano 21.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: **Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional**. Editora Fundação Perseu Abramo, .2005

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In ALMEIDA, Maria Isabel e EUGENIO, Fernanda (orgs). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006

NOVOA, Antonio. Jornal do Brasil, Caderno “Empregos e educação para o trabalho”, 13/06/1999, p. 2.

NUNES, Marion K. Memórias dos bairros: Restinga. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In EUGENIO, Fernanda; ALMEIDA, Maria Isabel(orgs). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In ALMEIDA, Maria Isabel e EUGENIO, Fernanda (orgs). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: Jovens, Trabalho e Futuro**. Porto: Âmbar, 2001.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. Juventude e Contemporaneidade. . **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, Número Especial : n. 5: mai/jun/jul/ago e n. 6: set/out/nov/dez, 1997.

PERRENOUD, Philippe. *Pedagogia diferenciada das Intenções à Ação*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

REISS, A. J. (1974). Amistad. In. D. L. Sills (Ed.), *Enciclopedia Internacional de las ciencias sociales*(p. 227 – 231). Madrid: Editora Aguilar .

ROSZAK, Theodore. A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972.

SANDER, Cristiane. Pastoral da Juventude e Formação de Liderança. Porto Alegre, Faculdade de Serviço Social. PUCRS, 2001

SANTOS, Myrian. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS, São Paulo, n. 23, ano 8, p. 70-84, 1993.

SERNA, Leslie. **Globalización y participación juvenil: en búsqueda de elementos para la reflexión.** Revista JOVENes. Edición: Cuarta Época, Año 1, nº 5. México, D.F., 1997, p. 42-57

SILVA, Tomaz. T. Trabalho e Prática social: por uma teoria da formação. Porto Alegre, 1992.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: George Simmel: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

SOUZA, Carmem Z. **No tecer da vida, a juventude; No tecer da juventude, a vida: práticas educativas de jovens de Santo Antônio da Patrulha, em grupos de música e religião.** Faculdade de Educação da UFRGS. Porto Alegre, 2003. (Dissertação de Mestrado)

SOUZA, Janice T. P. Reinvenções da Utopia – Militância política de Jovens dos anos 90. Tese de Doutorado. USP – São Paulo.

SPOSITO, Marília P. (coord). **Juventude e Escolarização (1980 – 1998).** Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002.

SPOSITO, Marília P. **A produção de conhecimentos sobre juventude na Área de Educação no Brasil.** Disponível em: <http://www.hottopos.com/harvard4/marilia.htm> Acesso em 12/06/06.

SPOSITO, Marília P. A produção de conhecimentos sobre juventude na Área de Educação no Brasil. Disponível em: <http://www.hottopos.com/harvard4/marilia.htm> Acesso em 18/06/2005.

SPOSITO, Marília P. Estudos sobre Juventude em Educação. Revista Brasileira de Educação – ANPED. Nº 5 e 6. São Paulo, 1997.

SPOSITO, Marília. Educação e Juventude. In: Educação em Revista. Belo Horizonte: FEA/UFMG, n. 29, 1999.

UNESCO. Políticas Públicas de/para/com juventudes. Brasília: UNESCO, 2004.

UNESCO. Relatório de desenvolvimento juvenil. Brasília: UNESCO, 2003.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

YIN, R.K. **Estudo de Caso: Planejamento e método.** 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000

9. ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Esta pesquisa tem como objetivo central investigar as aprendizagens construídas pelos jovens no grupo da Pastoral da Juventude. O cenário da pesquisa é o bairro Restinga Velha, em Porto Alegre.

Os jovens pesquisados são integrantes do Grupo JOSAC (Jovens Semeando o Amor de Cristo), da Paróquia Nossa Senhora Aparecida. Diário de campo, observação, entrevistas individuais e coletivas foram estratégias importantes usadas na pesquisa.

Procurei respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as entrevistas e observação das reuniões e atividades do grupo. Nos relatos individuais, foi mantido sigilo sobre as informações que possam identificar os jovens pesquisados.

Como responsável por essa pesquisa, procurei esclarecer as dúvidas sobre sua divulgação, deixando os jovens muito a vontade para participar ou não do trabalho.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, Eu _____, RG sob nº _____, concordo com a publicação oral, escrita ou publicação do que foi escrito nesta pesquisa e divulgação de fotos e filmagens em que participei;

Assinatura do(a) Participante

Assinatura da Pesquisadora

Dados da pesquisadora:

Maricia da Silva Ferri – Licenciada em Pedagogia, Especialista em Psicopedagogia, mestranda em Educação pela PUCRS.

Supervisora do Ensino Médio de uma escola da rede privada de Porto Alegre.

e-mail: mariciaferri@hotmail.com Fone(51)9944-6886

ANEXO B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS JOVENS

As informações foram coletadas mediante entrevistas semi-estruturadas a partir do roteiro a seguir:

1. Dados de Identificação

Nome

Idade

Sexo:

Escolaridade:

2. Tópicos geradores:

O grupo de jovens...

O tempo dedicado ao grupo...

O tempo livre...

O cotidiano...

A família....

O sentido da Religião...

O sentido da escola...

O sentido do trabalho...

Como se vê...

Como os outros te vêem...

Como percebe o bairro...

Como acha que o bairro percebe o grupo...

Onde aprendem coisas interessantes...

